

CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,

DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES

ANO 2020 - SEM CORTES (CRÓNICAS 308-374, 2020)

Versão inédita não totalmente editada



CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS
AÇORES
VOLUME 2020



CRÓNICA 308 NUNCA SE APRENDE E A HISTÓRIA REPETE-SE 2.1.2020

Pedem-me para não perder o meu otimismo proverbial, mas começa a ser difícil.

Médicos agredidos por utentes, um jovem espancado até morrer na calma Bragança pouco dada a estes crimes; pais pedófilos a verem a pena reduzida quando a pena de morte pelos seus crimes era pouco; 31 mulheres mortas em 2019 por violência doméstica (muitas vezes sinalizada pelas autoridades); uma idosa de mais de 90 anos morta por ladrões de tostões; e isto não são notícias do canal sensacionalista de televisão, mas vêm em todos os jornais e telejornais.

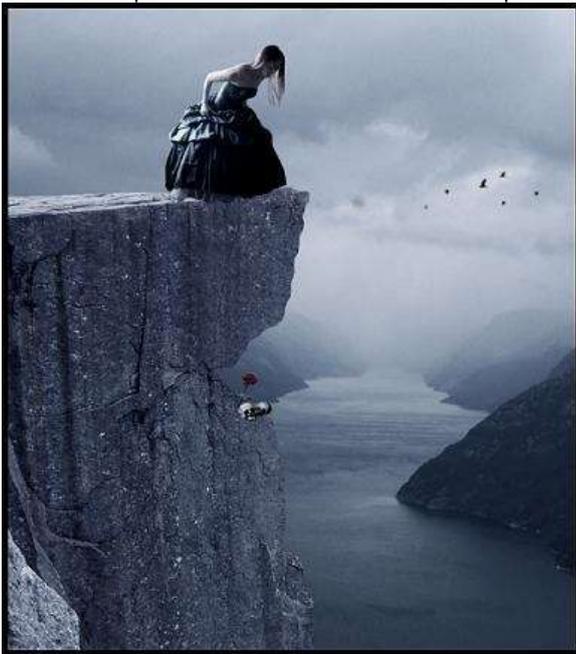
Lá fora nesse mundo vasto as notícias são ainda piores, um pouco por toda a parte, da Ásia, a África, Américas e mesmo na Europa. Uns aproveitam esta maré para desinformação, criação de mais notícias falsas, instilando mais medo generalizado e terror; outros usam-nas para introduzir mais medidas securitárias que coartam a liberdade dos povos.

Não é, pois, de admirar que as sondagens indiquem que um certo partido recém-criado, e com assento parlamentar (e para lamentar) duplicou a sua margem de apoio e ruma para um futuro risonho (para si) ou tristonho (para nós).

A História já nos devia ter ensinado (foi em 1930 a última vez) que é assim que se criam regimes totalitários fascistas, mas, cada vez menos, existem políticos com escrúpulos e dignidade, capazes de colocarem os reais interesses da nação à frente dos seus interesses pessoais e partidários.

As massas seguem adormecidas pelos fogos de artifício (que tanto mal causam à poluição e cujo custo exorbitante bem poderia ser usado para melhorar a vida dos povos que embasbacados os observam), anestesiadas pelos aumentos de taxas, taxinhas e demais impostos, aumentos anuais do custo de vida desproporcionais aos aumentos de rendimentos, inebriadas pelas conquistas desportivas dos seus clubes, e crentes de que tudo se irá compor numa fé inabalável sem fundamento.

Para os mais esclarecidos, lúcidos ou capazes de lerem nas entrelinhas e descodificarem por entre as falsas notícias, os falsos alarmes, o terror institucional e outras manobras, ficou guardado o opróbrio de serem chamados denegridores dos avanços pátrios, e na maior parte dos casos, ficam a falar sozinhos neste deserto com vozes que habitam, incapazes e impotentes de pararem esta marcha silenciosa para o abismo...



CRÓNICA 309 O ORGULHO LUSITANO 8.1.2020

Não podia deixar de começar por esta notícia que me deixa orgulhoso da herança lusitana: a partir de dia 8 de janeiro 2020 as pensões de reforma portuguesas foram aumentadas entre 1,9€ e 6,3 euros mas os aumentos salariais de juízes e procuradores vão custar ao Estado, pelo menos, 11 milhões de euros. Os números são do jornal Público, que analisou as contas de vários tribunais superiores. É que a medida apenas terá impacto nos magistrados que estão no topo da carreira e que passam a auferir um aumento de 500€ mensais....

Há dias alguém comentava que depois do 25.4.1974 nunca as disparidades salariais portuguesas foram tão grandes, e enquanto a maioria dos habitantes perdeu poder de compra, uma nova elite (muitas vezes, a mesma de antigamente) continuou a aumentar o fosso de disparidades.

Um salário mínimo de miséria (dos mais baixos da Europa dos 28), reformas mais miseráveis ainda são as causas de 1/3 dos portugueses não se poderem aquecer, ou às suas casas, nestes rigorosos invernos portugueses.

As comissões bancárias subiram, os combustíveis, e quase tudo aumentou, como é habitual a 1 de janeiro de cada ano, não há dinheiro para pagar as dívidas do SNS e hospitais mas arranjam-se sempre mais uns milhares de milhões para a corrupção e má gestão da Banca e ainda se aprovam aumentos dos seus excelentes gestores.

Hoje mesmo acabo de retirar esta notícia do blogue LIBERTA A EXPRESSÃO.

DE FACTO, OS AÇORIANOS NÃO SÃO GENTE. Um Açoriano fez um programa ESTAGIÁRIO T, numa empresa Açoriana com um salário pago pelo Governo dos Açores. Era um estagiário T do curso de Gestão e a empresa onde ele estagiou só lhe deu trabalhos pesados. Foi servente de pedreiro a demolir casas, foi carregador de sacas de areia e brita e distribuidor de mercadorias, etc. etc. Teve um acidente de trabalho que lhe provocou a fratura de dois discos da coluna e este mesmo sinistro foi recusado pela seguradora com a alegação de que se tratava duma doença congénita. Mesmo sabendo que o estagiário T estava proibido por relatórios médicos entregues, os responsáveis da empresa continuaram a dar-lhe trabalhos pesados para fazer, com a alegação de que não tinham outro serviço para ele fazer.

Desta situação foi dado conhecimento aos serviços competentes do Governo Regional, os verdadeiros patrões do estagiário e quem lhe pagavam o salário, mas estes fizeram ouvidos de mercador. Hoje este estagiário está com uma desvalorização física grave e limitado nas suas movimentações que lhe vão trazer consequências para o resto da vida.

Depois de ver a notícia de que a Disney foi condenada a pagar uma indemnização de 3.5 milhões de euros a uma portuguesa, a qual obrigaram a trabalhar dez dias com três costelas partidas, fica-se com a nítida sensação de que nós aqui nos Açores não somos gente, somos coisas que eles, os governantes e empresários usam para enriquecerem..

Mas tudo vai bem, com um recrudescer de violência gratuita e homicídios a que Portugal não estava habituado, desde agressões a professores, pessoal médico e de enfermagem, a assassinatos brutais (como o do jovem estudante cabo-verdiano em Bragança ou o filho do antigo inspetor da PJ em Lisboa), a ataques de grupos étnicos mais ou menos determinados (mas que não podem ser citados por fomentarem o racismo que sempre grassou por esses lados). Qualquer que seja a origem étnica dos atacantes e das vítimas há que por cobro a estas situações, mas quem se manifestam são os partidos e grupos mais à direita do espectro político (e depois admiram-se deles começarem a ocupar o poder em vários países.

Nem todos são de direita ou de extrema-direita, mas muitos começam a estar fartos da impunidade, das decisões arbitrárias judiciais que mais parece favorecerem os direitos dos criminosos do que os das vítimas. Nem todos são adeptos dos populistas mas são estes que lhes prometem maior segurança e menos injustiças. nos últimos anos os partidos de centro e de esquerda, para ganharem votos aproximaram-se tanto do neoliberalismo económico que deixaram-se de se distinguir (O PS parece o PSD de há uns anos, o PSD parece o CDS, etc.....)

Relendo livros muito antigos com a História da Humanidade vemos como civilizações altamente tecnológicas desapareceram sem se saber porquê, vemos como sociedades altamente desenvolvidas foram alvo de enormes convulsões quando o fosso entre os extremos se acentuava como acontece hoje.

Mais de 3 meses depois do furacão Lorenzo as lojas de víveres (sem receberem navio há um mês) estão vazias nas Flores (e no Corvo) à espera de um navio que há de vir por estes dias, quando vier, se vier, e nada foi feito, e houve mesmo quem pedisse a intervenção das Forças Armadas (Força Aérea) dentre as muitas alternativas de transportar os materiais e mantimentos de que as ilhas precisam, mas vivemos dias de reatividade não de proatividade.

Daqui a uns meses haverá eleições e é preciso começar a anunciar melhores estradas, mais equipamentos desportivos, mais habitação, que deveriam ter sido construídos nos últimos três anos, mas que se guardaram sempre para o ano de eleições como é costume desde sempre.

E o povo que se habituou ao papel de esmolar de subsídios e apoios, desde que começou a era das vacas, deixou de cultivar os campos preferindo importar os alimentos de que carece (até por ser mais barato) e é cada vez menos autossuficiente, e nas ilhas mais pequenas a desertificação humana levou ao êxodo dos mais jovens e cabe aos mais velhos manter os campos arados.

Muito se anuncia e apregoa mas pouco é feito para evitar este calamitoso estado de coisas. Se - ou quando - uma nova guerra mundial eclidir (como agora parece ameaçar) os Açores que dependem de fora para quase tudo ficarão como as Flores de escaparates vazios e barrigas a dar horas., enquanto milhões e milhões são despejados no poço sem fundo das empresas públicas e parapúblicas como a SATA, LOTAÇOR, SINAGA, etc..... cujos prejuízos somados dão um valor astronómico que bem poderia ter sido aproveitado para melhorar os baixos índices da economia, da saúde, da educação, da justiça que nos martirizam e hipotecam o futuro de todos os açorianos.

Que pena tenho de não ter seguido a carreira de juiz... (ou outra das que nunca se prejudicam).

CRÓNICA 310 BOICOTEM OS CTT QUE NÃO SERVEM A NINGUÉM 9.1.2020

A minha carta de condução foi renovada num posto da RIAC a 9.9.2019 e foi-me dada uma guia com a indicação de que dentro de 3 semanas teria a nova carta de condução.

Passados exatamente 4 meses (e a guia já foi carimbada e renovada para mais três meses) indaguei junto da Direção regional de Transportes o que se passava e para meu espanto descobri que a carta havia sido entregue no dia 17 de setembro nos CTT com aviso de receção, no seguimento do registo constata-se que aparentemente houve uma tentativa de entrega dia 20.9.2019 às 17.04 e depois disso a carta desapareceu do sistema... Telefonei à responsável que disse que a carta nunca chegara lá e que ela não era responsável mas que deveria falar com o responsável pela distribuição ... durante 3 abnegadas e pacientes horas liguei para o número sem que ninguém me atendesse.

Agora como a carta se extraviou vou ter de pagar uma segunda via e já antevejo o filme de Herodes para Pilatos, com todos a lavarem as mãos da sua incompetência e irresponsabilidade, sem sequer saberem onde parará dita carta de condução.

Ainda há meses a minha carteira profissional de jornalista renovada anualmente na Austrália extraviou-se, pedi uma segunda via que me chegou passados dez dias e antes de a primeira via chegar 5 meses depois...e se fossem só estes dois exemplos...

Claro que já fiz a queixa no local da praxe, junto com centenas de milhares de habitantes de Portugal e nada acontecerá... por isso, dado que o governo nada faz nem parece interessado em renacionalizar esse serviço (que durante décadas era extremamente bom, antes de ir parar às mãos dos privados) boicotem de vez os CTT, não usem os CTT para nada. Isto não vai com petições, nem queixas nem abaixo-assinados, só com um boicote total eles entendem.

CRÓNICA 311 UMA TERRA DE INGRATOS E QUEIXINHAS 16.1.2020

Ouço regularmente os pais a queixarem-se na costa norte (da ilha de S Miguel, Açores) do mau estado das camionetas trogloditas da CRP que deveriam ter sido abatidas e proibidas de circular, do péssimo serviço de transportes existente com horários inconvenientes e díspares, sem a fluidez necessária, mas convenhamos que são uns ingratos e estão bem melhor do que estes aqui



© Cortes

Ouço os professores a queixarem-se do estado das escolas onde entra água quando chove, onde não há aquecimento no inverno nem arrefecimento no verão, do amianto nas estruturas, da falta de pessoal auxiliar, da falta de atualização dos computadores...mas são todos uns ingratos ...queria vê-los a darem aulas aqui



Vejo doentes, médicos e enfermeiros a queixarem-se de haver hospitais alagados quando chove, com o piso a abater ou sem piso (Portalegre), falta de medicamentos, de equipamentos, etc., mas são uns queixinhas e deviam preferir estar aqui na Venezuela



Para os que se queixam de S Miguel estar com demasiados turistas decerto se trata de saudosistas irreversíveis que preferiam esta bucólica calma de 1970 ou de 1953?



1911—Pontis Delgada—S. Miguel—Açores
Avenida Gonçalo Velho

E, por último não se queixem do custo da habitação ou já se esqueceram de quando viviam em cafuas?



E já agora que falamos disto vamos pensar a sério no turismo que queremos com acesso controlado a todas as regiões do arquipélago que necessitem de proteção (lagoas, Pico, Caldeiras, etc.), taxa de turismo destinada à criação de guardas e controladores nessas regiões, introdução de autocarros turísticos mas ecológicos nas rotas mais visitáveis em cada ilha, em vez da livre circulação de veículos de aluguer e da proliferação de parques de estacionamento; por favor oponham-se à construção de mirantes em betão ou de construções que alterem a natureza; mantenham os trilhos preservados durante todo o ano; limpem as ribeiras (de eletrodomésticos, pneus e demais lixo) e punam infratores; estabeleçam limites e normas mais restritivas a barcos de observação de baleias (whale watching); imponham taxas ecológicas pelo lixo e poluição dos grandes navios de recreio (cruise); criem incentivos à abertura do comércio tradicional na baixa das cidades fora do horário normal e dos dias normais (o turismo não é a função pública das 9 às 5)...; mantenham a animação de rua que esporadicamente vem sendo ensaiada nalguns locais e ilhas, controlem a qualidade e legalidade do AL (alojamento local), TR (turismo rural e semelhante), etc.; proibam a construção de mais hotéis gigantescos evitando a funchalização das ilhas; obriguem as companhias de aluguer de viaturas a entregar um mapa explicativo da circulação – em especial nas rotundas –; acabem com a tolerância policial a carros de aluguer ao contrário do que acontece com os residentes; elevem a qualidade de serviços nos bares e restaurantes através de formação obrigatória a todo o pessoal antes de começar a trabalhar nessas áreas e a todos os que já estão empregados a título casual ou permanente; apoiem a tradução profissional dos menus e ementas (todas as ementas deviam ser, pelo menos bilingues PT En). E agora que já apresentei as minhas queixas e sugestões tenham um bom ano de 2020.

CRÓNICA 312 SÓ ME RESTA REGRESSAR AO PASSADO E EMIGRAR PARA CHINA 22.1.20

Ando muito feliz por saber que há menos desempregados nos Açores do que em qualquer momento desde 2010 (são só 6982), que menos 3364 pessoas estão nos programas de ocupação e formação, que foram criados nos últimos 3 anos 5993 novos postos de trabalho (o vice-presidente do governo não mencionou quantos foram extintos, nem quantos foram sazonais ou temporários), que a construção civil ocupa mais gente, mas ainda ninguém meteu na equação que parte desses números são assim tão bons devido à redução de população dos Açores. A sangria continua com mais de 1500 pessoas ao ano a abandonarem o arquipélago, e as estatísticas a provarem que os que ficam são os mais vetustos, envelhecendo ainda mais a pirâmide etária dos Açores, com repercussões em tudo desde o aumento dos custos da saúde à redução da produção agrícola de subsistência....também ninguém falou no que se perdeu com centenas de greves que afetaram os Açores neste último ano.

Também gosto muito sempre que há eleições regionais pois nesses anos as estradas e caminhos agrícolas passam a merecer a atenção das entidades que se apressam a mandar fabricar alcatrão e betão para as repararem, pavimentarem ou remendarem. Até acredito que será desta vez que vão reparar a estrada entre a Lombinha e a Maia em S Miguel (caminho municipal 519) quase intransitável desde as derrocadas de dezembro de 2015...

O mesmo se pode dizer dos polidesportivos anunciados quatro anos antes e que esperam por este ano de eleições para serem construídos, favorecendo, assim, o crescimento das atividades de obras públicas e construção civil, melhorando os índices económicos da região. E mais uns cobres para as filarmónicas que sempre ajudam a melhorar o astral das populações.

O principal partido da oposição açoriana que anda em crise há muitos anos, elegeu um novo líder para mudar as décadas de governação socialista, mas as teias de subordinação em subvenções, apoios, e outras benesses fazem do povo açoriano um conjunto subsidiodependente, por muito desgostado que possa andar. Vai ter uma tarefa inglória e uma missão quase

impossível pois há muita clientela a satisfazer e, cada vez, menos tachos a oferecer, e sem isso para oferecer lá se vão os votos, dos poucos que ainda se dão ao trabalho de fingirem que a democracia serve para eleger.

As empresas públicas e similares que ainda não fecharam ou transitaram para o seio doutras, estão todas falidas e não comportam mais “boys and girls” do regime, sendo consabido que com a tradicional falta de emprego nos Açores, só as benesses do aparelho partidário garantem empregos chorudos.

A pecuária, que curiosamente apelidam de agricultura açoriana, é o setor mais choroso de benefícios, subvenções e apoios de toda a espécie e mostra-se incapaz de se adaptar aos novos tempos do POSEI (redução de 3,9% prevista este ano), às reduções financeiras de Bruxelas e à conjuntura global.

Na verdadeira agricultura vão surgindo exemplos isolados de pessoas capazes de criarem novas culturas e melhorarem as existentes, sem estarem a pedinchar apoios. Numa fase em que se importa quase tudo do exterior, podem conseguir nichos de mercado importantes. Já aconteceu no passado com o ciclo da urzela (*Rocella tinctoria*) e pastel, do vinho, da laranja, ciclo do chá, do ananás. Agora fala-se muito do café que já cultivado em quase todas as ilhas...

E entretanto vão-se adiando para as calendas necessidades urgentes como a cadeia de Ponta Delgada, o alargamento das pistas do Pico e da Horta, a nova lancha para o Corvo (nesta data em que escrevo passaram 47 dias sem barco e não culpem o clima, o mar, ou o resto, foi por mera incompetência)... para as Flores alugou-se finalmente um barco que chegou a 10 de janeiro (creio) para repor a normalidade mas os tempos mortos, a inação, o esquecimento e a falta de abastecimento atempada decerto não serão esquecidos na mesa de votos.

Depois há os problemas das infundáveis listas de espera para cirurgia (desde que aqui cheguei em 2005 que prometem resolver este problema e o do médico de família para todos), a falta de especialistas nos centros de saúde de ilha, as incongruências dos centros de saúde do Pico e das estatísticas do Hospital da Horta, e em Santa Maria, na Graciosa, etc.

Tinha prometido não voltar a falar da SATA e do seu gestor em tempo parcial, pois quando for privatizada todos terão saudades do que ela é hoje, apesar de estar péssima...mas tem tantos problemas endógenos que os exógenos parecem fáceis de resolver, embora seja mais fácil deixá-la absorver pela IcelandAir ou TAP... à semelhança de Cabo Verde (alguém me disse que na nova administração está o responsável por ter resolvido assim o problema da transportadora nacional de Cabo Verde).



E termino com notícias do ensino sobre o qual nem quero falar. No relatório PISA deste ano pode ler-se que

Mais de metade dos adolescentes portugueses querem ter os mesmos empregos e, a nível internacional, muitos jovens escolhem carreiras que exigem qualificações académicas mas para as quais não pretendem estudar.

Em Portugal, 58% dos rapazes optam pelas mesmas áreas assim como 54% das raparigas. Tendo em conta as respostas dadas nos 41 países, elas querem seguir uma profissão na área da saúde (15,6%), ensino ou gestão de empresas, enquanto eles se focam mais nas áreas das ciências e engenharia: No top aparecem os empregos associados a engenharias (7,7%), seguindo-se gestão de empresas e a área da saúde. Outro dos resultados do inquérito é o facto de o emprego que os jovens sonham ter quando chegarem à vida adulta não ser compatível com as habilitações académicas dos adolescentes. O relatório revela que um em cada cinco jovens escolhe uma profissão que não se adequa com os anos de escola que pretendem ter, um problema que volta a ser mais dramático entre os estudantes de meios socioeconómico desfavorecidos. Ter um emprego acessível, bem pago e com futuro “parece estar a cativar a imaginação de cada vez menos jovens”. A agravar este cenário, o relatório revela ainda que cada vez mais procuram trabalhos em risco de desaparecer, uma característica mais visível entre os rapazes e os jovens de meios socioeconómico desfavorecidos.

E sendo os Açores uma das mais pobres regiões europeias (registaram valores de rendimento mensal médio líquido de 801 euros), recorde um recente estudo do banco Crédit Suisse que diz existirem mais pessoas pobres na América do Norte do que na China. De acordo com o estudo (o estudo mede riqueza líquida e não rendimentos, ou seja, o valor de todos os lucros menos as dívidas), não existe um só cidadão chinês entre os mais pobres do mundo, mas 10% deles estão na América do Norte. Outros 20% entre os mais pobres estão na Europa.

O continente norte-americano tem 10% das pessoas mais pobres do planeta e 30% das mais ricas. A Europa tem, aproximadamente, 20% das mais pobres e 35% das mais ricas. E a China não tem nenhum cidadão entre os mais pobres e cerca de 7% ou 8% entre os mais ricos. uma pessoa precisa apenas de US\$ 3.210 para estar na metade mais endinheirada do planeta em 2015. No entanto, são precisos US\$ 68.800 para estar entre os 10% mais ricos e US\$ 759.900 para pertencer ao top 1%. Enquanto a metade mais pobre dos adultos possui menos de 1% da riqueza total do planeta, os 10% mais ricos retêm 87,7% dos bens. O 1% mais abastado tem metade da fortuna de todas as famílias do mundo.

Acho que só me resta regressar ao passado e emigrar para China, mas aquele programa de reconhecimento facial deles que dá pontos sociais, como nas cartas de condução, não me agrada mesmo nada e, se calhar, não me deixavam escrever estas crónicas com a mesma liberdade de expressão que, felizmente, ainda vamos tendo.

CRÓNICA 313. DEPUTADOS, DEVOLUÇÕES E SURTOS GRIPAIS ASIÁTICOS

Há sempre o perigo de nos olharmos ao espelho e não reconhecermos o que vemos, a este propósito recorde sempre que em 1999 numa ida minha à TV falar do meu primeiro livro da trilogia da História de Timor, Timor o dossiê secreto 1973-1975, o meu filho mais novo, então com 3 anos. ao ver-me no pequeno ecrã, berrar “olha um igual ao meu (pai)”. Vem isto

a propósito das afirmações de um polémico líder partido que quis trasladar o Eusébio para o Panteão Nacional e agora quer “devolver” uma colega sua, deputada da Nação, numa incoerência a que nos vai lentamente habituando na sua conquista da escadaria que, segundo ele crê, o levará ao poder.

Por seu turno a deputada em questão, quer que **todo o património das ex-colónias, presente em território português, possa ser restituído pelos países de origem** de forma a “descolonizar” museus e monumentos estatais. Uma proposta que há anos vem sendo debatida em Inglaterra para a devolução dos seus tesouros à Grécia, entre outros que os museus britânicos foram colecionando como peças do Império.

O novo corona vírus que surgiu na cidade chinesa de Wuhan e causa uma doença pulmonar grave já foi detetado em vários países, onde infetou milhares de pessoas e provocou mais de 130 mortes. O episódio lembra outro surto, o da Síndrome Respiratória Aguda Grave, conhecida como Sars (a sigla em inglês), também causada por um corona vírus, que matou 774 das 8.098 pessoas infetadas, quando eclodiu na China em 2002. Ciclicamente surgem estes surtos asiáticos que para além de causarem vítimas (a gripe matou mais de três mil pessoas em Portugal em 2018) provocam o pânico, a xenofobia e alarme generalizado, enquanto não são contidos e enquanto vacinas não são aplicadas.

Uma das explicações mais lógicas para estes surtos encontram-se nos mercados de animais vivos que se encontram por toda a Ásia, e muito especialmente na China. De acordo com o projeto Global Virome, que visa melhorar a maneira de lidar com as pandemias, existem mais de 1,7 milhão de vírus não descobertos na vida selvagem e quase metade deles pode ser prejudicial aos seres humanos.



Se os mercados chineses fossem assim não haveria vírus

Para quem nunca lá foi ou lá viveu nesses mercados encontram-se além de carne de cães e gatos, animais silvestres e selvagens, vivos para consumo como crocodilos, porcos-espinho, raposas, filhotes de lobo e de veado, roedores, salamandras, pavões, cobras, morcegos, ratos, rãs, tartarugas e tudo que se mexa, como se dizia em Macau quando lá vivi entre 1976 e 1982.

Devemos ter os cuidados necessários, seguir as indicações dos serviços de saúde e evitar comer esses animais, sem pânico nem alarmes exagerados.

Talvez morram mais pessoas por causa de doenças causadas por bactérias em espaços hospitalares do que por estas estirpes de corona vírus. As infeções hospitalares por bactérias multirresistentes causam três mortes por dia em Portugal, ou mais de 1100 por ano, estimou nesta terça-feira um especialista, salientando que este problema deve preocupar todos, dos profissionais aos utentes, segundo anunciava o jornal Público em junho 2018.

Mais levemente foi reportado que um carteiro havia sido demitido depois de milhares de cartas e encomendas terem sido encontradas em sua casa. Fiquei menente com a história e pensei que era essa a razão de eu nunca ter recebido a minha carta de condução enviada em 17 setembro 2019 pela Direção Regional de Viação dos Açores..e ter sido obrigado a pedir uma segunda via... infelizmente o caso ocorreu em Kanagawa, perto de Tóquio, e levou 17 anos de cartas e encomendas não-entregues para os correios descobrirem a causa.

CRÓNICA 314 DE VÍRUS E OUTRAS VIRULÊNCIAS 1.2.20

Enquanto não se sabe bem o que a China tem ocultado em relação ao Corona vírus, surgem imensas notícias falsas e desinformação que raiam desde o inacreditável, a toscas montagens, e ondas de racismo e xenofobia, mas deparei-me com dois documentos recentes que dão que pensar.

Num deles¹ Bill Gates previa num episódio intitulado **The Next Pandemic**, uma pandemia deste tipo originária da China e capaz de matar milhões tendo origem num mercado de animais vivos na R P da China. Nesta data mais de 200 mortos na



China (em 10 mil casos) e outros 98 confirmados em 18 outros países.

A desinformação causa o pânico e obsta a que a pandemia seja controlada, e há quem exija o controlo dos meios de comunicação, incluindo as redes sociais para obviar a isto, e, se por um lado, é louvável esta atitude, por outro, não nos podemos esquecer que os meios de comunicação social e os governos têm uma quota parte de responsabilidade pela desinformação e manipulação da verdade ao longo dos séculos.

Quem beneficia com esta desinformação? Quem tem a ganhar com isto? Será esta pandemia pior que a gripe de 1918 que matou entre 50 a 100 milhões de pessoas (como a população mundial quadruplicou, o total de vítimas seria bem maior..)?

se a pandemia se verificar e afetar todos os países, além dos milhões de vítimas, a economia global colapsaria, o PIB baixaria mais de 10%, os mercados mundiais entrariam em colapso e a Bolsa também,, os bancos deixariam de financiar e o ciclo de medo e baixas expectativas estaria a todo o gás, e a crise duraria mais de uma década. Isto foi previsto numa simulação de um vírus tipo Corona em outubro 2019 no seio do Fórum económico Mundial sob o título Event 201, patrocinado por Joh Hopkins Center, Rockefeller, Johnson & Johnson, Bill Gates e outros.

Aconteceu seis semanas antes do primeiro caso reportado. Bem sei que muitos me acusarão, mais uma vez, de propagador de teorias da conspiração, mas a maior das que abracei estavam certas. Sabemos da guerra sem cartel – a nível da economia – entre os EUA e a China e é fácil verificar quem vai beneficiar (aliás um dos secretários de estado de Trump acaba de o afirmar...)

Dito isto, mal estamos nós aqui nos Açores, se não começarmos a investir a sério na nossa agricultura local e em tudo o mais que possa e deva ser produzido localmente. Sei que o futuro – infelizmente – se encarregará de me dar razão. Seria nisso que deveríamos estar a investir em vez de continuarmos sentados na galinha de ovos de ouro que é o turismo, mas como Mofina Mendes dizia não se deve confiar nos ovos que a galinha irá pôr, a galinha pode adoecer, ser roubada, voar....

CRÓNICA 315. UMA SEMANA DE BOAS NOVAS 5.2.2020

Ando radiante com as notícias do país especialmente com a CP que acaba de nomear mais 124 diretores, ou seja já tem mais diretores que comboios.

Por outro lado sei que além de imensas toneladas de lixo importado da Europa vieram também inúmeros quilos de lixo tóxico (330 mil toneladas em 2018), dado em Portugal haver pouco deste tipo. Os aterros de Azambuja e Ota – Alenquer contam receber mais 79 mil toneladas neste ano.

O desemprego nacional baixou uma média nacional de 6,5% e poderia ter baixado mais se não fossem os açorianos que tiveram uma taxa de 7,9% (embora digam que é a melhor marca em nove anos, o certo é que há sete anos esta taxa está sempre acima da taxa nacional).

Quadro 1: Taxas de desemprego por região NUTS II (NUTS-2013)

	4T-2018	3T-2019	4T-2019	2018	2019
Portugal	6,7	6,1	6,7	7,0	6,5
Norte	6,7	6,6	7,1	7,1	6,7
Centro	5,7	4,8	5,2	5,6	4,9
A. M. Lisboa	6,7	6,4	7,1	7,4	7,1
Alentejo	7,7	7,0	7,3	7,2	6,9
Algarve	7,8	5,3	6,8	6,4	7,1
Il. A. Açores	8,5	7,3	7,6	8,6	7,9
R. A. Madeira	8,9	6,9	7,0	8,8	7,0

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - 4.º trimestre de 2019.



1 Read more: <https://metro.co.uk/2020/01/31/bill-gates-predicted-coronavirus-type-pandemic-kill-millions-2019-netflix-documentary-12159314/?fbclid=IwAR0DYDNWM3DnH88pnB0rpiPLtMqTZr9nfm08TBntRx-qxZfhuqAawDdqSGY?ito=cbsshare>
Twitter: <https://twitter.com/MetroUK> | Facebook: <https://www.facebook.com/MetroUK/>
<https://blog.lusofonias.net/2020/02/01/10-did-bill-gates-world-economic-forum-predict-coronavirus-outbreak-an-inside-look-may-shock-you-you-tube/?fbclid=IwAR2qxchQikNnMHVAQvNRbC-p38fzjWNTWO2sOweEDOXEEGBUomnlc4iY50s>

Não queria falar do Corona Vírus versão 2020, mas a ministra da agricultura, veio, com um enorme sorriso, afirmar que isso “terá consequências bastante positivas para as exportações portuguesas do setor agroalimentar para os mercados asiáticos”. Faltou lembrar-se dos lucros que os casinos portugueses poderiam ter, a partir de 5 de fevereiro, quando todos os casinos, espaços de entretenimento e jogo, cinemas, casas de jogos eletrónicos, bares, saunas e clubes noturnos de Macau encerraram por 15 dias. Sem dúvida que o vírus da idiotice está a propagar-se cem vezes mais depressa que o Corona...

No campo da Justiça esta semana houve uma boa notícia “acabaram as investigações a políticos” por ordem do Ministério Público. O Conselho Consultivo da Procuradoria Geral da República (CCPGR) considerou que os procuradores estão obrigados a cumprir e as ordens dadas pela hierarquia e estas nem sequer devem estar nos respetivos processos. Rapidamente, a atual Procuradora-geral da República, Lucília Gago, através de uma diretiva, determinou que a doutrina do parecer fosse “seguida e sustentada” no interior do Ministério Público. Isto é fantástico pois deixa tempo livre aos políticos para politicarem em vez de andarem a correr do advogado para o tribunal, sem se concentrarem nos verdadeiros interesses.

Ando muito contente com o projeto inovador do novo aeroporto do Montijo que vai fazer emigrar mais de 200 mil aves para os aviões poderem aterrar e levantar voo, enquanto o novo e futuro aeroporto não fica submerso como se prevê que venha a acontecer num futuro não muito distante. Claro que esta opção é bem melhor do que obrigar as pessoas a irem para Beja que só tem capacidade de receber 1,5 milhões de passageiros ao ano e desde que se construisse uma autoestrada até Lisboa, o que como todos sabemos rende pouco (bem menos do que a obras no Montijo) e em Beja ninguém comprou terrenos para expropriar.

E afinal consegui escrever uma crónica toda só com boas notícias.

CRÓNICA 316 EULOGIA AO MESTRE MALACA

Há textos que jamais se espera escrever e este é um deles. Dia 7 de fevereiro 2020 é um dia muito triste, vinte e oito anos e um dia depois da morte do meu pai morreu um dos meus mentores, uma pessoa que muito estimava e que me honrava com a sua amizade.

Escrevo estas linhas, a quente, pouco depois de ter sabido da notícia e tenho pena de não ter acedido aos pedidos dos associados da AICL, Luciano Pereira e do Rolf Kemmler em 2018, quando propuseram fazer uma homenagem aos nossos dois patronos, e decidimos que eles fossem (na nossa assembleia-geral de 2019) nomeados nossos Presidentes Honorários e continuassem como Patronos. Esperava eu que a sua longevidade nos permitisse fazer essa homenagem num colóquio inteiramente dedicado a ambos.

Claro que os homenageamos a ambos durante os anos em que com eles aprendemos tanto quando, connosco, humildemente partilhavam o seu saber.

O Professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio em outubro 2007 com Evanildo Bechara quando ambos aceitaram o meu ousado convite a estarem presentes, e lembro-me, como se fosse hoje, que depois de um dos jantares, no Poças em Bragança, quando regressávamos a pé, à velhinha Residencial Classis onde estávamos todos alojados, eles me perguntarem já perto da meia-noite se eu os queria aceitar como nossos patronos, dado que o primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA falecera em 2004. Nem queria acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal, quando eu me queixava da falta de visibilidade do 8º colóquio em 2007.

Logo a seguir, fruto desse mesmo colóquio em Bragança, a comunicação social daria tanto relevo ao acordo ortográfico de 1990 que ali se debatera, que prontamente o estado português o ratificou e começou a implementar. A partir desse momento, durante anos a fio, em escolas, universidades, colóquios, Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara eram as faces mais visíveis dos colóquios e do AO 1990, da Galiza a Portugal, Brasil, Macau, catapultando estes colóquios para a ribalta.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Língua Portuguesa se pusesse de pé e frutificasse e a sua palavra e as suas estratégias ajudaram a conseguir o que poucos acreditavam ser possível numa Galiza espanholizada e castelhanizada linguisticamente.

Quando em outubro de 2010 fomos vítimas de uma ameaça da Câmara Municipal de Bragança de tomar conta dos nossos colóquios encontrei em ambos, o apoio necessário para avançar a todo o gás para a nossa associação, a AICL, garantindo os direitos de autor do nosso logótipo, do nosso nome e do nome dos colóquios.

Depois, foi Malaca Casteleiro quem coordenou as diligências para irmos a Macau em 2011, no ano a seguir à nossa bem-sucedida ida ao Brasil, onde marcamos presença na conferência de Brasília da CPLP (março 2010), no Museu da Língua em São Paulo e no 13º colóquio em Florianópolis. Assim, acabaríamos por levar uma extensa comitiva de 43 participantes, dos quais 19 totalmente apoiados pelo Instituto Politécnico de Macau.

Recordo as passadas rápidas e vigorosas de Malaca Casteleiro na nossa ida ao Canadá em setembro 2012 pela Yonge St abaixo rumo à Universidade de Toronto onde a Manuela Marujo nos esperava para celebrar os 65 anos de estudos portugueses. Antes disso, em abril de 2009 na Lagoa, o nosso patrono recusara a carrinha de 9 lugares que andava numa lufa, para a frente e para trás, e decidira meter pés ao caminho que separava o teatro da Lagoa da residencial Arcanjo na vizinha Atalhada, onde estava hospedado, e quase conseguia chegar ao mesmo tempo que a viatura.

Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que novel Academia Galega da Língua portuguesa se pusesse de pé e frutificasse.

Já em 2016 em Montalegre, em amena cavaqueira, com ele, e a sua inseparável Conceição, perdemo-nos do nosso guia, o célebre Padre Fontes e fomos a pé cavalgando as ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto os restantes faziam a rota cultural estabelecida.

Mais tarde quando o meu filho João foi convidado pelo Ministro da Ciência e Tecnologia a ir falar a Picoas, ao atual edifício Altice, em maio 2017 nos 30 anos do programa Ciência Viva, o Malaca e a Conceição lá estavam, a partilhar o meu orgulho imenso, jantando connosco e ficando em amena cavaqueira até altas horas quando fecharam o bar do Hotel.

E sempre estiveram connosco desde 2007, menos no ano de 2018 quando a saúde do nosso mestre e patrono o traiu e ele não pode estar presente no 29º Belmonte 2018, 30º Madalena do Pico 2018 e 32º na Graciosa 2019 (por temer a falta de condições hospitalares em caso de necessidade urgente nas ilhas). Ainda em novembro último confirmara a sua presença em Belmonte este ano...

Não vou falar da sua notável carreira, nem da sacanice da perseguição que a Academia lhe moveu nos últimos anos que nos levou em 2009 a propor uma ACADEMIA DE LETRAS DE PORTUGAL mas que infelizmente, não lograria apoios suficientes para arrancar e deixar de ser uma subserviente Secção de Letras da Academia de Ciências de Lisboa, mas recordarei sempre a sua confissão de que tinha vindo de uma família humilde e, como quase todos os desta geração, subira a pulso, fruto de muito trabalho e estudo, coisas que, indubitavelmente fazem falta hoje.

Muitas vezes falamos disto, da ética de trabalho, da necessidade de sermos exigentes e perseverantes.

Guardarei comigo tudo o que partilhamos nestes 13 anos de convívio são e fico eternamente grato pelo muito que com ele aprendi. Continuará sempre como nosso patrono e Presidente Honorário, ele que presidiu à Mesa da Assembleia-Geral da AICL desde a sua fundação em 2010 até à Assembleia-Geral de 2019 e deixo aqui em imagens a sua passagem no nosso seio, que tanto nos ajudou e influenciou. ²



Chrys Chrystello, 9.2.2020 Presidente da Direção da AICL, Colóquios da Lusofonia

CRÓNICA 317 A COMUNICAÇÃO SOCIAL QUE NOS MANIPULA 14.2.2020

Esta semana resolvi ler e ver tudo o que pude da comunicação social nacional e apercebi-me de várias curiosidades. Acidentes, mortes, violência no CM e TVI. Quanto mais violento melhor, quanto mais alarmista, sensacionalista, assustador, melhor.

Em vez de se falar dos verdadeiros problemas do país, ataca-se o SNS (muito imperfeito e subfinanciado) para convencer o pessoal de que os hospitais privados é que são bons... quanto mais se denigre o SNS mais hospitais privados surgem, que nem cogumelos, a atrair doentes.

Arranjam-se causas e causinhas menores para agitar a população, que mais por crença do que por verdadeira decisão informada, se manifesta como detentora da verdade única e absoluta (esta semana é a descriminalização da eutanásia).

Propaga-se tudo e mais alguma coisa – na maior parte dos casos – de matérias provenientes de fora sem se fazer o contraditório ou se pensar a quem interessa a divulgação da informação veiculada, sem análise, nem investigação seja a propósito do corona vírus (COVID19), ou mais mundanamente sobre as alterações climáticas. O que interessa é espalhar o medo, e levar o povinho a aceitar tudo o que os donos do mundo decidam que devem aceitar.

Por outro lado inundam os ecrãs e os jornais com futebol, discutem durante horas se os 2 cm eram fora de jogo ou se havia penálti, ou se o árbitro fora comprado, com acusações entre dirigentes de clubes, provocando os mais básicos instintos nas massas de adeptos e claques (sendo que estas muitas vezes são um viveiro de neonazis e outras franjas da sociedade).

Enchem-nos de imagens de riqueza de jogadores disto e daquilo, criando a sensação de que qualquer um de nós pode atingir esse estatuto de riqueza incentivam um consumismo desenfreado para criar a impressão de que necessitámos mesmo do último modelo de telefone ou de outro qualquer equipamento.

Descrevem sempre o país como o melhor em todas as trivialidades sem jamais mencionarem os verdadeiros heróis, os inovadores, os criadores que em Portugal ou no estrangeiro são peritos nas suas áreas científicas.

A literatura (sem ser a que é produzida em massa, ou feita a martelo, como dantes havia a literatura de cordel) ou as artes são menosprezadas e consideradas uma reserva de elites cultas. Por idêntico motivo a poesia, o teatro, o bailado parecem ser especialidades favoritas dos internados em manicómios.

Se pensam que mais uma vez deliro, transcrevo adiante as preocupações dum especialista que impulsionou a iniciativa BRAIN, a maior aposta já feita na descoberta dos **segredos do cérebro**. “Temos uma responsabilidade histórica. Estamos num momento em que podemos decidir que tipo de humanidade queremos.” São palavras de peso, de Rafael Yuste, neurocientista espanhol, catedrático da Universidade Columbia (EUA) que sabe bem o que a neurotecnologia, já é capaz de **ver e**

² As imagens serão projetadas no 33º colóquio em abril 2020 Belmonte é o 2º mentor e 2º patrono dos colóquios que nos deixa....jose augusto Seabra em 2004 e agora o Malaca..

fazer em nossas mentes. E teme que isso escape de nossas mãos se não for regulado. O homem que impulsionou um projeto de seis bilhões de dólares nos EUA para investigar o cérebro enumera com preocupação os movimentos dos últimos meses. O **Facebook** investiu um bilhão de dólares numa empresa que trabalha na comunicação entre cérebros e computadores. E a **Microsoft** desembolsou outro na iniciativa de inteligência artificial de **Elon Musk**, que investe 100 milhões na Neuralink, uma companhia que implantará fios finíssimos no cérebro de seus usuários para aumentar suas competências. E o **Google** está sigilosamente **fazendo esforços semelhantes**. Chegou a **era do neurocapitalismo**. “A privacidade máxima de uma pessoa é o que ela pensa, mas agora já começa a ser possível decifrar isso”, alerta Yuste. Em 2014, cientistas conseguiram transmitir “olá” diretamente do cérebro de um indivíduo ao de outro, situado a 7.700 quilômetros de distância, por meio de impulsos elétricos. Em vários laboratórios foi possível recriar uma imagem mais ou menos nítida do que uma pessoa está vendo apenas analisando as ondas cerebrais que ela produz. Graças à eletroencefalografia, cientistas puderam **ler diretamente do cérebro** palavras como “colher” e “telefone” quando alguém pensava nelas...

Agora imaginem os poderes de quem dispuser desta tecnologia.

CRÓNICA 318 SÓ BOAS NOVIDADES 20.2.20

Já não era sem tempo, os CTT adaptam-se aos tempos modernos escolhendo um logótipo igual em vacuidade aos seus serviços, um logo vazio de simbolismo....



Os Açores segundo o jornal Correio dos Açores vão começar a criar a mais cara carne Wagyu.

Como a TAP foi proibida de voar para Caracas e acusada de um montão de coisas, Portugal veio reconhecer Nicolas Maduro como líder de facto daquele país, depois de, no ano passado, ter reconhecido o autoproclamado Guaidó....economia a quanto obrigas!!!

A APAV registou 358 processos de apoio a vítimas de crime em 2018 e desses a grande maioria é relativa a violência doméstica. Finalmente reconhece-se a existência de um cancro na nossa sociedade. Já não era sem tempo...falta agora fazer o mesmo para a pedofilia...

O novo barco do Triângulo, o Mestre Feijó teve a sua primeira avaria poucos meses depois de ter entrado ao serviço, novinho em folha.. esperemos que a rampa da popa seja reparada prontamente.

A Secretária Regional dos Transportes disse que não se esperam grandes males pela greve dos estivadores em Portugal, e aposto que se a coisa correr mal a culpa vai ser dos serviços mínimos. Entretanto virá aí mais um estudo sobre os transportes marítimos que tantos problemas causam às ilhas de menor população.

Alberto Souto de Miranda, secretário de Estado adjunto e das Comunicações, em defesa do aeroporto do Montijo, num artigo de opinião escreveu que "os pássaros não são estúpidos e é provável que se adaptem", sustentando que "este postulado arriscado é tão cientificamente sólido como o seu contrário: o de que eles não vão encontrar outras rotas migratórias, outras paragens estalajadeiras, como no Mouchão. Ciência sem dados comprovados não é ciência". Já estou a ver os pássaros todos a dizerem vamos emigrar para o aeroporto de Beja que este do Montijo foi chão que deu uvas... fico satisfeito com a cientificidade destes nossos governantes.

Mais perto houve quem criticasse um estudo sobre as probabilidades do Covid19 (corona vírus) chegar aos Açores apresentado em artigo de opinião do Professor Félix Rodrigues e mais pessoas da área da Saúde, mas a crítica em nada adiantou apesar de todos estarem confiantes de que o país e os Açores estarem preparados para a doença...

Por último falou-se de racismo a propósito do futebol, e das injúrias a uma árbitra de patinagem nos Açores, mas apesar das horas gastas sobre o tema, sempre se ouvem as costumeiras vozes de que não há racistas. Uma sondagem da Eurosondagem em 2016 apurava que 16,4% eram abertamente racistas)...mas quem não se lembra das anedotas de escola e dos ditos socialmente aceites há 50 anos “não sou racista, tão depressa aperto a mão a um branco como o pescoço a um preto”, “se não comes corto-te as tranças e dou-as aos ciganos”... “os pretos da Guiné lavam a cara com café”, “isso é trabalho de preto”, “a coisa está preta”, e tanta outra frase que nos habituaram a incorporar no nosso léxico, mesmo sem darmos conta da sua carga racista.

CRÓNICA 319 DO VÍRUS AO TURISMO 27.2.20

O COVID-19 (corona vírus que começa ser designado como SARS-CoV2) continua a sua marcha pelo mundo, acompanhado de uma dose maciça de intoxicação televisiva, raramente citando que só **na Europa morrem todos os anos cerca de 60 mil pessoas com a gripe normal** (500 mil pessoas por ano no mundo).

pânico e medo provocado pelas fake news faz com que o COVID-19 seja quase o fim do mundo (em Portugal andam todos desejosos de terem um infetado, acham que estão a perder ...), mas visto bem, todos os dias morrem mais pessoas por

outros vírus. Em média, há mais de 400 mortes por pneumonia em Portugal na população adulta, todos os meses (são 16 mortes por dia). E já matou 40 por dia... no ano passado. Se fosse assim tão simples e desprovido de pânico, não se justificaria a construção de hospitais em dias, com milhares de camas.

A memória das pessoas é curta ... esqueceram as últimas pandemias, em que morreram cerca de 100 milhões (gripe espanhola H1N1 conhecida como a “pneumónica” em 1918 de 20 a 40 milhões de mortes; 1957 gripe asiática mais de um milhão de pessoas; 1968 a gripe de Hong Kong H3N2 cerca de um milhão; a gripe aviária apenas vitimou 387 pessoas em 1997 Hong Kong; a SIDA matou 25 milhões em 25 anos; a SARS-CoV em 2003 matou 774 pessoas, a doença das vacas loucas em 2007, e houve ainda outras como a gripe suína em 2009...e na gripe H1N1 entre 2009 e 2012 morreram 300 mil pessoas)

A ministra da saúde nacional e a sua congénere açoriana não se cansam de nos descansar a dizer que o país e a região estão prontos para lidar com a situação.

Acho sobranceiras estas declarações, no caso de a doença se tornar numa pandemia, como pode acontecer (se é que não aconteceu já, embora não oficialmente declarada pela OMS).

O vírus, nesta fase terminal da globalização chegará, mais cedo ou mais tarde, com mais ou menos vítimas. Nunca saberemos ao certo quanto morreram na China, os outros países, uns mais do que outros, poderão revelar os dados reais ou não, para evitar o alarme social que isso implica.

Tem sido propagada a ideia de uma baixa taxa de mortalidade para este surto desta variante 80 mil infetados e 3 mil mortos, mas se considerarmos como reais os números apresentados vemos que a percentagem de mortes em relação às curas quase atinge 10%.

Para além das vacinas que irão surgir a breve trecho criando uma corrida desenfreada e o enriquecimento das farmacêuticas (uma indústria de 35 biliões de dólares liderada por quatro firmas: a britânica GlaxoSmithKline, a francesa Sanofi, e as norte-americanas Merck e Pfizer) que as coloquem no mercado, há várias consequências da propagação da doença: um enorme abrandamento da atividade económica, a subida do custo de vida (pois cada vez menos se importará da China, que detém o monopólio de produtos baratos), o abrandamento dos movimentos estudantis em vários países (com enormes perdas para as universidades de acolhimento), um eventual cancelamento do Euro e Jogos Olímpicos entre outros intercâmbios desportivos mundiais, (em dois dias a bolsa de valores S&P perdeu 1,7 triliões de dólares), a redução drástica de viagens e consequentemente do turismo que alimenta as economias de Portugal e dos Açores.

Será neste contexto que o corona vírus causará mais danos, caso a sua mortalidade seja semelhante ao da vulgar gripe “influenza”, e aí senhora ministra e senhora secretária regional da saúde, nem o país nem os Açores estão preparados. É o mal das monoculturas ou neste caso a dependência extrema numa só componente de crescimento económico.

Não tenho soluções nem respostas, e muito menos preparação, para sugerir seja o que for e embora seja contra a teoria vigente de impor o medo às populações mundiais (populações amedrontadas são mais facilmente manipuladas) e de embarcar em alarmismos prematuros, creio que nos devemos preparar para mais uma enorme crise económica global e, quem sabe, se não implicará o fim desta fase da economia global que aumentou a interdependência de todos os países (ou quase), enquanto aumentava o fosso entre os que têm e os destituídos.

Daqui a semanas poderemos avaliar melhor o impacto desta crise

CRÓNICA 320, DO VÍRUS AO PIB 5.3.20

No ano passado morreram em Portugal mais de 3 mil pessoas vitimadas pela gripe comum, nestes últimos dois meses e meio morreram em todo o mundo pouco mais de 3 mil pessoas (3241 das quais 2981 na China e mais de 50 mil das 94750 infetadas já recuperaram), mas a acreditar na comunicação social alarmista parece que morreram milhões..

A disseminação do COVID-19 foi acompanhada, em todo o mundo, por certos surtos epidémicos de fake news, teorias da conspiração, ataques xenófobos e racistas. Infelizmente, a solidariedade foi banida do vocabulário como se viu esta semana com guardas gregos a dispararem sobre refugiados...

Já ninguém fala no vírus da fome que mata diariamente 8500 crianças por dia (24 mil mortes diárias no total), em virtude de desnutrição, talvez por não ser contagioso par as classes privilegiadas.

... e enquanto falam da epidemia esquecem que no mapa comparativo do PIB per capita, na EU, EM 2015 Portugal era 13º, 2016, 14º, 2017 era 15º, 2018 era 16º, 2019 será 17ª atrás da Eslovénia, Chipre, Eslováquia, Estónia e Lituânia faltando agora ser ultrapassado pela Grécia e Letónia atuais 18º e 19º...

PIB per capita, países da zona Euro (Liga dos Últimos)

2015	2016	2017	2018	2019 (previsão)
12 Chipre	12 Chipre	12 Eslovénia	12 Eslovénia	12 Eslovénia
13 Portugal	13 Eslovénia	13 Chipre	13 Chipre	13 Chipre
14 Eslovénia	14 Portugal	14 Eslováquia	14 Eslováquia	14 Eslováquia
15 Eslováquia	15 Eslováquia	15 Portugal	15 Estónia	15 Estónia
16 Lituânia	16 Lituânia	16 Estónia	16 Portugal	16 Lituânia
17 Estónia	17 Estónia	17 Lituânia	17 Lituânia	17 Portugal
18 Grécia				
19 Letónia				

Ora isto para maioria dos mortais significa que as políticas seguidas não estão a resultar e cito o meu amigo José António Salcedo “Perante evidências como esta, políticos inteligentes, responsáveis e orientados ao serviço público alterariam de imediato as políticas que têm vindo a conceber e executar para introduzir alterações importantes considerando reformas estruturais essenciais. Por exemplo, penalizando o consumo e despenalização o trabalho e o investimento. Por exemplo,

diminuindo a peso do Estado na economia para libertar o potencial das pessoas e das empresas para criar valor. Por exemplo, atribuindo a Educação e à qualificação real dos cidadãos a importância estratégica que elas de facto têm para o desenvolvimento do país. Por exemplo, elevando significativamente os padrões éticos exigíveis à conduta de políticos, magistrados e gestores públicos. Por exemplo, transformando a Justiça num instrumento acessível a todos e garante da democracia. Por exemplo, combatendo a corrupção com o vigor de um desígnio nacional. O país precisa de uma nova geração de líderes que conheçam por experiência o valor do trabalho e que, sendo competentes e tendo "responsabilidade" como um valor central da sua cultura, incluindo a sua dimensão ética, estejam orientados exclusivamente para o serviço público."

Para este fim, como para o COVID-19 ainda não há vacina e este surto do corona irá abrandar a economia mundial de forma marcada (e a portuguesa (e a açoriana também), mais fragilizada, será duramente atingida por estar tão dependente do turismo...).

CRÓNICA 321...É A ECONOMIA, ESTÚPIDO, MAS A SAÚDE VEM PRIMEIRO

Esqueçam a economia e pensem na saúde..vai ficar mais caro se formos infetados...não devíamos permitir a acostagem dos navios de cruzeiros previstos este mês em Ponta Delgada a menos que tenham estado de quarentena 14 dias e depois de serem testados...penso eu que seria lógico fazer isto para prevenir..ou vamos permitir que um eventual infetado venha infetar toda a ilha???? os cruzeiros têm elevado risco....copiemos Macau que vive do turismo e dos casinos e teve a coragem de fechar tudo por mais de duas semanas e evitar mais casos.... e para aqueles que protestam pois vivem do turismo lembro o que se passa na turística Itália com esta imagem



Todos dirão que não poderíamos viver sem o turismo, mas teremos de viver sem ele, logo que comecem os casos infecciosos nos Açores. Mais vale prevenir agora, redobrar os cuidados, a triagem, intensificar as campanhas de lavagem de mãos e demais medidas antes que alastre. A Itália com uma população envelhecida (a dos Açores também o é) está em 2º lugar no número de mortes, e tem mais recursos hospitalares do que nós nos Açores.

Aumentem a triagem nos aeroportos e barcos, e, se assim o entenderem, fechem os Açores como Macau se fechou por um tempo...era doloroso ver casinos e ruas vazias mas agora estão sem nenhum caso e só tiveram dez casos infetados.

Alarmismo? Exagero? Talvez, mas continuo a pensar que há momentos em que é preciso coragem e mais vale prevenir agora do que tentar remediar depois....Dizem os médicos de Itália que a maior parte dos casos necessita de aparelhos de ventilação assistida e não os temos cá, nem sei se haverá suficientes nos hospitais portugueses.

Deixem de pensar no dinheiro e no turismo, pois sem saúde nem dinheiro, nem turismo.

CRÓNICA 322 PRECISA-SE DE UM HOMEM NOVO NESTE MUNDO VELHO 10.3.2020

AO CONTRÁRIO DO QUE É COSTUME NÃO VOU FALAR DA PANDEMIA!

As acostagens de navios de cruzeiro que pedi há dias irão ser proibidas, e, enquanto isso o povo estúpido deste meu país no dia em que se decreta a pandemia foi para praias....e os que não foram à praia foram ao supermercado açambarcar o que podiam.



O que me preocupa é a idade e o facto de a minha mulher ser doente com Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica, e de saber que quando uma pandemia destas chegar não haverá ventiladores que cheguem para todos, e será como em Itália, à moda da guerra, salvam-se os mais aptos (leia-se os mais novos) e vivemos num país de velhos...muito velhos sem dinheiro para medicamentos normais, sem dinheiro para aquecerem as suas casas, sem dinheiro para se alimentarem adequadamente e fortalecerem o seu sistema imunitário.

Sei que isto é uma catástrofe para o turismo, mas ando aqui há anos a escrever que deviam deixar de construir hotéis às centenas nos Açores e depender do turismo como do pão para a boca pois a bolha podia rebentar (sempre pensei que rebentasse pelas companhias aéreas que agora irão explodir em falências), mas ninguém me quis ouvir e quase rara era a semana em que não se anunciava um novo empreendimento turístico...ainda bem que o alojamento local serviu para recuperar muita casa na zona histórica de Ponta Delgada... Nas outras ilhas os hotéis não nasceram como aqui, à moda de cogumelos ou coelhos...

A ganância, a falta de visão, o lucro fácil e rápido sempre superou o pensamento lógico e agora vamos assistir ao peditório do costume no Palácio de Santana... os hotéis que ficarem vazios podem ser facilmente convertidos em lares para a terceira idade de que tanto carecemos nestas ilhas...

Pode ser que daqui nasça um novo paradigma de se pensar mais no ser humano em vez do lucro... quem sabe se a Humanidade tão egoísta e autocentrada aprenda algo com esta crise, ou talvez continue como sempre fez ao longo de milénios, sem nada aprender e a repetir os mesmos velhos erros.

Haverá sempre mais umas guerras e uns milhões na fome e miséria que esses nunca incomodaram os senhores do mundo.

CRÓNICA 323 FECEM AS PORTAS AO VÍRUS, EXIJO O FECHO DAS FRONTEIRAS AÉREAS NOS AÇORES 14.3.2020

Carta aberta ao Presidente da República, 1º Ministro e Presidente do Governo Regional dos Açores

Escrevo a quente no momento em que a Madeira coarta a entrada via aérea a várias nacionalidades, enquanto aqui todo o bicho careto, infetado ou não, continua a entrar nos nossos aeroportos como se nada se passasse. Paraphraseando o colega Diretor do Diário dos Açores "A vida de um açoriano vale mais do que um avião cheio de turistas".

Não faço ideia de quanto vale uma vida em Portugal mas pelo que vejo não deve valer muito.

Luís Aguiar-Conraria (filho de um grande escritor açoriano, Cristóvão de Aguiar) escrevia no Expresso de hoje "É verdade que quando se fala em políticas públicas não faz sentido dizer que a vida não tem preço. Se cada vida tivesse um valor infinito, a implicação seria que estaríamos dispostos a gastar milhares de milhões de euros para salvar uma vida, o que, obviamente, não é o caso. Mas como definir o valor de uma vida?... vários estudos concluem que o valor estatístico de uma vida anda entre os dois a dez milhões de euros. Ou seja, mesmo que esta crise viral não tivesse qualquer impacto no PIB, se o resultado fosse a morte prematura de, digamos, 5 mil pessoas, para um economista isto seria muito mais grave do que uma enorme recessão. Na verdade, corresponderia a uma quebra de 14% do PIB, uma recessão quase sem precedentes.

Felizmente aqui nos Açores ainda damos valor à vida dos açorianos e queremos continuar assim, já basta a contaminação na Ilha Terceira causada pelas tropas norte-americanas, os cancro que poderíamos não ter, o custo da insularidade, o custo da desertificação das ilhas, a sangria permanente que sofremos em virtude da nossa insularidade, de 500 anos de abandono pela mentalidade colonial centralista de Lisboa, o clima cheio de contingências, os sismos e os vulcões, a continuada dificuldade de ligações interilhas e tanta outra coisa que nos caracteriza...

Sabemos que esta crise vai custar caro em termos de uma economia sobredependente do turismo mas interessa, o PUB vai cair abruptamente, empresas vão falir, e muita miséria virá se continuarmos a pensar nos \$\$\$ em vez de pensarmos nas pessoas ou se continuarmos a pensar no equilíbrio orçamental que a EU nos impõe em vez de pensarmos nos portugueses (às vezes não parece mas os habitantes dos Açores são tecnicamente habitantes de Portugal).

Interessa, para já, salvar vidas e depois reconstruir o tecido social que nos rodeia. Por isso, reúnam economistas e médicos e quem mais quiserem, mas decidam já o fecho de fronteiras para tentar salvar o máximo de pessoas, a população portuguesa já é idosa em demasia para se poder reconstruir o país e precisamos de todos, cada vida perdida é menos economia futura... o dinheiro que deram à anca teria dado para comprar muitos ventiladores e equipar melhor todos os hospitais... e se sempre houve dinheiro para a banca, agora tem de haver dinheiro para fechar as fronteiras, esquecer o turismo e pensar-se em salvar vidas, pode ser a minha, a nossa ou a vossa.

CRÓNICA 324 PERGUNTAS SEM RESPOSTA VIRAL 17,3,20

Acordo neste oitavo dia de quarentena autoimposta, ainda me sinto saudável mas assolado por dúvidas.

Se só há ou havia, 4 ventiladores nos Açores o que foi feito para arranjar mais para mais hospitais e / ou centros de saúde? O Presidente da Câmara Municipal do Porto arranjou maneira de os chineses trazerem mais alguns, e nós cá o que fizemos, o que estamos a tentar fazer?

Faltam máscaras por toda a parte, será que algo foi feito para termos mais e para as distribuirmos por hospitais e pela população em geral? Eu encomendei as que pude e não eram baratas. O meu filho ontem teve de ir à farmácia e ao veterinário com uma e olhavam para ele como se tivesse a lepra, mas o normal era ele usar uma para tentar reduzir os riscos. Depois de chegar despiu-se e toda a roupa foi lavada a 60 °C. mas não vejo muitas recomendações nesse sentido para os que trabalham fora de casa? Ou será porque vivo numa zona rural da costa norte de S Miguel e os vaqueiros pensam que não contrair o vírus nas vacas? Se calhar nem sabem que o vírus existe pois continuam a frequentar os cafés e tascas como se nada se passasse.

Quando formos atingidos como vai ser? A Força Aérea vai evacuar todos os infetados como estava previsto? E haverá lugar para eles serem tratados na Península Ibérica? Cá, já sabemos que não temos meios para os tratar. Temos meios da Força Aérea para acudir a todas as ilhas que precisem de evacuar doentes?

Tudo isto me preocupa e fico sem respostas, quando em volta a vida no campo decorre como se nada se passasse, excetuando as escolas fechadas a vida aqui decorre normalmente na calma ancestral destas freguesias rurais.

E quando não houver ventiladores para os infetados? (creio que eles nem chegam para os doentes normais de Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica que cá temos, a minha mulher sofre duma doença deste tipo e eu preocupo-me..) e quando não houver meios de evacuar os doentes nas outras ilhas?

Falta álcool etílico nas farmácias e grandes superfícies e ontem no jornal anunciavam duas lojas em Ponta Delgada a vender pequenos frascos a 15 euros. Pergunto onde anda a nossa ASAE (IRAE) depois destas denúncias?

Ao fim de tantos dias em casa estarei a ficar paranoico com as notícias de mais e mais casos na Espanha, Noruega, China, Itália, etc....? espero que não mas gostava de ter mais certezas e mais respostas, mas suspeito que aqui nos Açores vamos ter de nos desenrascar sozinhos e sem meios para o que aí vem... cancelem as obras faraónicas e vão buscar ventiladores ao fim do mundo para termos algumas hipóteses de sobrevivência. Isto são meios pequenos e fechados, se um apanha toda a freguesia fica contaminada, é assim em circuito fechado que a vida nestes locais funciona....talvez não tanto em Ponta Delgada, Angra ou outras cidades e vilas...

E aqui fico a aguardar o desastre anunciado enquanto em Lisboa o Presidente da República se esconde e convoca um órgão consultivo de velhos sem contacto com a realidade pois quer escudar-se se a sua decisão correr mal, o que corre mal é a sua indecisão....e o governo da república que quer a todo o custo manter a economia a funcionar não entende que ela vai parar, mis tarde mas de forma mais prolongada, quanto mais tarde a parar.

CRÓNICA 325 E AGORA? SAIRÁ DAQUI UM NOVO MUNDO OU REPETIREMOS O VELHO? 19.3.2020

E agora que sentimos o total peso da insularidade arquipelágica açoriana, sem aviões nem barcos para as outras ilhas, resta-nos esperar que tenha sido a tempo de estancar esta nova peste que assola o mundo.

Uma medida que sempre dissemos ser necessária, e, que, talvez peque por tardia, muito por causa dos que nos comandam à distância e para quem estas ilhas são ainda adjacentes.

Tenho visto pela blogosfera críticas à governação, tribalismos, bairrismos e outras querelas partidárias que não deveriam existir neste momento, pois esta fase tem de ser de união, para nos tentarmos salvar da ameaça externa à nossa sobrevivência.

Lá mais para a frente, quando houver eleições, podemos todos dizer de nossa justiça, se o direito ao voto não tiver sido consumido nesta declaração de emergência nacional. Para já devemos sob o risco de soçobrarmos, manter-nos unidos, como aconteceu ao longo de séculos de ameaças, piratas e corsários, castelhanos, vulcões e terremotos, por qualquer ordem aleatória de desgraças que sempre pairaram por sobre estas ilhas.

Apesar da cultura de medo que a comunicação social global nos tem incutido, devemos pensar positivamente. Se, e quando, a crise for debelada, será uma oportunidade única de repensarmos a nossa existência neste planeta, o único onde podemos habitar, tanto quanto sei, e não há plano B nem planeta B como alternativa e nem todos dispõem de bunkers subterrâneos como alguns ricos por esse mundo fora.

Há mudanças climáticas graves e nem me interessa saber se há aquecimento global ou nova época glacial, sei que há alterações profundas em terra, mar e ar, que ninguém pode negar. Se até agora não tinham resultado os apelos de cientistas, de leigos e de todo o tipo de gente (talvez bem-intencionados mas até um pouco histéricos como a jovem Greta), o vírus veio dissipar nuvens de poluição em todo o mundo, com a paragem forçada de fábricas, minas, explorações de petróleo e tanta outra atividade poluente. Peixes e golfinhos voltaram a águas límpidas em Veneza, segundo dizem, e até os céus pareciam mais azuis como antigamente e as estrelas mais brilhantes nos céus noturnos.

O vírus proporcionou-nos uma oportunidade única de pensarmos se queremos continuar nesta corrida desenfreada de consumismo que o capitalismo selvagem do século XXI nos impunha. Chegou a altura de indagar se em vez de terraformarmos Marte não seria mais oportuno humanizar a Terra?

Agora que vai renascer o desemprego e a economia vai parar em grande parte do mundo, será que os governos se vão reinventar e em vez de ajudarem a capitalizar bancos falidos e corruptos, será que vão ajudar as pessoas e estimular a economia através do indivíduo, ou meramente vão adiar os compromissos bancários acrescidos de juros. É altura de repensar a sociedade e a economia, retirando-a de padrões sistémicos que só criaram desequilíbrios: reinvente-se a sociedade e a economia.

Esta crise pandémica só veio provar que o mundo tem andado com as suas prioridades erradas, cortando na saúde e gastando no demais, e a produtividade um país só cresce com uma população saudável, ou seja, ao contrário de Portugal uma população que possa gastar dinheiro em medicamentos, em aquecimento no lar, em alimentação com proteínas e por aí adiante.

Para que a população tenha saúde é necessário termos gente educada e ensinada, o que também deixou de acontecer... com a vontade e arreigamento ao poder, tem-se buscado populações ignorantes e seguidistas para mais facilmente as manipulem, mas esta atitude só conduz à tomada de poder por forças políticas racistas, xenófobas, ignorantes, advogando a supremacia branca e não à manutenção do poder das forças políticas tradicionais. Assim foi sempre com os nazismos ao longo da história.

Há tudo por fazer, vamos aproveitar este período de quarentena forçada para pensar num futuro melhor.

Cito Jack Kérouac

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias mantereirei a minha saudável loucura



CRÓNICA 326. O ADVENTO DAS DITADURAS 23.3.20

Há muitas teorias a explicarem o surgimento das ditaduras, e o momento atual é mais propício que nunca a esse surgimento, pois será o próprio povo a pedi-las, quando vemos imbecis a passearem neste passado fim de semana na Póvoa de Varzim, no Choupal em Coimbra, na Caparica e em tantos outros sítios, contra a determinação legal de ficar em casa para evitar maior propagação do SARS-COV2.

Os governos recentes de Portugal nesta última década emprestaram milhões aos bancos para os salvarem (em vez de salvarem os depósitos e os investimentos dos seus clientes, BANIF, BES, etc.) e propõem agora nesta crise que os bancos nos emprestem a juros bonificados o nosso dinheiro, assim, o governo em vez de colocar dinheiro na economia pede que nos endividemos ainda mais.

A saúde em Portugal e noutros países tem sido deliberadamente esquecida nos orçamentos dos últimos anos e agora pedem milagres a médicos e enfermeiros que não dispõem de meios para tratar de todos os doentes. Saíram milhares de enfermeiros e médicos nas últimas décadas e que seriam bem necessários agora mas estão a trabalhar noutros países onde os seus serviços eram melhor remunerados do que cá, onde ainda há pouco mais de metade do país se insurgia contra a greve dos profissionais que clamavam por melhores condições e são esses mesmos que hoje pedem aos enfermeiros ajuda.

Já se sabe que os privados da saúde estão a lucrar milhões por dia com o SARS-CoV2 (na vizinha Espanha, que não é exemplo para nada, foram temporariamente “nacionalizadas” as clínicas privadas, cá fazem lucros com a falta de meios dos serviços públicos de saúde). E para mais enviam material aos médicos e enfermeiros improvisarem máscaras e óculos que de nada protegem, mas ficam bem na fotografia a fingir que há meios...

Virão nos próximos meses tempos difíceis com milhares de pessoas sem salário nem emprego nem futuro, numa economia de sobrevivência que não se compadece com solidariedade social.

Como escrevia há dias Joffre Justino:

Em tempos de guerra temos sabido o que são as ‘economias de sobrevivência’ e podemos dividi-las considerando os seguintes grupos já existentes:

as economias do vale tudo dominados por grupos armados violentos totalitários onde o Poder tudo domina sem lei nem regra e vimos o que sucedeu nos Balcãs, na Libéria, ou na RD Congo – neles, nas que continuam a ser assim não há economia é o desastre da comunidade humana

As economias do vale tudo na linha neo liberal onde os fracos os velhos não sobrevivem “naturalmente” porque “assim é a livre economia” criticada hoje não só pelos revolucionários esquerdistas mas também por vozes como as do papa Francisco, e a deste Presidente de El Salvador (enfim uma economia assim nem tanto vale tudo...) – os casos evidentes dos recuos de Trump de Boris Johnson ou de Bolsonaro face ao arrasador poder do adversário COVID-19 que tem atacado sobretudo as classes altas e medias por mais viajadas mundo fora, mostram o seu fracasso e a importância das economias solidárias que investem na saúde na educação na proteção social

As economias estatistas onde uma parcela das elites se considera toda poderosa e com o direito de controlar a informação – o infeliz início do COVID-19 na RPChina felizmente rapidamente colmatada e com forte controlo do crescimento dos casos de infeção

As economias privatistas ou de estatismo mitigado com os modelos de proteção social diminuídos pela imposição dos modelos neoliberais como a Itália, a Alemanha, a França, a Espanha, Portugal, enfim a UE – quanto pior é o sistema de saúde global mais grave tem sido o impacto do COVID-19

Como solução uns apontam eurobonds, outros sugerem um salário global a todos para manter a economia viva, outros propõem o que se chama dinheiro atirado de helicóptero, noutros casos grande apoios a empresas e esmolas aos trabalhadores e, finalmente os que propõem um novo Plano Marshall. Não sabemos o que daqui vai sair, além das mortes anunciadas, mas o mundo e a atual economia globalista não devem sobreviver. A economia, tal como a democracia, não pode ser suspensa por meses até a crise acabar e é isso que muitos pensam conseguir. Na Austrália com crescimento económico há 3

décadas, de um dia para o outro vão surgir 2 milhões de desempregados (quase 10% da população) e salvar-se-ão algumas empresas, mas um enorme custo social da população e da enorme depressão e/ou recessão que virá nestes meses.

Em Portugal e aqui nos Açores em vez de se injetar dinheiro na economia a fundo perdido é-nos pedido a nós indivíduos e empresas que nos endividemos ainda mais.

Será um mundo bem diferente e pior o que vai surgir desta pandemia, e nem menciono os mortos, estou a pensar apenas nos vivos e sobreviventes.

CRÓNICA 327 OS VELHOS 25 MAR 2020

Escreve hoje a Mariana Machado

Quando isto tudo passar espero que tenhamos todos muita vergonha pela forma como, durante esta crise, nos manifestamos em relação às pessoas mais velhas. Desde respirarmos de alívio nas fases iniciais porque "é uma gripe que só mata os velhos" até não termos uma estratégia bem definida para proteger os mais frágeis (que não são só os mais velhos), nem haver qualquer preocupação acrescida com o que se está a passar em vários lares no país inteiro. Olhando para Itália e Espanha só uma grande negação (ou perversão) é que não nos deixaria prever este cenário.

Espero que tenhamos muita vergonha de nos mostrarmos abertamente como uma sociedade que se está a cagar para as pessoas que nela têm mais conhecimento acumulado e que no fundo nos tornaram o que somos. Nem todas as pessoas mais velhas que morreram ou irão morrer estavam demenciadas e incapacitadas de comunicar (e mesmo que estivessem esta bestialidade não se justificava), muitas ainda teriam carinho para dar aos netos, filhos, cônjuge, amigos e muitas ainda teriam capacidade de nos transmitir conhecimento, muito dele de uma ordem especial, a que só o tempo permite aceder.

Mas será que ela não sabe que os velhos são chamados nos EUA e Brasil a morrerem para salvar a economia, que é o dom mais importante da vida na Terra.

Sem economia não haverá seres humanos, assim no-lo dizem esses líderes desses grandes países, enquanto em volta novos e velhos morrem que nem tordos.

Com eles igualmente limpamos as cidades de indesejáveis, esses seres sub-humanos que constituem os sem-abrigo que só servem para poluir a beleza de Nova Iorque e do Rio de Janeiro. Sem falar já desses sub-humanos que pululam nas favelas e servem apenas para manter gangues criminosos e teias de droga.

Com eles irão também os drogados todos que se arrastam pelas esquinas e cometem crimes, sabemos que os drogados são todos criminosos mesmo que tenham sido heróis na guerra do Vietname, do Iraque e outras guerras que os EUA espalharam pelo mundo.

Não se trata de eugenia, mas apenas da aplicação das leis de Darwin em que só os mais fortes sobrevivem e todos sabemos bem que os mais fortes, são os mais poderosos, os mais ricos, cuja inteligência os alcançou aos lugares de prestígio que hoje ocupam na sociedade.

Precisamos do sacrifício desses velhos todos para que cedam o lugar aos mais novos a fim de estes sobreviverem e manterem a máquina capitalista da escravatura bem oleada, pois é do conhecimento geral que os velhos só acarretam despesas com a sua manutenção, doenças, asilos, tratamentos caros e é uma falácia pensar que os descontos que fizeram na sua vida produtiva dão para os manter nos longos anos de vida que ainda têm hoje. Dantes quando se finavam novos, pelos 60 ou 70 talvez fossem sustentáveis, agora chegando aos 80 e 90 anos, é incomportável manter tanta gente improdutivo e ninguém liga ao que os velhos dizem, pois estão desajustados deste novo mundo tecnológico e de progresso em que vivemos.

Claro que depois desta praga viral o mundo será um local muito mais agradável para se viver, com menos uns milhões na Índia e em África e no resto do mundo e com esses será possível reconstruirmos a máquina produtiva do capitalismo que nos trouxe a prosperidade até ao século XXI.

Admirável mundo novo este em que vivemos, bem mais perfeito do que Orwell ou Aldous Huxley conseguiram imaginar nas suas obras de ficção.

Com as pessoas aterrizadas e confinadas nas suas casas conseguiremos manter a ordem mundial e evitar males maiores, até atingirmos o governo único mundial. Claro que nestas coisas haverá sempre alguns danos colaterais mas os fins justificam os meios e a sociedade sairá mais fortalecida depois disto.

PS apenas uma coisa espero, é estar profundamente errado neste raciocínio causticamente pessimista e quero crer que haverá neste mundo uma mão cheia de idealistas, novos e velhos, capazes de evitar o cenário descrito. Claro que seremos na maioria poetas, utópicos cuja única arma são as palavras.

CRÓNICA 328 A DESPEDIDA MAIS PUNGENTE É ESTA. 27.3.2020

Esta é uma tragédia que se tornou rotina no norte da Itália. Isolados, os pacientes terminais recebem um tablet para se despedir dos familiares e amigos. É uma tragédia pessoal para quem lá o deixa sem um último abraço e também a quem recebe este gesto e vai carregá-lo consigo num canto do coração pelo resto da vida. Talvez assim seja mais fácil entender a seriedade da questão.

Foto: APIS, Cattaneo



Devo confessar que ao fim de 70 anos de uma intensa vida vivida em vários continentes já não há muito que me impressione e me faça ter pesadelos diários. Afinal, nasci no fim da senda grande guerra, era pequeno ouvia falar da guerra das Coreias, a revolução húngara de 1956, a guerra e genocídio dos Igbo no Biafra (1967-1970) a primavera de Praga (Dubcek) 1968, a guerra dos Seis Dias (1973) e todas as restantes do genocídio Khmer Rouge de Pol Pot (1975 a 1979), passando pelas guerras da Cochinchina e Vietname, aos massacres de Mao e da sua Revolução Cultural (1966 a 1976) e mais tarde da saga dos timorenses contra a ocupação colonial e genocida da Indonésia (1975-1999). Pelo meio inúmeras outras atrocidades e torturas de My Lai (março 1968) no Vietname, Wiriyamu em Moçambique (dezº 1972), a Abu Graib no Iraque, Guantánamo, e outras recriações que aperfeiçoaram as técnicas da Inquisição.

Criei uma espécie de carapaça protetora que me permitiu imperviamente sobreviver até hoje com alguma sanidade e a certeza de continuar apologista de não-violência (não conheço mais ninguém que nunca tenha tido cenas de violência na sua vida).

Dito isto tenho de confessar que há dias ando a dormir mal e a pensar nestas cenas dilacerantes de velhos, a morrerem, sozinhos do maldito COVID-19 (SARS-COV2) sem se poderem despedir nem terem a presença dos seus entes queridos antes de partirem para um qualquer crematório italiano (Bérgamo há muito que esgotou a capacidade diária dos seus crematórios).

Por isso é importante fazer o que sabemos e podemos para evitar este flagelo e sermos mais um como a vítima da imagem.

CRÓNICA 329 CUSTA A MANTER ESTA SENILIDADE 30.3.2020

Palavra de gente de bem que me custa a manter esta senilidade, confinado a meia dúzia de paredes que tão bem conheço e poderia descrever de olhos fechados. Já passaram os 14 dias e outros se seguiram sem respirar o ar pouco poluído desta freguesia rural micaelense onde habito.

Nas redes sociais (mais ensurdecadoras que nunca) pululam os salvadores da pátria ("Chega") com suas tiradas xenófobas radiantes da certeza de que em breve dominarão o mundo (eu não estaria tão certo!), com eles outros clamam a atenção para as suas opiniões sendo todos, subitamente peritos em economia, doenças infecciosas, confinamento, turismo, emigração, saúde, eu sei lá... tanto perito a brotar quem cogumelo como os xenófobos do Chega. E eu que nada sei e apenas me rejo pelo pouco senso comum que me resta fico dividido entre a minha paixão pelas liberdades pessoais invioláveis e a necessidade de quarentena. Todos têm soluções para a pandemia, desde deixar os velhos e frágeis morrer como nos ensina a Holanda, ao oposto de salvar os velhos e frágeis, desde os que pretendem salvar a economia (não deve servir de muito para os mortos) aos que pretendem salvar os vivos e mandar a economia às urtigas... há de tudo por esse mundo fora.

E eu aqui isolado neste senilidade que me consome por pertencer aos grupos de maior risco, rodeado pela mulher que ainda é mais grupo de risco que eu, por um jovem filho que deixou de trabalhar e de sonhar com a sua sempre adiada ida ao Japão, pela incerteza sobre o futuro dos meus colóquios da lusofonia que iam na 33ª edição e ora se encontram em animação suspensa por incógnitas a que nem eu sei responder...

Sinto que o mundo se tornou numa enorme praça forte sitiada por todos os lados por esse inimigo invisível e as armas e os canhões de que dispomos para nada servem contra esse inimigo invisível que nos mina e sem darmos conta estamos mortos, sem saber. A medicina que foi sempre uma ciência, pouco mais exata do que a previsão de terremotos, anda totalmente à deriva sobre como combater esse inimigo invisível camuflado em mais do que uma maneira, que nem um camaleão, sem antídotos nem vacinas nem sequer chegando a consenso sobre quais as medidas de combate e contenção a assumir.

E de repente, o mundo ficou suspenso, a economia a aguardar a morte anunciada, a fortaleza a desfrutar dos viveres que armazenou, ainda nos cuidados paliativos pois não há unidades de cuidados intensivos que cheguem para tanta gente. Por todo o lado, pessoas com a sua agenda pessoal, política ou outras proclamam as medidas que deveriam ser tomadas e não são, e cada pessoa a tentar interpretar a lei da quarentena como bem entende, e ainda muitos não entendem a diferença entre o atual regime de confinamento e a prisão domiciliária, aiatolas que se tornaram do correto e universal. Um passeio higiénico a sós, mantendo distâncias ainda não é ilegítimo nem proibido, mas fazer férias na praia é proibido, saibamos ao menos distinguir.

E eu que me mantenho na mesma senilidade sempre abrigado, neste meu castelo da Lomba da Maia, começo a fartar-me de tanto perito (não falo da TV onde os que ontem falavam de futebol hoje falam de saúde... e por aí adiante), e tento evitar ao máximo riscos de contágio e de contactos, com medo da imbecilidade de tantos que por aí andam como se nada se passasse. Sei que depois disto a vida nunca mais será como era dantes, mas nem um só dentre nós sabe se iremos aprender algo com esta lição, ou se alegremente iremos tornar a repetir os erros da civilização desenfreada em que vivíamos antes disto.

Há demasiadas incógnitas, demasiadas variáveis, demasiadas premissas e a vida humana que andava pelas ruas da amargura no meio de tanta guerra e injustiça, pode voltar a aumentar de valor e – mais do que nunca – precisa de muita injeção, de muita vacina de solidariedade contra o egoísmo do capitalismo selvagem que tomou conta do mundo nas últimas décadas.

Por favor mantenham-se vivos que é a única hipótese de eu me manter também vivo.

CRÓNICA 330 QUANDO EU ACORDAR EM 2022, ABR 6, 2020

Dois anos depois da pandemia, o mundo continuava a sua marcha, os mortos têm sido enterrados. Nunca se saberá quantos milhares ou milhões desapareceram. O mesmo se passa com os desempregados, aos milhões em todo o mundo,

dos quais apenas uma pequena percentagem recuperou empregos. Muitos hotéis fecharam e foram convertidos noutras valências, muitas empresas não souberam ou não conseguiram adaptar-se a essa crise.

A guerra económica entre os EUA e a R P a China sob o olhar atento da Rússia não correu como inicialmente previsto, a velha Europa pouco solidária e desunida reagiu como pode, com os países mais pobres a reinventarem indústrias que tinham deixado fugir para países de mão-de-obra barata.

O mundo nunca mais foi o mesmo, a liberdade individual foi sacrificada em nome dos superiores interesses nacionais, com drones e chips a controlarem, cada vez, as populações depois do medo global ter sido instaurado, um pouco por toda a parte em nove desse novo vírus.

Muitas firmas descobriram que com teletrabalho precisavam de menos pessoal e podiam pagar menos, outras adaptaram-se a novas formas de comércio e a precariedade de emprego tornou-se numa nova norma universal. Com a dificuldade de as pessoas sobreviverem economicamente, as pequenas liberdades individuais foram sendo sacrificadas sem grandes clamores.

Ciclicamente novas estirpes da pandemia iam colocando à prova os sistemas de saúde mundiais exauridos pela primeira vaga. As grandes multinacionais aproveitaram a crise para crescer e adquirir por tuta e meia pequenos clusters económicos que viviam nas margens do abismo económico. A banca fortalecida pelos empréstimos e pela dívida maciça dos países vivia anos dourados, depois de uma década conturbada.

O planeta parecia respirar melhor com toda a diminuição da produção industrial e até mesmo o clima parecia menos agreste. Os povos viviam um renovado seguidismo de novas seitas religiosas que prometiam um mundo melhor no além, e as religiões tradicionais perderam grande parte da sua atração. Nunca, em tão pouco tempo, fora possível domesticar tantos milhões de pessoas segundo os paradigmas de uma Nova Ordem Mundial há muito anunciadas pelas teorias da conspiração.

Foi então que acordei deste pesadelo iniciado em dezembro 2019 e o mundo, de facto, nunca mais seria o mesmo.

CRÓNICA 331 UMA PÁSCOA DIFERENTE E AS PÁSCOAS DA MINHA MEMÓRIA 10.4.20

DEVE SER DIA FERIADO HOJE, na minha rua da Igreja, na Lomba da Maia... mais de 50 viaturas passaram em meia hora...confinamento? nã...é sexta feira santa.. e não param...onde será a festa? ao meio dia parou tudo, está na hora da janta...quando recomeçar eu aviso. Mas aviso quem? A PSP está toda nas barreiras e cordões sanitários...



Claro que este ano a Páscoa tem formato diferente dado estarmos obrigados ao confinamento mandatário sem trânsito interconcelhio, pelo que revistarei alguns anos anteriores.

DOMINGO DE PÁSCOA, 16 abril 2006

Hoje não irei falar desta estação festiva para muitos crentes pois cada vez mais ela deixou de ser um momento de reflexão. Similarmente ao Natal converteu-se num apelo ao consumismo de chocolates e amêndoas em que ninguém se dá ao trabalho de pensar porque existem estas férias e feriados. É irónico que seja um não-crente, ateu até ao tutano, a falar disto, mas cada um é como é e não renego as minhas origens cristãs embora professe um profundo respeito por todas as outras crenças e religiões desde que não sejam fundamentalistas ou exacerbadas por ódios ancestrais.

Para mim a Páscoa é uma época de reflexão sobre o caminho terreno de cada um de nós (perdoem-me se isto começa a parecer uma homília), sobre a inevitabilidade causal desta curta passagem, sobre a ineficácia de tentarmos deixar uma marca dessa passagem, sobre a futilidade de nos tentarmos afirmar enquanto seres vivos, sobre o materialismo exacerbado que nos preenche o quotidiano, sobre a falta de amor e caridade com que permeamos os nossos dias, sobre a incapacidade de perdoar e ser perdoado. Lá fora os vizinhos afadigam-se a colocar verdes e flores no chão na antecipação do cortejo pascal**Em 1497** D Manuel I assustado com a ideia de que os judeus pudessem esconder as crianças e que a sua decisão tomada em Estremoz viesse a extravasar, determinou que a ação fosse executada no domingo de Páscoa. O país viu-se palco de grandes tragédias. Filhos arrancados dos pais, arrastados com violência, tendo-se constatado inúmeras mortes e suicídios. É de se notar a desigualdade embutida nessa ação, pois os mouros, como os judeus, eram passíveis do decreto de expulsão. Não lhes tiravam, porém, os filhos. Por que razão se haveriam de poupar os mouros? A resposta a esta indagação encontra-se no comentário feito pelo cronista Damião de Goes a respeito do assunto, na sua obra Crónica de Dom Manuel

"A causa foi porque de tomarem os filhos aos judeus, se não podia recrescer nenhum damno aos christãos, que andam espalhados pelo mundo, no qual os judeus por seus peccados não tem reinos, nem senhorios, cidades nem villas, mas antes em toda a parte onde vivem são peregrinos e tributários, sem terem poder nem authority para executar suas vontades contra as injurias e mal que lhes fazem. Mas aos mouros por nossos peccados e castigo permite Deus terem occupada a mór parte da Asia e Africa e boa da Europa, onde tem impérios e reinos e grandes senhorios, nos quaes vivem muitos christãos debaixo de seus tributos, além dos que muitos tem captivos e a todos estes fora mui prejudicial tomarem-se os filhos dos mouros porque aos que se este agravo fizera, é claro que se não houveram de esquecer de pedir vingança dos christãos... e sobretudo dos portugueses."

2007. Na Páscoa, o foliar e os doces caseiros fazem a delícia de todos os transmontanos.... são dias especiais que não dispensam a presença da maioria dos filhos da terra espalhados pelo país e até pelo estrangeiro.

Há muitas experiências de vida que seria útil partilhar e trazê-los de volta a um tempo em que a família era alargada, mas mesmo assim convivía nas festas de natal e Páscoa. Lembro-me da série Família Forsythe e creio que aquilo que se passou na mudança do séc. XIX para o XX está a suceder a um ritmo bem mais acelerado. Qualquer dia só nos conheceremos virtualmente através do Facebook ou qualquer outro instrumento virtual. Talvez seja melhor e assim haja menos intrigas e desavenças familiares. É mais difícil brigar com estranhos, em especial se não soubermos que são da mesma família...

2008. Não posso precisar quantas vezes estive na Eucísia (talvez todos os anos entre os 5 e os 17), mas lembro, em particular uma Páscoa, talvez as das imagens em fotos de 1959, quando se juntaram todos os tios, primos e primas, do clã Magalhães, desde Alfândega da Fé ao Azinhoso, Mogadouro, ao Sendim da Ribeira, ao Porto e a Vila Real quando a enorme sala de jantar velha (que fora o quarto do meu bisavô) era pequena para tanta gente. Estava a abarrotar e até se conseguira encher a mesa comprida de doze lugares na sala de jantar nova na parte da casa dos meus avós. Havia duas cozinhas a funcionarem. As enormes salas de jantar cheias de gente. Essa será sempre a única Páscoa da sua vida que consegue evocar. A família toda junta, coisa importante e hoje raramente vista. Essa é aliás a única Páscoa da minha vida que consigo recordar bem, apesar de ser ainda muito jovem. Todas as outras celebrações pascais se perderam na voracidade do anonimato e da rotina. Ou então condensei todas essas Páscoas numa só.

Aquela perdurou, assim como a comunhão solene de uma primiza no Azinhoso, na Páscoa de 1962, onde também estiveram todos, quase enchendo todos os quartos e camas disponíveis nesse outro enorme casarão. No dia seguinte a refeição foi na pequena casa da Quinta na Eucísia cuja varanda era pequena para tanta gente.

Muitas décadas depois foi doloroso voltar a percorrer aqueles salões, os quartos pequenos nos baixos, ao lado das lojas do rés-do-chão, a enorme sala de jantar com vista para o Vale da Vilarça, o salão onde dormi pela última vez em 1988 (ou seria 1990 ou 1992?) agora que a casa estava esventrada de móveis. Os olhos humedeceram ao visitar os baixos onde dormi, em criança, nas férias da Páscoa quando os primos e os tios também lá iam. As lojas, no andar térreo, onde dantes se acumulava o azeite e seu vasilhame estavam limpas e vazias, já ninguém matava o porco, ninguém colhia o azeite. Já não havia colchas nem lençóis de linho para a procissão pascal, depois dos dias de silêncio e de dieta forçada.

Nesses dias ninguém comia carne pois era um pecado que os levava a todos para a autoestrada do inferno. Felizmente Bento XVI acabaria por decretar em 2008 que o Inferno não existe. Ufa, que alívio. Era a vingança de tantos temores infantis sempre ilustrados por imagens do catecismo que graficamente lhe haviam implantado por volta dos sete anos e que ainda hoje o arrepiavam, mesmo sem crer. Tanto remorso inútil, tanto arrependimento desnecessário por que passara, tanto sentimento de culpa supérfluo.

Por entre as grossas paredes revivi memórias agradáveis de tempos e de gentes que já não voltam mais, admirei-me com os finos tabiques que separavam os dois quartos na casa dos avós. Regressei temporariamente a um passado alegre e sem preocupações. Senti saudades. Sei bem o significado da palavra como já não o experimentava desde que cheguei a Timor, trinta e cinco anos antes. São as saudades que mantêm os sonhos vivos, dissera-me a outra avó paterna, um dia.

Há sessenta anos, ainda existia a vergonha de se dizer que se descendia dum abade, cônego ou padre, tão comum a tantas famílias da região. Uma mescla de respeito, medo e veneração ao Cristianismo, que se impusera primeiro aos mouros da rica Alfandagh, para depois ser temporariamente mesclado com judeus que fizeram desta uma zona bem rica, antes de sofrerem os efeitos da conversão forçada e a clandestinidade, quando não a morte, o exílio ou a Santa Inquisição.

Hoje, séculos depois do êxodo judaico, a região está mais pobre do que nunca, sem a riqueza assinalável que a história descrevia no tempo de romanos e de mouros. Perdiam-se também as histórias de princesas e moursas encantadas, sem avós que as contassem pois já não há netos ou netas nas terras abandonadas.

2011 Brasil Floripa

Sábado, dia 3 de abril, fomos a mais uma cidade costeira, no norte de Ilha, Santo António de Lisboa, uma das povoações mais antigas de Santa Catarina. Essa área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, juntamente com casarões centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades, construída entre 1750 e 1756, considerada uma das mais charmosas da Ilha, e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido em Santo António de Lisboa. Devo confessar que apesar de tudo não vi nestes locais todos, tantas semelhanças como as que dizem existirem com os Açores. As recordações avivadas pelas fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Ela existe como um elemento metafísico, invisível e intangível, mas sempre presente. Digamos que a açorianidade daquelas gentes e terras é mais um estado de alma. Um mês passado, recordo melhor as paisagens da costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol, do que a herança açoriana. Eles sentem-na e defendem com unhas e dentes, essa descendência de gerações. Aparte uma ou outra casa de "tipo açoriano" qualquer que seja a definição que a tal se dê, encontrei mais o sentimento de pertença aos Açores mais de duzentos anos passados do que encontro noutras partes do mundo. Este sentimento, já o disse no livro *Crónica Açores*, é bem peculiar dos açorianos estejam no Canadá, Estados Unidos ou Brasil. Ali era notório como todos se queriam afirmar mais açorianos do que os açorianos. Esses locais eram paradisíacos com belas praias e uma paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a nossa vontade de as comprar e nelas habitar.

Nesses dias ainda nos dedicamos a sonhar deixar os Açores e ali fixar residência. Com mil euros já se vive confortavelmente, pois o custo de vida é relativamente barato, se não se andar atrás de modas e marcas. Era uma solução para a Helena se desvincular deste ensino secundário, ou o liceu como insisto teimosamente em chamar-lhe, que tanto a desgasta e tão poucas satisfações lhe trás. Anda cansada, desanimada e desiludida com a missão de ensinar que está limitadíssima, num ensino que se ocupa de tudo menos da sua função primordial que era a de formar jovens com conhecimentos.

O resto da comitiva ia chegando aos poucos e domingo de Páscoa foi a vez de chegarem o Luciano Pereira (presença habitual desde o colóquio nº 1) do nosso projeto da Diciopédia agora rebatizado de Lexicopédia pelo nosso patrono Malaca. Com eles veio o Tiago Mota do Chá da Gorreana. Nos dias seguintes chegariam o José Carlos Teixeira de Okanagan na British

Colúmbia (Canadá) e o jovem escritor, descendente de açorianos da Lomba da Maia, Anthony de Sá, mais a nossa pianista residente, a Ana Paula Andrade. O Brasil, de Santa Catarina, não é só feito de praias ilusoriamente divinais, este país vive numa burocracia napoleónica como Portugal já teve. Apesar dos inúmeros progressos e competitividade em várias áreas de desenvolvimento económico, é também, e ainda, um Brasil da Polícia Militar, sempre presente - diria mesmo, omnipresente - com suspeitas de corrupção e nepotismo em cada canto. Diga-se, a propósito, que os prefeitos que visitamos sempre nos apresentaram as suas primeiras-damas como tendo cargos executivos nas prefeituras...era demasiada coincidência. Aprenderam bem a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, a qualquer nível, fá-lo de uma forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou meros apoios a candidaturas futuras. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou, por várias vezes, implodir em pleno seio dos colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto das suas vidas. Isto é perigoso, pois funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de os devorar na sua intrínseca fome de protagonismo e destaque. Ora eu nada disso busco, tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol, mas, de todos, o mais notável fora uns dias antes na venerada Academia Brasileira de Letras. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado e incómodo em terras onde era considerado, e sempre seria, estrangeiro, apesar da vovó brasileira e do resto da família que ainda ali vive e se não dignou vir ver-me ou conhecer-me. O Brasil é um misto de muita pobreza generalizada e duma minoria muito rica, um conjunto de enormes conquistas tecnológicas e de atraso. Os bancos vivem nos anos 1960, a internet é lenta e cara, e os correios funcionam muito mal. Mas é um país de contrastes ainda pouco cosmopolita e demasiado coloquial.

A Páscoa era no dia seguinte e tínhamos de nos deslocar ao continente pois a Prefeitura Municipal de Palhoça ali recebia a comitiva oficial para um dia cultural com oferta de almoço. Foi o nosso primeiro encontro com índios que me haviam dito estarem a ser integrados na sociedade (?), e dos quais apenas vislumbrara uns tantos, vendendo artesanato, na manhã em que fôramos ao mercado comprar lembranças. Pois bem ali estavam por detrás das janelas espreitando, como que a medo, espantados por verem gente de outras paragens a falar um português diferente. Deram um recital de música índia, mas as caras e a linguagem corporal eram de tristeza e temor, como se ali estivessem obrigados a representar um pedaço da sua cultura, como animais em feira de novidades ou circo de anormalidades. Houve ainda um trio vocal com uma cantilena tradicional e umas jovens de cinco ou seis anos vestidas com um qualquer traje folclórico português a dançarem uma modinha dita açoriana, além de uns tantos discursos oficiais de entidades locais. Quando chegou a minha vez, não deixei de pôr o dedo na ferida, elogiando os esforços da prefeitura e das entidades locais, de trazerem os índios ao seio da comunidade, preservando e respeitando a sua cultura e tradições, pois tal como eu aprendera na Austrália com os aborígenes, eles eram os originais habitantes e deveríamos respeitar a ligação secular que tinham com a terra de seus antepassados.

Jamais esquecerei a jovem que nunca ergueu os olhos do chão nem olvido as expressões taciturnas dos restantes adolescentes de ambos os sexos. Apetecia ficar ali e lutar pela preservação da herança índia, mas como chefe daquela embaixada cultural açoriana nada mais podia fazer. Depois da troca de galhardetes e de ofertas visitamos a igreja local e fomos almoçar. Outra cena me espantou, pois surgiu em pleno almoço, um padre a celebrar um qualquer rito pascal, de mãos dadas e cânticos religiosos, sem alguém cuidar de saber se a companheira Edma (de Moçambique) era islâmica, ou se havia não-cristãos naquela vasta comitiva. Monoteísmo oficial? O Prefeito de Palhoça precisa de lições de multiculturalismo em alta dose. Aparte isso, havia uma vontade enorme de celebrarem protocolos com os visitantes e de criarem mais laços e entidades para perpetuarem a memória dos primeiros colonos açorianos.

A imagem da índia cabisbaixa perseguiu-me até hoje, sei que continuavam a viver à moda deles nos montes e raramente descem ao povoado. Havia naqueles olhares desconfianças seculares por promessas incumpridas, suspeito.

Ao fim da tarde tínhamos, no próprio Hotel, uma recepção oferecida pelo Prefeito da cidade de Governador Celso Ramos, que homenageava a comitiva com um documentário intitulado «Ganchos entre mares e montanhas». Na impossibilidade de irmos a todos os municípios que queriam receber a comitiva oficial, decidira aquele Prefeito ir visitar-nos, falar e mostrar em vídeo o seu município. Ia acompanhado da sua secretária dos assuntos culturais, curiosamente a primeira-dama, e queria igualmente celebrar parcerias com os presentes. Esta era a tônica de todos os encontros oficiais ali realizados até ao momento.

Havia ansiedade daquelas gentes e daqueles municípios em mostrarem que eram mais açorianos que o município vizinho...na manhã seguinte, a comitiva deslocou-se para uma visita com Sessão de esclarecimento na UFSC perante uma centena de alunos e professores (uma aluna dormiu descaradamente durante os 75 minutos da sessão). Por fim, impunha-se uma visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos, dirigido por Joi Cletison), a entidade que há mais de 25 anos apoia a reconstrução histórica da memória açoriana em todos os pontos do Estado. Um trabalho dedicado com menos folclore e mais substância científica, pareceu-nos.

2010 Regresso na memória a Bragança...Evoco com saudades o tempo em que a avó materna, as tias-avós e primas faziam a matança do porco e em outubro enviavam as primeiras alheiras; na Páscoa, os folares e bolas de carne; e no verão, a compota de ginjinha. Seguiram-me para todos os países menos para a Austrália que ali não podia entrar comida estrangeira. Comera alheiras e ginjinha feitas pela minha família em Timor, em Macau e noutros locais. Ainda sentia no palato o seu sabor distinto, sempre me acompanhara como um cordão umbilical. Há paladares que são como os odores, nunca se apagam do subconsciente.

CRÓNICA 332 O DIA EM QUE QUEBREI O CORDÃO SANITÁRIO AÇORIANO 12.4.20 DOMINGO DE PÁSCOA



Hoje é domingo de Páscoa, a tal que foi diferente de todas as 70 anteriores, tanto mais que a convite da Linha de Saúde dos Açores a Helena, minha mulher, confinada há mais de 30 dias aqui na residência, foi convidada a ir fazer testes para o COVID-19 em virtude uma colega com quem ela não contacta há 33 dias ter sido diagnosticada positiva.

Da Lomba da Maia à Ribeira vimos 15 viaturas, das quais 2 eram tratores e 2 eram de transporte de leite. Em Ponta Delgada cruzamo-nos com mais de seis dezenas...no Centro de Saúde de S Miguel estavam 13 carros à espera de vez para entrarem na tenda de controlo. Em pouco mais de meia hora despacharam-na com a recomendação de fazer vida separada, louça separada, etc. (curiosamente eram as mesmas recomendações que ouvi em Sydney 1983 quando tive um amigo jornalista de Hong Kong em minha casa contaminado por tuberculose...). Achei ridícula esta menção, em especial depois de dizermos que estávamos de quarentena sem sair de casa há mais de um mês...

Ofereceram um panfleto informativo e uma máscara (há mais de um mês que encomendamos as nossas que devem chegar esta semana...) e não de me deixaram sair do carro para fumar um cigarro, o que só pude fazer depois de sair dali.

A gentileza das forças policiais na rotunda da via rápida na Ribeira Grande e na passagem da Lagoa para Ponta Delgada, bem equipadas com máscaras e luvas, merece encômios. Nem verificaram a matrícula da viatura anteriormente comunicada pela Linha de Saúde.

E finalmente saímos desta prisão voluntária sem grades, uma ilha dentro da ilha, ao fim de um mês, e vimos outros seres humanos, sem que os animais e a natureza se tenha assenhoreado das estradas e ruas desertas como dizem que acontece nalguns ponto do mundo.

Com nove dezenas de infetados e 4 mortos (0,016% taxa de letalidade) os Açores começam a levar mais a sério este vírus. Dos 94 casos positivos são 57 em São Miguel, 11 na ilha Terceira, 4 na Graciosa, 7 em São Jorge, 10 no Pico e 5 no Faial. Já há 4 Recuperados. Flores, Corvo e Santa Maria ainda sem casos.

Não sei quanto mais tempo de vida me resta mas mesmo que durasse outrotanto nunca esqueceria esta Páscoa de 2020, pela sua e pela nossa saúde, fique em casa e siga as instruções.

CRÓNICA 333, DE ABRIL 25 DE 2020, UM ABRIL AMORDAÇADO NESTA PRISÃO SEM GRADES

Custa-me este ano mais do que nunca que abril continue por se concretizar, que este país esteja cheio de fachos, de corruptos, de banqueiros e outros ladrões que nunca cumpriram pena nem devolveram à nação os milhões que roubaram, custa-me que a justiça, equidade, e democracia participativa se tenham esfumado em esquemas de partidos que apenas pensam nos votos e na sua manutenção no poder, de forma tão dinástica como a monarquia, custa-me ver as novas e velhas gerações afastadas das mesas de voto e que a res publica não seja preocupação de ninguém, mas de uns poucos que nada mandam e apenas podem sonhar como eu sonhei em 1974... Lamento que os senhores da política possam celebrar como querem o 25 de abril, e eu que serei sempre um homem de abril nos atos e factos terei de ficar confinado. Mais pessoas ainda haverá capazes de usarem o poder político para melhorar a vida dos que obedecem e calam, e fazer deles seres informados, capazes de interpretar, discursar e debater o que é melhor, com base na criatividade de uma educação que os torne em seres pensantes e não em carneiros seguidores de manipuladores sem escrúpulos. Pessoas capazes de pensarem, como cidadãos europeus, na relevância de votarem dia 26 de maio em vez de se absterem como vai acontecer a uma maioria esmagadora da população portuguesa, em especial nos Açores. 25 de Abril Sempre!

1974: Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de Abril houve quem recebesse a notícia via telefone.... Estava em Díli, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi no meu livro Timor-Leste dossier secreto 1973-1975 (Ed. Contemporânea, 1999). Era hora de jantar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando 'a chamada'. Pressenti tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas. Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de 'ondas curtas' e regressi ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da 'ronda' pela cidade. Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: "Nada, que esperavas?"

Os dias que se seguem são caóticos, Do dia para a noite todos são revolucionários. Começam a tomar vulto os rumores Estes boatos confundem muita gente, ..., com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os barómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo. A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Dili. ... A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de Abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arno Metello) queriam evitar. Começara a ser chamado todas as manhãs ao CEM que simpaticamente mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita "pátria" (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista (in Expresso em 28/11/2015



O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: "Sim senhor, ele pode sair do país". Comecei a preparar a minha mala de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Ai é que acreditei que as coisas estavam a mudar.

Hoje, os meus cravos murcharam e a esperança em dias melhores ficou perdida na memória daquele longínquo dia, a revolução está cada vez mais longínqua das ruas e das mentes carneirentas que nos regem e a poesia é a única arma que me resta.

CRÓNICA 334, O USO COMUNITÁRIO DO PC DO PROFESSOR, ABRIL 29, 2020

Agora ouvem-se os clamores de reabertura da sociedade e compreende-se, depois de tanto tempo sem faturar e com os novos desempregados que por aí andam, as empresas não terão dificuldade em substituir os que tenham medo de voltar a trabalhar.

Houve países onde o fator R ao chegar a 0,7 permitiu a abertura, em Portugal a vida vai retornar à normalidade com mais de 1,1%, porque a vida nunca pode parar e quem move a vida é a economia.

A indústria hoteleira quer que seja o Estado a pagar as proteções e as novas medidas necessárias para a reabertura (fatos, máscaras, limpezas extra, etc.), as outras indústrias pedem mais apoios pela falta de vendas derivadas do fecho sanitário

E como diz o bom velho ditado entre feridos e mortos alguém há de escapar, agora que a TAP pensa trazer turistas todos os dias para os Açores.

Era noticiado hoje que um estudo da Universidade de Singapura prevê que a pandemia de COVID-19 termine a 17 de julho em Portugal.

Baseando-se na curva epidemiológica de cada país afetado pelo novo CORONA VÍRUS, o estudo sugere ainda que a crise seja dada como terminada em todo o mundo a 1 de dezembro deste ano. Assim, já muita gente que se queixava pode ir a banhos em agosto e deve poder voltar à aldeia no natal, que isto de estar confinado dentro de quatro paredes não é para humanos.

No ensino, o secretário regional da educação conta que tudo é um mar de rosas, os sindicatos e alguns professores contestam. Li, algures, que um aluno a quem foi emprestado um PC demorou mais de meia hora a entender como abrir o e-mail, não sei quanto tempo demorou a responder ou como o vai utilizar.

Mas, no ensino o que me choca mais é a tutela exigir dos professores computadores com câmara de vídeo, acesso internet e tudo o mais a custo zero, ora vejamos o estado nada paga, nem vai pagar pela aquisição do equipamento pessoal e de uso doméstico do material informático dos professores e nada consta que esteja disposto a assegurar o pagamento do seu acesso por banda larga ou por lenta internet...ora bem isto faz lembrar os novos carteiros contrastados pelos CTT que disponibilizam a sua viatura própria para distribuírem as cartas, mas estes recebem uma compensação miserável, enquanto os professores nada recebem... e nesta classe onde os seus dirigentes sindicais sempre se insurgem contra tudo e todos não se ouviram ainda vozes discordantes contra este uso abusivo não-remunerado de material informático e acesso à rede. Pena que todos, como bons carneiros que sempre foram tenham aceite esta diretiva sem a questionarem e sem exigirem retribuição.

E este terceiro período de faz de conta, com tele-escola, trabalhos por e-mail e telefone ou Skype ou zoom ou qualquer das plataformas existentes, tudo vai bem a acreditar no douto secretário da educação e vai ser um sucesso maior que o Pró-Sucesso..

CRÓNICA 335 SÓ É DERROTADO QUEM DEIXA DE LUTAR, MÁRIO SOARES DIXIT 7.5.20

Nestes dias conturbados que vivemos, nos meses que se seguirão, nas fases seguintes da epidemia a natureza, árbitro de todas as decisões, selecionará os que vencem, e como bem disse Mário Soares, “SÓ É DERROTADO QUEM DEIXA DE LUTAR”. Assim, e como não se morre só de COVID-19 espero que os hospitais e centros de saúde possam rapidamente tratar todos os doentes que há mais de dois meses morrem silenciosamente: os doentes cancerígenos, as vítimas de AVC, diabéticos e todos os doentes crónicos ou não, que não puderam ou não quiseram buscar tratamento (inexistente na maioria dos casos) em hospitais e centros de saúde.

Vamos cuidar prioritariamente dos mais frágeis e indefesos, os idosos, seja em lares de terceira idade seja nas suas casas, mas sem esquecer todos os restantes que também devem ter direito à vida, paralisada pela pandemia histórica que fechou o mundo e ameaça fazer soçobrar a economia mundial como nem a Grande Depressão conseguiu. Não sou perito em nada e nada tenho a propor ao contrário dos milhões de especialistas que surgiram nas páginas dos jornais, em telejornais, rádios, redes sociais, etc.

Confesso que tenho saudade de fazer quilómetros e percorrer os cantos desta minha ilha de confinamento, tenho saudades de voar, tenho saudades dos nossos colóquios da lusofonia, tenho saudades de beijos e abraços, de conversas cara a cara com gente inteligente, mas o mundo criou uma cerca sanitária de medo, da qual é difícil fugir.

Um dia sairemos e voaremos, de novo como pássaros libertos desta prisão sem grades, mas até lá apenas prometo que não deixarei de lutar pela vida, pela cultura, pela liberdade, pois esta claustrofobia do vírus ameaça amordaçar-me como os insidiosos tempos do Estado Novo, e nada me garante que após estas emergências e calamidades recuperemos a nossa democracia hoje açaimada.

CRÓNICA 336, A VERDADEIRA BANHA DA COBRA

Este retorno a uma normalidade que não volta mais só me fez recordar uma cena de infância, há muito desaparecida do nosso quotidiano.

Quem cresceu no Porto recorda-se dum divertimento gratuito nos anos 50 e 60 do século passado, aos domingos, na Praça do Marquês de Pombal, em frente à Igreja. Por entre os idosos que ali jogavam às cartas (e passavam o vazio dos dias por entre uma “bisca” ou uma “sueca”) surgiam, camionetas vagamente reminiscentes das velhas caravanas do oeste bravio dos EUA. Em vez de colonos temerosos dos índios (nativos americanos, como é politicamente correto chamá-los agora) havia uns homenzinhos de aspeto duvidoso, cabelo cheio de brilhantina, com um megafone (ainda não havia microfones sem fios) a falar muito alto e a atrair os passantes e basbaques com o verdadeiro elixir da longa vida, o elixir contra a calvície, e outras proezas que a medicina tradicional europeia nunca viria a adotar. Juntava-se sempre uma dúzia de pessoas, para ouvir umas piadas e a arenga bem elaborada. Havia, mais cedo ou mais tarde, um comprador talvez coagido, ou um comparsa do vendedor da “verdadeira banha” da cobra, que não é personagem de ficção.

Existe, progrediu e anda, por entre as turbas, dissimulado de pessoa de bem, ou até mesmo de empresário ou político. Sabemos que a banha da cobra³ não serve para nada, mas a firmeza do homem empoleirado na carripana, com a sua bem estudada eloquência, persuadia muitos sobre as mil e uma aplicações desse remédio miraculoso contra impigens, mau-olhado, torcicolos, urticária, febre dos fenos, dores de dentes, nervos, escleroses, artroses, entorses, diarreias, sarampo, escarlatina, espinhela caída, dores das cruzes, doenças do miolo, treçolho, verrugas, cravos e desmanchos. Todos eles eram curados pelas propriedades da banha desse animal repugnante, a cobra, e tal como ela assim a verborreia oratória do vendedor ia enleando as pessoas que paravam para o ouvirem. Ainda estão bem vívidos os pregões “Não custa nem 20, nem 15, nem dez! Custa apenas cinco, e quem levar dois leva um totalmente de graça. Um para aquele senhor, outro para aquela menina...” Por vezes era em elixir, outras em pomada, outras ainda em forma líquida...o povo comprava os frasquinhos milagreiros e o vendedor da banha da cobra ia-se governando. Apregoava a honestidade afirmando ter licença camarária e não estar ali para enganar ninguém. O vendedor da banha da cobra existe há séculos, a sua origem é chinesa lá onde se vende óleo de cobra de água (Enhydriis chinensis), usado para tratar dores nas articulações, embora o seu sentido seja mais associado jocosamente por especialistas em criptografia para designar produtos que dão ao usuário uma falsa sensação de segurança. O óleo de cobra refere-se a falsos remédios vendidos nos EUA no século XIX com a promessa de curar qualquer doença. Em tecnologia, o termo é usado para produtos que oferecem segurança absoluta e criptografia indecifrável, mas de qualidade questionável ou inverificável. Se é seguramente certo que a banha da cobra não cura, também não consta que daí tenha saído algum mal para a saúde pública e para o mundo. E não havia mal ou maleita onde o seu resultado não fosse prodigioso!... Tudo e o seu contrário a famosa pomada resolvia. E para que não houvesse dúvidas os argumentos eram um primor de explicação: “É que bocência tem uma dor de dentes, mas o dente não dói. O dente é corno, o corno é osso e o osso não dói, o que dói é o nervo”.

Gostava de estar convicto – mas não estou – de que a maioria das pessoas não acreditava minimamente naquilo, mas inexplicavelmente compravam, compravam! E a vida de vendedor de ilusões prosperava! Embora há muitos, muitos anos não ouça o seu pregão genuíno, não tenho dúvidas de que ainda andam por aí. Agora, nesta era de globalização, talvez de colarinho branco e quem sabe de barba bem aparada para aparentar respeitabilidade. Talvez os dos bancos que foram à falência BES, BPN; Banif, etc.... Pode até ser verdade o que muitos dizem, de que foram tirar cursos à Universidade Independente e entraram todos para o Governo...Mas do que me lembro mesmo, e que me mesmerizava em tão tenra idade, é de ficar a ouvir os vendedores de banha de cobra antes de ir à missa dominical e depois ir almoçar na cantina da Igreja que ficava do lado esquerdo sob a cripta. Até hoje tenho esta frustração enorme de ainda não me ter aparecido o vendedor de banha da cobra que me convencesse, como devem ser felizes aqueles que acreditam e compram...

3 data do primeiro século a.C. e inspira-se numa receita secreta de teriaga, que, segundo crenças populares antigas, seria um medicamento complexo, com sessenta e quatro componentes. Acreditava-se que era um antídoto para venenos. Na confeção da teriaga, a carne de cobra era fervida muitas horas ou calcinada até ficar em pó, conservado em frascos, depois misturada com gordura, sob a forma de unguento. O nome desta pomada era a banha da cobra. O grande número de componentes, a raridade de alguns, e o elevado preço, tornavam difícil o acesso a este medicamento. Passou a produzir-se outro, com menos componentes: bagas de louro, mirra, genciana, aristolóquia e mel. Era a teriaga dos pobres. Os que viviam em locais mais afastados dos centros urbanos, por falta de um composto, usavam o alho para combater a peste e outras doenças, conhecido como a teriaga dos camponeses.

CRÓNICA 337, CONSTITUCIONALMENTE EXIJO SER INDEMNIZADO POR ESTA PRISÃO ILEGAL 17.5.2020 A PROPÓSITO DA DECISÃO JUDICIAL NOS AÇORES QUE CONSIDEROU INCONSTITUCIONAL A QUARENTENA)

A quem peço meças?

Não sei se ao governo dos açores, ao advogado que teve os seus 15 minutos de fama etérea, ao PR ou ao primeiro-ministro, ou à constituição portuguesa.

É inacreditável que eu tenha estado prisioneiro (sem o saber) na minha própria casa durante mais de um mês e meio, privado da possibilidade de sair, durante algum tempo nem do concelho podia sair, sem ter quem me trouxesse a comida à porta, sem ter quem me lavasse a roupa suja, sem ter quem tratasse da jardinagem, sem poder ir aos CTT que fecharam as RIAC, sem poder ir aos hipermercados e às lojas dos centros comerciais, sem vista para a costa sul da ilha de São Miguel, sem ter uma hora de recreio no pátio como os presos, sem poder sair da minha casa-prisão, sem poder ir comer ao McDonalds de Ponta Delgada, sem poder ir ao médico que os consultórios estavam fechados e do hospital tinha medo, com essa privação de liberdade toda quanto devo pedir de indemnização?

Não pude deslocar-me a Lisboa para renovar o meu passaporte australiano, ora caduco, ao contrário do cartão de cidadão cuja validade foi prorrogada, sem me poder deslocar ao 33º colóquio da lusofonia em Belmonte para o qual trabalhei pro bono durante um ano, quanto não dá isto de direitos coartados, condenado sem sentença transitada em julgado?

Estive este tempo todo sem poder ir comer umas fofas à Povoação, umas Esperanças em Ponta Delgada, umas queijadinhos na Vila, uma morcela com ananás, um queijo ferroso das Furnas, umas lapas salteadas, um bife à regional, um cozido das Furnas, um pudim de feijão, barrigas de freiras, um chá da Gorreana ou Porto Formoso, quanto se deve exigir por ter estado privado, contra minha vontade, sem doença nem crime que o justifique, de tudo isto.

Além do mais ficou toda a gente da família, presa em casa a comer, no que se gastou muito dinheiro, eletricidade, água, gás de botija, internet para a minha mulher dar aulas à distância, a dialogar em videoconferências com outros colegas quase tão iletrados em computação como ela, a gastar o computador privado dela e a internet sem ser ressarcida, e eu sem saber como calcular este pedido de ressarcimento económico por esta prisão, que, de acordo, com um douto homem das leis é inconstitucional...

Enquanto não recebo ajuda legal, espero que a liberdadezinha constitucional de uns não vá afetar ou infetar a saúde de outros com valores bem mais elevados quer em termos pessoais quer em termos da economia global do arquipélago e desejar que como sempre o karma chegue um dia e reponha a justiça desta injustiça.

CRÓNICA 338 DIGO BASTA, EM NOME DE NÓS, OS VELHOS QUE QUEREM ISOLAR

Pertenço a essa peste grisalha que todos parecem querer isolar agora até ao momento da despedida final.

Já vivi guerras, mais do que consigo enumerar, intervenções do FMI, Banco Mundial, Troicas, ditaduras, arremedos de democracia, censura e aspirações de liberdade com fascistas, comunistas e outros.

Estive para morrer aos dois anos de idade e noutras ocasiões depois disso. Tive problemas de saúde física e mental, casamentos, divórcios, separações e mais complicações, tive filhos e netos. Já trabalhei, desertei, fiz uma guerra colonial e toda a minha vida programada foi desprogramada e tive de recomeçar do zero algumas vezes.

Fui muito infeliz e também fui feliz, dias bons e maus, já me reformei e voltei a trabalhar, tive empregos que eram uma seca e outros de que gostei, já escolhi o que fazer só por gosto, fiz asneiras e paguei por elas, desaprendi e voltei a aprender. A minha vida, que foram muitas, não se resume aos livros que escrevi, aos projetos que concluí, aos sonhos que ainda alimento e às partilhas de tudo o que vivi.

E querem agora encafuar-me em casa para me proteger??? Vão à pata que vos pôs, pois isso nunca tolerarei. Quero gozar o que me resta de dias como todos os outros, sair, viver, ir à praia e aos museus, restaurantes e concertos e agradeço penhoradamente mas não assinei nenhum termo de responsabilidade a autorizar este ou qualquer governo, estado, EU ou o raio que vos parta, para decidirem por mim. Ainda não estou nem senil nem demente para que outros decidam por mim, e prezo demasiado a minha liberdade individual, pela qual lutei afincadamente toda a vida, para que outros decidam por mim, nisto de democracias guiadas e outras situações semelhantes lamento mas nem o Suharto na Indonésia conseguiu...

Seja SARS-Cov2 seja quem vocês quiserem mas recuso e recusarei o direito à liberdade de movimentos como recuso restrições à liberdade de pensar e de me expressar. BASTA! NEM VOCÊS NEM NINGUÉM SABEM MAIS E MELHOR DO QUE EU. Os riscos que quiser correr nos dias que me restam são da minha exclusiva conta, NEM SOU IDOSO, NEM IDIOTA, sou uma pessoa com mais experiência de vida e conhecimentos do que os bardamerdas e badamecos que me querem dar ordens agora.

ENTRE OS VELHOS JARRETAS E PESSOAS DE MAIS IDADE COM ESTILO GARANTO-VOS QUE ESTE PAÍS NÃO É PARA VELHOS



CRÓNICA 339 SARS-COV2, O COVID-19, TORNOU OS RICOS MAIS RICOS AINDA

Uma das dúvidas que tinha desde o início desta crise Covid era quem mais beneficiara financeiramente com ela. Esta semana a Revista Forbes esclareceu-me que os 25 mais ricos do mundo enriqueceram mais 255 biliões (mil milhões) em dois meses apenas. Gostava de saber dados nacionais ou sobre os Açores mas nada encontrei. Os super-ricos estão assim substancialmente mais ricos, enquanto os desempregados e os pobres aumentaram no mundo (mas esses números não tenho). Comparando a riqueza desses 25 cujas fortunas estão ligadas à bolsa de valores, a revista Forbes descobriu que quem mais ganhou foi o CEO do Facebook Mark Zuckerberg, 36 anos, dado que as ações subiram 60% e a sua fortuna passou de 7º para nº 4 da lista com \$86.5 biliões, sendo já mais rico que Warren Buffett, do que o fundador da Inditex Amancio Ortega e do que o CEO da Oracle Larry Ellison.

O segundo maior beneficiado em termos de ganhos é o nº 1 da lista, fundador da Amazon e seu CEO Jeff Bezos, cuja fortuna aumentou 26% subiu 30 biliões para \$146.9

Em termos percentuais o vencedor é Colin Zheng Huang, fundador de Pinduoduo (maior vendedor online) cujo modelo social permite partilhar compras com amigos e família em agressivas campanhas de marketing, DUPLICOU o valor das suas ações acrescentando \$17.9 biliões à sua fortuna (já é o 3º mais rico chinês) com \$35.6 biliões.

Outro beneficiado é o indiano Mukesh Ambani, (o mais rico asiático) que vale agora \$52.7 biliões, quase o dobro da sua fortuna anterior.

Destes 25 mais ricos nem um só perdeu, pelo contrário todos beneficiaram, vejamos em detalhe o que ganharam nos últimos dois meses, de 23 março a 22 de maio

1		Jeff Bezos, Amazon, Eua, Total		\$146.9 Biliões, Aumento \$29.9 Biliões
2		Bill Gates, Microsoft, Eua, Total		\$106.5 Biliões, Aumento \$11.9 Biliões
3		Bernard Arnault, Lvmh, França, Total		\$94.1 Biliões, Aumento \$12.8 Biliões
4		Mark Zuckerberg, Facebook, Eua, Total		\$86.5 Biliões, Aumento \$31.4 Biliões
5		Warren Buffett, Berkshire Hathaway, Eua, Total		\$69.2 Biliões, Aumento \$6 Biliões
6		Larry Ellison, Software, Eua, Total		\$66.4 Biliões, Aumento \$10.4 Biliões
7		Steve Ballmer, Microsoft, Eua, Total		\$65.4 Biliões, Aumento \$14 Biliões
8		Larry Page, Google, Eua, Total		\$63.6 Biliões, Aumento \$14.2 Biliões
9		Sergey Brin, Google, Eua, Total		\$61.3 Biliões, Aumento \$13.7 Biliões
10		Amancio Ortega, Zara, Espanha, Total		\$60.5 Biliões, Aumento \$5.2 Biliões
11		Jim Walton, Walmart, Eua, Total		\$55.2 Biliões, Aumento \$3.6 Biliões
12		Alice Walton, Walmart, Eua, Total		\$55 Biliões, Aumento \$3.6 Biliões
13		Rob Walton, Walmart, Eua, Total		\$54.8 Biliões, Aumento \$3.6 Biliões
14		Francoise Bettencourt Meyers, Lóreal, França, Total		\$54.2 Biliões, Aumento \$6.4 Biliões
15		Mukesh Ambani, Petróleo, Gás, Petroquímicos, Índia Total		\$52.7 Biliões, Aumento \$19.9 Biliões
16		Carlos Slim Helu, Telecom, México, Total		\$51.2 Biliões, Aumento \$4.2 Biliões
17		Mackenzie Bezos, Amazon, Eua, Total		\$47.8 Biliões, Aumento \$10.4 Biliões
18		Ma Huateng, Internet, Média, China, Total		\$46.4 Biliões, Aumento \$6.8 Biliões
19		Jack Ma, Comércio Eletrónico, China, Total		\$41.3 Biliões, Aumento \$3 Biliões
20		Phil Knight, Nike, Eua, Total		\$37.7 Biliões, Aumento \$9.9 Biliões
21		Elon Musk, Tesla, Eua, Total		\$36.7 Biliões, Aumento \$9.5 Biliões
22		Colin Zheng Huang, Comércio Eletrónico, China, Total		\$35.6 Biliões, Aumento \$17.9 Biliões
23		Francois Pinault, Produtos De Luxo, França, Total		\$31.8 Biliões, Aumento \$2.1 Biliões
24		Sheldon Adelson, Casinos, Eua, Total		\$30.7 Biliões, Aumento \$1.4 Biliões
25		Michael Dell, Computadores Dell, Eua, Total		\$28.3 Biliões, Aumento \$3.5 Biliões

<https://www.forbes.com/.../05/22/biliõesaires-zuckerberg-be.../...>

CRÓNICA 340. É NATAL QUANDO UM OTIMISTA QUISER 1.6.2020

A todos desejo, neste verão 2020 e nos que aí virão por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos, na certeza de que cada um de nós constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera porque os Reis Magos já não andam de camelo e o GPS deles não vos vai localizar. Por outro lado, se olharem em volta verão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão que esses andam mais ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia na cruz ao Cristo.

Desde o início do ministério público de Jesus, fariseus e adeptos de Herodes, com sacerdotes e escribas, mancomunaram-se para matá-lo. Por causa de certos atos por ele praticados (expulsão de demónios, perdão dos pecados, curas em dia de sábado, interpretação original dos preceitos de pureza da Lei, de pureza da Lei, familiaridade com os publicanos e com pecadores públicos), Jesus pareceu a alguns mal-intencionados, suspeito de possessão demoníaca. Assim, é acusado de blasfémia e de falso profetismo, crimes religiosos que a Lei punia com a pena de morte sob forma de apedrejamento.

Nos templos, ora cheios de vendilhões, já ninguém ouve os poemas do poeta popular António Aleixo:

Os Vendilhões do Templo

Deus disse: faz todo o bem

Neste mundo, e, se puderes,

Acode a toda a desgraça

E não faças a ninguém

Aquilo que tu não queres

Que, por mal, alguém te faça.

...

E o mundo só pode ser

Menos mau, menos atroz,

Se conseguirmos fazer

Mais p'los outros que por nós.

Quem desmente, por exemplo,

Tudo o que Cristo ensinou.
São os vendilhões do templo
Que do templo ele expulsou.

....
António Aleixo,
in "Este Livro que Vos Deixo..."

Hoje, há muitos que mereciam muito mais serem apedrejados e continuam à solta aproveitando as mordomias que o povo ignorante e manipulável lhes concede em troca do voto quadrienal com que os enganam, enquanto distribuem futebol, fado e falácias diversas em ambiente circense de telenovela, vivida em tempo real para que as pessoas se preocupem com as inutilidades dos outros sem cuidarem da sua. Aos iluminados desejo esperança, sim que eles são a elite minoritária que teima em não se calar, seja em WikiLeaks ou outros instrumentos de desmascarar a globalizada corrupção que detém os cordelinhos dos dirigentes políticos em folias mandatadas pela banca e outros interesses, embora como elite que são e informada se arrisquem a ter um processo em cima para serem desacreditados perante os ingénuos e analfabetos.

Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a partilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva essa aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta para que seja natal em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos. Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável para as nossas crianças. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que ainda se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva da realidade nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor. "As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida".

Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimidas, mais debilitadas, visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua saúde, com isto influenciando uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que têm atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado. As pessoas otimistas também facilmente conseguem atingir com sucesso os seus sonhos, desejos e objetivos. Ser otimista contribui para viver e combater certas doenças e ajuda a prevenir contra problemas de cardíacos. As pessoas que olham para o mundo e para o futuro de uma forma positiva envelhecem de uma forma mais agradável sofrendo menos perante as doenças normais à idade, podendo aumentar a esperança média de vida.

Dito isto e face à crise que aí vem para os próximos anos (ou décadas), sorria, sinta-se melhor e lembre-se dos milhões que estão bem pior, os que ainda não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, os que não têm teto para se abrigar, os que não têm saúde para viver, que não têm trabalho, os escravizados e todos os que estão bem pior do que nós. É esse o espírito que vos desejo para os próximos 365 dias.

CRÓNICA 342. A IGNORÂNCIA MATA MAIS QUE A PESTE 12.6.20

ABATER ESTÁTUAS DE ESCLAVAGISTAS E OUTROS É TAREFA FÁCIL, ELAS ESTÃO MUDAS E QUEDAS E NEM ESBOÇAM SEQUER OPOSIÇÃO - mais difícil é apagar os atos de todos os escravagistas ao longo dos séculos. Além de que, normalmente, os apeadores de estátuas são pessoas de elevado grau de ignorância, mandatados por um qualquer populista. Começam por estátuas, depois queimam livros, e exorcizam ideias, e quando menos se dá conta já um fascismo nazi se instalou.

É bem mais fácil apeiar estátuas que ideias. Ao destruir ou deitar abaixo uma estátua podemos estar a destruir um símbolo, mas os atos e consequências mantêm-se inalterados. Como estes vândalos são mais ignorantes que um primata, devem começar pelo século XX e destruir as estátuas de todos os grandes escravagistas do povo HITLER, ESTALINE, LENINE, MAO, e mais umas dezenas deles por todo o mundo. Depois devem passar ao século XIX e fazer o mesmo, por aí atrás a todos os Impérios, pois nenhum império sobrevive sem escravos e são os escravos que fazem grandes s impérios. Os impérios africanos antes dos ocidentais terem lá chegado, eram mercados de venda de escravos, que encontraram um fértil mercado quando os ocidentais lá pareceram. Os corsários berberes aprisionavam cativos nas ilhas dos Açores para os venderem como escravos, devemos assim obliterar todos os berberes? Retrocedendo chegaremos ao Antigo Egipto, depois da destruição de Constantinopla, da Biblioteca de Alexandria (que tem de ser destruída uma segunda vez), vamos destruindo ao Corão, a Bíblia, todos os livros sagrados de todas as religiões, todos os vestígios de escravatura até aos Sumérios e babilónios, aos Denisovan, Neandertal e seus antepassados. Aí sim, estará a obra completa e podemos voltar a ser símios, pois tanto quanto se sabe os símios nunca praticaram a escravatura. Completado o círculo recomecem a civilização de novo como símios, que a vossa capacidade intelectual é bem inferior à deles. A História serve para nos ensinar, não está aí para ser condenada. Condenar a História não irá resolver nada. Não se apaga o passado, e ao tentar apagar o passado não se corrige o presente, cada ato aconteceu numa determinada época fruto da mentalidade e das normas sociais de cada época. Tudo o que fazemos hoje, e é considerado aceitável e normal, implicava uma ida à fogueira da Inquisição ou ao cadafalso da Maria Antonieta. Ou à pira da Joana d'Arc, ou ao canibalismo das tribos ancestrais.

Esta ignorância que ora nos rodeia com estátuas apeadas vai matar muito mais que o Covid, a peste, ou qualquer outra praga bíblica e com esta fórmula de politicamente correto que tentam implantar não vai sobrar ninguém.

CRÓNICA 343 O CAMPO É BOM ENQUANTO HOVER HUMOR 26.6.2020

O campo é bonito para passear nas férias e levar lá os putos (como quem os levava dantes ao zoológico) para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar.

A única diferença é que este zoo já não teria bípedes em exposição por detrás das grades, mas reproduções e filmes deles no habitat natural. Sempre se aproveitava para manter a tradição viva e ensinava-se a história dos antepassados. Este método de ensino é mais económico e proveitoso que ir a um museu, que, como sabem, fecha nas férias, feriados, dias santos e ao fim de semana. Se os turistas querem ir aos museus portugueses é meramente para cobiçar o que lá existe. Quiçá para tentar roubar umas peças sagradas para contrabandear para as terras deles, que nada têm de valor, comparado ao que existe em Portugal...

Querem-se políticos a pensar no país, a congelar deputados inúteis, a desburocratizar, a pensar na Nação sem betão nem alcatrão. Queremo-los num hospital, repartição, tribunal, transportes públicos, a tirarem o número na fila sem privilégios nem mordomias, sem médico de família, como milhões de portugueses. Ando há meses a matutar neste tema. Devaneei que o país tinha deixado de ser Lisboa. Idealizei aldeias, crianças em escolas reativadas, campos cultivados e os mais idosos, mas o que encontrei?

Como acabam com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos para a cidade pois aí terão um nível económico, qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias de casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água, e tudo isto já existe nas cidades e no litoral. Toda a população podia desfrutar do ótimo clima à beira-mar plantado. Mudam-se, de vez, para a costa mesmo que desapareça em breve. Nos últimos anos a Europa já ensinou que a agricultura portuguesa não dava nada e o melhor era importar de Espanha onde fazem agricultura a sério.

Por que é que isto não foi pensado nem feito antes? Tinham-se poupado milhões de euros em estudos e em comissões que nunca epilogramam nem propuseram nada digno de ser aplicado. Deve ser por isso que o país se atrasou tanto. Mas com tanto betão a mexer-se para os lados do novo aeroporto e com a velocidade do TGV, ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete (anos 1960) apodreceram em Elvas pois não há dinheiro para os recuperar. As linhas de caminho-de-ferro para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que lá só existem os velhos que não contam nem votam.

Anda o Estado a gastar dinheiro, a construir estradas, pontes, viadutos e túneis para o interior, de custosa manutenção, quando lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos. Já transferiram as crianças para as cidades, logo na escola primária. Basta fazer o mesmo aos velhos. Depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para o atraso e provincianismo das aldeias. As aldeias parecem agradar aos turistas que começam a ir mais regularmente conhecê-las, desviando-se da rota universal do Algarve, a floresta de betão implantado em praia ou nesga de areia. Assim, o mais lógico é trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, morrem. Depois, lá nas terras deles, plantam-se uns campos de golfe. Como sabem, é o desporto de milhões de portugueses. Sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, dado haver um excesso de produção da variedade portuguesa da semilha.

A Europa decidiu o mesmo quanto à pesca portuguesa, que tão boa fama tivera em tempos saudosos. O melhor era aboli-la para que ficasse mais barato aos espanhóis virem cá pescar, levar e tratar o peixe na terra deles. Depois, voltavam para o colocar na lota mais barato do que se tivesse sido pescado em Portugal por portugueses, tratado em lotas portuguesas e vendido por varinas portuguesas. Românticamente, tentou-se manter a agricultura de subsistência sem rentabilidade à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados, que tiveram de fazer inúmeros sacrifícios, levantarem-se pelas 5 da manhã e trabalharem até ao pôr-do-sol, para receberem uns tostões pelos legumes que os hipermercados vendem por euros. Toda a gente já sabia que se esses agricultores vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto. Não vale a pena cultivar uma couve-galega na varanda ou na “marquise” para fazer um caldo verde. Além do mais é proibido.

Não podia continuar silente, este era o rumo que o futuro nos indicava, seguido na península ibérica, as ilhas estão a ficar desertas? Vamos juntá-los todos e trazê-los para as cidades, só assim os Açores serão rentáveis.

CRÓNICA 344. SANTOS DA CASA NÃO FAZEM MILAGRES

Na semana que passou veio o Presidente do PS, Carlos César dizer “ou temos financiamento rapidamente para a TAP ou ficamos sem a TAP”, condenando o que chamou “jogos de caráter regional”. Depois nas vésperas de São Pedro veio “sugerir” que os Açores abram rapidamente as suas fronteiras para o restabelecimento da economia (como na Ibéria se fez e aqui se tem evitado).

Ora bem, esperei pelas críticas ou da oposição ou dos seres pensantes que peroram nas redes sociais a propósito de tudo e de nada e sempre tão lesto a criticar, mas ainda nada vi...

A minha leitura é só uma: o Sr Presidente do PS gosta muito do que tem lá pela Corte de Lisboa e se calhar até acha que a oposição do governo dos Açores à imposição dos voos da TAP na pandemia seriam “jogos de caráter regional”. Por outro lado ao afirmar, a título pessoal e não como do Partido PS, a sua vontade de os Açores abrirem as suas portas, escancarando-as a bem da economia e da sobrevivência do turismo e outras coisas...ora esta posição pessoal (tão do gosto do primeiro-ministro) é diametralmente oposta à que o atual Presidente do Governo Regional tem tomado.

Duas afirmações em contraciclo? Ou a venda de um discurso encomendado do Terreiro do Paço para os recalitrantes açorianos? Fica a dúvida...

Li em tempos que nalgumas civilizações ancestrais, o povo tinha o costume de sacrificar os dirigentes aos deuses para combaterem epidemias, só os sumos-sacerdotes escapavam...cá o problema é de difícil resolução pois é do inferno dos

pobres que se fabrica o paraíso dos ricos....e ainda não se pode ter m manjerico mágico que dê para os santos populares todos, como este

Bom dia! Vendo manjericos, que dão a capacidade de falar com o santo António, e até com o S. João. Quem não perceber nada do assunto, por favor não estrague o negócio!!!



Virão novas eleições...e teremos mais do mesmo

Por toda a parte vemos governos, artificial e democraticamente eleitos, - sabe-se lá como, manipulação, fraude, etc., - que se comprazem em seguir as ordens do grande capital, destruindo os seus países, indústrias e serviços, exportando a sua melhor juventude, matando de forma mais ou menos acelerada os velhos a quem se retiram pensões, saúde, justiça e demais serviços. Criam-se enormes vagas de pobres e desempregados que já nem a dignidade de números têm, como ainda tiveram na Grande Depressão de 1929.

. E o mundo, ao qual pertenço, o que fez? Encolheu os ombros e saiu para jantar fora que a crise ainda permite esses luxos e esta vida são dois dias. Temos de aproveitar e comer.

Temos conhecimento dos maiores desfalques, falcaturas, negociatas sem que a justiça funcione e prenda e condene os malfeitores. E tudo se passa com o complacente beneplácito de um povo silente e amordaçado nas teias do medo, sem sequer saber que há muito perdeu a liberdade de escolha (ainda pode pensar que é o seu voto que os elege), e a liberdade de poder influenciar os resultados eleitorais, a liberdade de poder escolher o seu futuro...e em breve perderá a liberdade de sonhar. Virão novas ditaduras e novas guerras, de formas nem sequer imaginadas por George Orwell no TRIUNFO DOS PORCOS e em 1984, e eu mais impotente que nunca teclando palavras para uma minoria esclarecida e lúcida, mas sem poderes de alterar seja o que for.

Refugio-me na diáfana ilusão das palavras que a poesia consegue criar, na esperança infundada de que elas resistirão a mais este cataclísmico fim da civilização ocidental como a conheci, numa repetição da queda do Império romano ou de tanta civilização que desapareceu sem deixar rasto atual. Muito provavelmente nem sobreviverão essas palavras que o reino da utopia ainda me deixa soletrar e a minha vida terá sido em enorme vácuo contra a minha vontade, mas já nada mais posso fazer, também eu cobardemente cúmplice, mas ainda não-silente.

Ah! Nunca quis tanto estar errado como hoje. Concordo com a sabedoria da minha mãe do alto dos seus venerandos 97 anos: "Este já não é o meu mundo"

CRÓNICA 345. COLONIALISMO, COMBATENTES E FALTA DE RESPEITO, 7.7.2020

Fartei-me das não-notícias, da TAP, da SATA, da suspensão dos chefes da EDP, das bacoradas do ministro do desensino, das falhas da saúde, da desvergonha dos CTT, dos confinamentos desconfinados dos turistas, dos testes e dos infetados, dos prejuízos da Atlanticoline, das estátuas e da imbecilidade do politicamente correto... é tempo de pensar e corrigir os verdadeiros males.

Há temas que alguns chamam fraturantes e eu designo como demasiado incómodos para discutir, e desde há muito tempo não discuto com ninguém futebol, descolonização ou religião. São experiências pessoais que em muito transcendem a lógica argumentativa e duma discussão dessas nunca sairia resultado útil. Dito isto e respeitando as opiniões contrárias (não disse concordando), dei-me ao trabalho de contrapor a afirmação de que a descolonização das "províncias portuguesas" foi catastrófica e não uma descolonização exemplar como nos querem fazer crer.

Nem uma coisa nem outra, foi a descolonização possível, fora de tempo, forçada pelos grandes interesses das potências mundiais num enorme jogo de dominó em que se manipularam os inexperientes portugueses saídos do 25 de abril para a dura tarefa de descolonizar. Não foi nem melhor nem pior do que as restantes feitas por países mais poderosos como o Reino Unido, Alemanha, França, Austrália, Bélgica, etc. foi, certamente, má mas nem pior nem melhor do que as restantes. Mã, atabalhoada e manipulada de fora. Os desgraçados que lá viviam foram a moeda de troca, enxovalhados ao serem chamados "retornados" e espoliados da sua vida, dos seus bens, do seu futuro, fruto do seu trabalho. Nem todos eram racistas, nem todos eram negreiros, nem todos eram salazaristas (embora muitos o fossem). Tiveram de recomeçar do nada e ficaram para sempre ressabiados, com razão, mas a vida continua e temos de andar para a frente. Também eu fiquei impedido de regressar a Timor (e Bali) pela invasão colonial da Indonésia a 7 de dezembro de 1975 e se bem que toda a minha vida planeada, de novo, após a guerra colonial, tenha sido posta à prova, recomecei em Macau, na Austrália e, mais recentemente, Portugal.

De uma enorme devastação que os anos de guerra colonial (mesmo em Timor) me causaram e subsequente reajustamento a novas sociedades e culturas, fiz disso uma mais-valia multicultural enriquecedora. Não consta que me ande a queixar

eternamente do infortúnio. E se admito que a minha noção de patriotismo nada tenha a ver com a minha deserção quando fui amnistiado por Spínola e fui a Bali e Austrália, não entendo como o povo português continue calado e tolere a existência de mais de mil corpos de combatentes abandonados em campas rasas em Angola. Intolerável isto só comprova a minha teoria, que nós, especialmente os oficiais milicianos, não éramos senão carne para canhão. É a falta de respeito pela memória dos mortos e estropiados que é intolerável, mas sobre ela raramente se fala. Pior estão os ex-combatente dos EUA que morrem que nem torcos nas ruas onde nem sobrevivem como sem-abrigo, com doenças e SPT (stress pós-traumático), abandonados pela sociedade que os espoliou dos melhores anos de vida em troca de uma mancheia de nada. Não sigo as campanhas eleitorais pois de promessas fartas e incumpridas anda este eleitor cheio, mas não devo errar se disser que nem um se deve ter lembrado dos desgraçados dos ex-combatentes, em avançada idade como eu, ou mais velhos ainda, sem uma pensão condigna, sem acompanhamento eficaz do SPT e outras maleitas além da idade. É essa indiferença, esse esquecimento, esse desprezo por aqueles que deram os melhores anos da sua juventude que magoa e me afasta de promessas políticas de quatro em quatro anos. Assim será sempre, até ao dia em que o sol não nasceu, a chuva não caiu, a maligna carne de vaca não se comeu e em que eu (que não vendo livros) deixe de os escrever.

CRÓNICA 346 ESTE POVO QUE HOJE NÃO VOTA 13.7.2020

Dizia-me pessoa amiga, vais ver que quando menos se espera entra um maluco por um parlamento adentro com uma AK-47 - das que se vendem em qualquer esquina - desata aos tiros e depois suicida-se ou vai viver à nossa custa o resto da vida Ingenuamente inquiri, só uma? Pensei que era metade da população. Mas devem andar todos anestesiados e passivos com o excesso de flúor na água potável e se não se precaverem vai acontecer como em tantos outros países.

Aqui nem o PS nem o PSD se deram conta (na sua sofreguidão de manter o poleiro a qualquer custo) de que a sua sobrançeria para com o povo, a sua displicência, promessas incumpridas e repetidas (nos últimos 4 anos não conseguimos mas agora é que vai ser...) é a principal causa do surgimento de franjas do eleitorado tão descontentes que votam em líderes tipo Trump, Bolsonaro, Orban e agora outro do género na Polónia (Andrzej Duda).

Como concordo, citei agora Zack Magiezi:

“Causa mortis: traumatismo craniano. Fruto de mergulho profundo em pessoas rasas.”

Seria esta a mensagem lapidar para o povo deste país que, apesar da educação se ter massificado, continua generalizadamente ignorante, inculto e abúlico como Eça de Queirós o definia há mais de cem anos:

Acabava de entrar o ano de 1872. O ano novo interrogava o ano velho.

- Fale-me agora do povo; pedia o ano novo.

- É um boi que em Portugal se julga um animal muito livre porque não o montam na anca e o desgraçado não se lembra da canga; respondeu o ano velho.

- Mas esse povo nunca se revolta? Insistia o ano novo espantado.

- O povo às vezes tem-se revoltado por conta alheia. Mas por conta própria, nunca; respondia o velho.

- Em resumo, qual é a sua opinião sobre Portugal?

- Um país normalmente corrompido, em que aqueles mesmos que sofrem não se indignam por sofrer.

Este diálogo de Eça de Queirós, o mesmo que escreveu sobre o Portugal de então: “O povo paga e reza. Paga para ter ministros que não governam, deputados que não legislam (...) e padres que rezam contra ele. (...) Pagam tudo, pagam para tudo. E como recompensa dão-lhe uma farsa.” Estávamos em 1872. Estamos a falar evidentemente do bom povo português. A “raça abjeta” congenitamente incapaz de que falava (esse eterno frustrado) Oliveira Martins e que bem poderia ter tutorado este meu escrito:

Um povo cretinizado, obtuso, que se arrasta subjugado, sem lamúrias, a não ser à mesa do café enquanto vê o futebol pois a crise não lhe permite ter TV Sport em casa, sem um lamento, sem um gesto de rebeldia, tão pouco de raiva, nem que seja surda e muito menos de revolta. Um povo que se deixa levar, indiferente e passivo, por políticos sem escrúpulos, mentirosos congenitamente compulsivos, e por múmias silentes, em estado adiantado de decomposição mental, rodeadas de pompa e circunstância e dezenas de servis conselheiros pagos a preço de outro para bajularem. Afinal, a solução dos problemas poderia ser bem simples, a desobediência civil que deitaria abaixo esses castelos de cartas nas nuvens. Os pobres (de espírito) alinhavam sempre com os que pareciam ter o poder e assim os legitimavam. Sempre comeram e calaram, gratos pelas migalhas que os senhores jogavam pelas seteiras do castelo quando a turba suplicava por migalhas para enganar a fome.

Este povo inventou a padeira de Aljubarrota, a Maria da Fonte, a Velha da Ladeira (guerras liberais, São Miguel, Açores) e outras figuras lendárias para escamotear o facto de se tratar de uma população perenemente amodorrada e crassa, capaz de aceitar todos os sacrifícios. Basta atentar na lenda das tripas na defesa de Portucale. Povo de chapéu na mão, espinha dobrada até beijar o chão dos senhores feudais, que sempre o espoliaram, antes de recuarem, gratos e venerandos pelas migalhas, bendizendo a generosidade dos donos.

Eu vivo nesse país, nesse “sítio” de que falava Eça, nessa “piolheira” a que el-rei D. Carlos se referia (um país de bananas governado por sacanas), também fui governado por gente como o douto Conde de Abranhos “Eu, que sou o governo, fraco, mas hábil, dou aparentemente a soberania ao povo. Mas como a falta de educação o mantém na imbecilidade e o adormecimento da consciência o amolece na indiferença, faço-o exercer essa soberania em meu proveito ...” Ontem como hoje. O verdadeiro esplendor de Portugal. Depois culpem a abstenção

CRÓNICA 347 EVITE SAIR À RUA NOS PRÓXIMOS MESES, 16 JUL 2020

Pessoa amiga de outra ilha avisava-me hoje do perigo que é sair à rua nestes próximos meses. Indaguei se ela sabia algo que eu desconhecia sobre surtos virais veraneantes, mas a maleita era mais trivial, havia o perigo de uma pessoa ao sair ser feita Comendador por qualquer um dos partidos que anda já a fazer campanha eleitoral, uns mais para a frente, outros mais para trás. Contou-me até que num desses encontros fortuitos de primeiro grau tinha desabafado sobre a péssima situação da filarmónica lá da paróquia impedida de atuar e granjear apoios nestes meses e logo ali, lhe foi garantido sustento para a filarmónica até ao fim deste ano.

Depois, doutra das vezes que tinha saído em serviço para outra ilha, estava um magote de gente a preparar-se para lançar a primeira pedra do maior empreendimento, há muito ansiado pela população, ainda pensou que fosse o cais de cruzeiros da ilha Terceira, mas era um projeto mais modesto do que qualquer coisa... (como a imagem documenta)



Ainda no grupo central imaginou que fossem abrir concurso de ampliação das pistas da Horta e do Pico, mas dessa vez não teve tanta sorte.

Eu fiquei tranquilo pois a malfadada estrada entre a Maia e a Lombinha da Maia (cuja passagem de viaturas foi já encerrada com pompa e circunstância) irá entrar em obras à medida que a data de eleições se aproxima. Imaginei, ingenuamente, que o Centro de Dia na Rua da Igreja na Lomba da Maia começado in illo tempore, e parado e enferrujado há mais de um ano iria arrancar de novo e ser finalmente construído ao fim de tantos anos de promessas, dádivas da diáspora e anúncios vários. Este assunto interessa-me particularmente pois estou a chegar à idade em que preciso dele para ter com quem jogar uma bisca lambida ou uma sueca, mas nada disseram sobre o recomeço das obras.

Agora vou ver se algum hotel foi suficientemente inteligente e baixou os preços devido à crise, para aproveitar a campanha “Viver os Açores” mas já sei que não posso ir para aquele mais antigo das Furnas que está em “promoção especial” de 193€ por pessoa e noite...

CRÓNICA 348, PODEMOS DEVOLVER 2020? VEIO COM DEFEITO 23.7.2020

Se este ano tivesse sido fabricado pela Microsoft ainda o poderíamos devolver dizendo que veio com vírus, e pode ser que nos dessem um reembolso ou nos mandassem um novo em folha, a funcionar bem. Infelizmente não foi fabricado pela Microsoft e desconhecemos a fábrica, pelo que teremos de o suportar com este assassino invisível que nos tolhe a saúde e a vida e mudou para sempre o nosso quotidiano e a economia global.

Para quem trabalha neste ciclo vicioso da escravatura em que a economia se tornou, ter férias representa o ópio das massas que tentam carregar baterias e recuperar forças, mas mesmo isso, este ano, estará reduzido a uma ínfima proporção, pois a grande maioria das pessoas, com saúde, não terá fundos para veranejar.

E um vírus que não respeita calor, frio, verão ou inverno, seja ou não manufacturado, estará connosco por mais tempo do que queremos admitir, levando na sua cauda milhares de pessoas, deixando sequelas em tantas outras, retirando-nos liberdades fundamentais que os governos aproveitam para implementarem as suas agendas de controlo de massas, como já é visível na maior parte dos países.

O mundo nunca mais será o mesmo, aquele que conhecíamos desde que nascemos, há uma nova realidade, uma nova ordem mundial, cheia de incógnitas e maus augúrios. Aqui nos Açores, onde tudo demora mais tempo a chegar ainda não nos apercebemos do que aí vem, muito menos da enorme fatura que teremos de pagar enquanto desviamos recursos para cuidar do Covid e sacrificamos doentes de outras patologias, como foi bem visível nestes meses, com clínicas fechadas, médicos a abandonarem os seus doentes, hospitais sem poderem dar resposta que não fosse a de tentar controlar a pandemia.

Resta-me esperar ter alguma saúde para não engrossar o número dos danos colaterais do COVID-19 e tentar ajustar-me a uma nova realidade que abomino. Não há almoços grátis e os milhões com que hoje nos acenam, terão de ser pagos, à custa de salários, desemprego, cortes e mais cortes num mundo que, carneiramente, irá aceitar esta pandemia de medo que se instalou, por entre revoluções de politicamente correto que vão da linguagem, ao abate de estátuas, à consternação por animais mortos em incêndios e impossibilidade pelos velhos que morrem em asilos ou que são deixados a morrer em nome desta e doutras pandemias.

Com as vacinas, virão apps para os telemóveis nos controlarem (como já acontece na RP da China, entre outros), virá o fim do dinheiro vivo e proliferarão moedas virtuais (bitcoins e outros) e os maiores pesadelos de “O triunfo dos porcos” e de “1984” serão uma brincadeira comparada com o que nos espera, por isso se ainda tiver uns tostões aproveite a campanha do governo “Viver os Açores” e vá esquecer tudo isto por 3 noites numa ilha qualquer, podem ser as suas últimas férias ...

CRÓNICA 349, NÃO HÁ RACISMO EM PORTUGAL II 26.7.2020

Um idoso de 80 anos matou ontem um afrodescendente, com três tiros dizendo “morre preto, vai para a tua terra”

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, sem pretos, nem mulatos, mestiços, ciganos, judeus, imigrantes, árabes, muçulmanos e outros indesejáveis de raças inferiores

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e sejam do meu clube.

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e estejam orgulhosos de terem andado a matar turras em África

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam comunistas, socialistas ou traidores da des-colonização

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam desertores ou objetores de consciência

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam criminosos

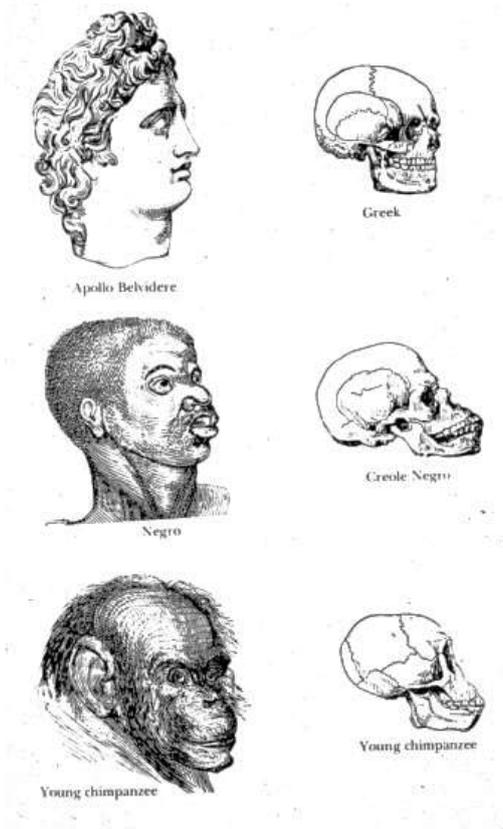
Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam homossexuais, lésbicas ou outros com comportamentos desviantes

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos,

desde que sejam todos brancos,

todos brancos

brancos



CRÓNICA 350 DIA 27 DE JULHO DEVIA SER LUTO NACIONAL

uma foto bem triste de 1953: de um lado, os "meninos" bem "penteadinhos", de "soquetes brancos" do Prof. Franco e da Dona Julieta (escola primária, São José, Coimbra), do outro, "outros meninos, de pé descalço" e bem distanciados...



Sobre cada criança deveríamos pôr um cartaz dizendo: "Cuidado, contém sonhos".

NÃO SE COMPREENDE QUE NÃO SEJA FERIADO E DIA DE LUTO NACIONAL, AFINAL FAZ 50 ANOS QUE FENECEU O GRANDE LÍDER

Sim, passaram 50 anos sobre a morte desse grande estadista, probo, honesto, frugal que tirou Portugal das garras da guerra civil e da miséria, endireitando as contas do Estado, deixando na sua morte, um balúrdio de barras de ouro para o desenvolvimento futuro do país.

Um homem bom e tímido, incapaz de se declarar a todas as mulheres por quem nutria afeto, mas rígido, exigente e seguro com os seus subalternos, nem todos com a mesma visão e amor da Pátria como ele que toda a vida se sacrificou e pagava contas do seu bolso por achar que não eram encargo do estado.

Um homem que não deixou o povo emigrar para as colónias para que não sofressem lá, antes preferindo que emigrassem para o Brasil e outros países onde enriqueceriam mais depressa.

Um homem que teve de sacrificar os jovens do país para que eles defendessem as colónias dos terroristas norte-americanos e russos que só cobiçavam as riquezas ultramarinas.

Um grande líder que livrou Portugal da segunda guerra mundial exceto em Timor onde australianos, holandeses e japoneses invadiram o território contra a sua vontade e causaram milhares de vítimas.

A sua polícia secreta sempre protegeu os portugueses dos comunistas e outros extremistas que queriam o mal de Portugal, esse país em que quanto mais ignorantes mais felizes e em que beber vinho alimentava um milhão de portugueses, país idílico retratado de um qualquer romance oitocentista sem correspondência na vida real.

A sua política de protecionismo de natureza fiscal, tarifária e alfandegária protegeu Portugal e as colónias, equilibrando as finanças públicas e o défice externo enquanto se proclamava "orgulhosamente só" após a guerra. Infelizmente, e apesar de ter sido presidente do Conselho de Ministros durante 36 dos seus 81 anos de vida, morreu enganado, sem saber que há dois anos não governava e fora substituído pelo seu Delfim, Marcello Caetano.

Américo Tomás dirá que "a morte nos levou um homem que foi o maior português do seu século e um dos maiores de sempre". O funeral foi impressionante, com cortejo para a Assembleia Nacional (hoje, Assembleia da República), a banda da GNR a tocar a Marcha Fúnebre de Chopin; seguindo, depois, para o Mosteiro dos Jerónimos, onde estaria em câmara ardente, quando o féretro seguiu num comboio especial para Santa Comba Dão, a viagem demoraria cinco horas, após o que seria sepultado numa campa rasa no cemitério do Vimieiro.

Ao contrário da bomba anarquista que explodiu antes da chegada do automóvel em 1937, das tentativas de golpe militar, uma cadeira seria o trágico fim do ditador. Ou, como José Cardoso Pires escreveu na fábula satírica *Dinossauro Excelentíssimo*, publicado ainda durante a ditadura e que era um retrato da vida de Salazar ("*Dinossauro Um*"): "Tinha caído e estava velho; era um gigante muito antigo, de fibras mais que secas, a estalar."

E deixou um país cheio de barras de ouro, racistas disfarçados, esbirros da inquisição e delação, país de invejosos convencidos de que o país era pequeno só porque pequenas eram as suas mentes e as visões do Grande Líder, uma ficção em que a maioria acreditava.

Mas pelos vistos ninguém nas ruas celebra a morte que iria libertar o país para pertencer à Europa e ao mundo e errar sim, mas em democracia, que, apesar de tudo ainda é o menos mau dos sistemas. Por muito mal que o país esteja desde 1974 não consigo, ao contrário de alguns, imaginar-me a viver como nesses tempos e, apesar de muitas ameaças o novo estado vigilante Big Brother (ainda) não se pode comparar à PIDE.

CRÓNICA 351 SALDOS DE VERÃO 4.8.2020

Ando há dias a ligar para o Novo Banco a saber se ainda têm casas à venda por dois mil euros para comprar uma, mas parece que foram todas compradas pela Presidente da Câmara de Setúbal da CDU num claro aproveitamento marxista da lei de oferta e procura.

As tias de Cascais andaram em polvorosa a tirar os seus vestidos de noite dos sacos de naftalina, todas contentes com o regresso do desgraçado às festas da noite real na "Linha" (desgraçado = ao que caiu em desgraça) rei emérito de Espanha, mas ele fintou-as e foi para a República Dominicana que não tem tratados de extradição com o reino borbónico.

Na naftalina vão ficar os vestidos dourados, prateados, de seda e cetim das minhas vizinhas da Lomba da Maia que, pela primeira vez na história, não vão ter as festas de Nossa Senhora do Rosário na última semana de agosto, e andam tristes que nem a noite. Desavergonhadamente digo que bem contente fiquei por não ser sujeito ao estrelajar de roqueiras e a ter de ouvir música pimba e quejanda todos os sete dias da semana de festas que noutros anos me levava a marcar férias noutras ilhas nessa semana.

Já há restaurantes a pedirem clientes, com ou sem experiência, e sem necessidade de cartas de referência.

Enquanto os Açores rebentavam pelas costuras com turistas, sem que os trabalhadores da restauração e hospitalidade tivessem recompensas financeiras pelo trabalho e o patronato enchia os bolsos, tudo corria bem, agora só se ouvem queixas e pedidos de apoio. Se fizessem como as companhias de aluguer de carros (rent-a-car) que baixaram drasticamente os preços, talvez se queixassem menos...neste ano de crise, a maioria continua a cobrar os valores de 2019, para turistas que não há e para açorianos que não podem pagar, isto no caso de não estarem em lay-off ou desempregados. (Fernando Neves da Associação de Hotelaria de Portugal, garante que o setor do "turismo este ano está perdido" "Há muitos hotéis que não vão abrir mais este ano e haverá outros que vão fechar")

Filosofia de pacotilha em ex-líder desportivo: "A tudologia é uma corrente do pensamento psicanalítico que me estuda! Tem como objetivo a realização de um exorcismo cibernauta diário para que de mim saiam os demónios que me infestaram a alma!". Bruno de Carvalho, 2 de Agosto de 2020

A obra de Zeca Afonso está prestes a ser declarada "Património Nacional Protegido" e surgem várias homenagens em sua honra. Adoro Belmonte e em 2016 fizemos dela a nossa sede dos Colóquios da Lusofonia até 2026, com vários projetos além de um colóquio anual na Páscoa, mas não posso ficar calado com esta estátua em honra de Zeca Afonso que foi

descerrada neste fim de semana com a presença da controversa Ministra da Cultura...ainda está menos parecida ao original do que a do Cristiano Ronaldo no aeroporto da Madeira. Uma pena, uma oportunidade perdida, pela sua não-fidedignidade estética, deveria ter sido recusada por mais celebrado que o seu autor (Pedro Figueiredo) possa ser...



qualquer semelhança é pura coincidência míope....

CRÓNICA 352 ESTADO DE SÍTIO NOS AÇORES JÁ...5.8.2020

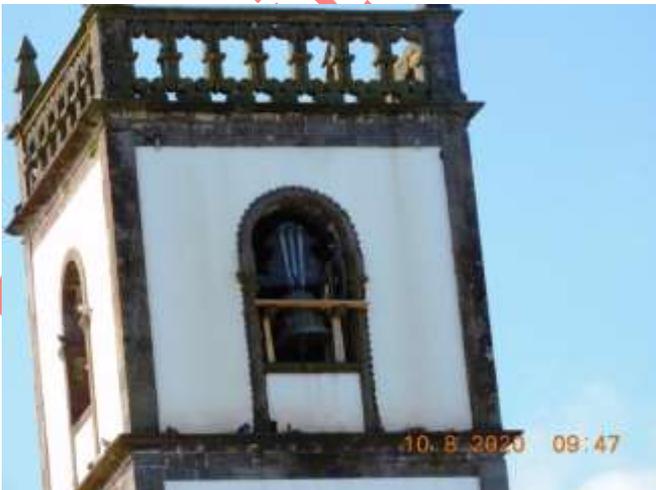
As autoridades açorianas violaram a constituição ao impor a quem chegasse à região uma quarentena obrigatória de 14 dias por causa da pandemia de Covid-19, decidiu o Tribunal Constitucional (TC). A decisão, que pode ser consultada na página do TC, surge na sequência de um recurso interposto pelo Ministério Público (MP) a uma decisão tomada pelo Tribunal Judicial de Ponta Delgada de libertar um homem que se queixou da quarentena de 14 dias imposta pelo governo açoriano.

Face à gravidade do que acima se reporta demitam já o GRA, substituam pelo vice-rei e tomem conta disto (vontade parece que não lhes falta...), se não for a bem, mandem vir as tropas da NATO, peçam ajuda aos americanos das Lajes, no mínimo bombardeamento do Palácio de Santana e da Conceição, da ALRA, envio urgente dos dois submarinos Portas, confinamento e recolher obrigatório a toda a população até a legítima ordem constitucional estar restabelecida. O Presidente do GRA e seu séquito governamental deverá juntar-se ao exilado Rei Juan Carlos de Espanha ou nas Ilhas Desertas onde a presença portuguesa de população fixa pode dissuadir os espanhóis de alimentarem ambições territoriais.

Os habitantes deste território adjacente açoriano serão confinados às ilhas, carecendo autorização prévia do tribunal constitucional para se deslocarem à capital do Império e necessitam de visto no seu passaporte, depois de fazerem declaração de fé do seu portuguesismo, estando suspensos todos os direitos constitucionais, incluindo o direito a voto. A bandeira autonómica deve ser substituída em todos os edifícios pela gloriosa bandeira das quinas, demonstrando a continuidade territorial.

Oportunamente será definida a data de visita estatutária do Presidente da República para empossar o vice-rei nas suas novas funções de Governador-Geral das ilhas adjacentes.

CRÓNICA 353 OS SINOS DA MINHA ALDEIA 10.8.2020



Quando me mudei para as ilhas em julho 2005, a primeira coisa que estranhei eram os toques do cimo da igreja a menos de cem metros de casa. Naquela altura tocavam as horas, meias horas e os outros toques todos. Uns anos mais tarde vieram as modernices eletrónicas e os sinos passara a ser automáticos, sem presença humana a movimentar as pesadas cordas para assinalar eventos ou horas.

Depois habituei-me a ouvir o sino a chamar para a missa, anunciar mortes, batizados ou casamentos, sem descortinar alguns desses toques a desoras, quando não eram chamadas para novenas ou outras práticas.

Se estava ao telefone com alguém da cidade, logo me perguntavam que som era aquele que penetrava e chegava, do outro lado, à Península Ibérica a anunciar ou as horas ou outro evento, e a que as pessoas se haviam desacostumado de ouvir há muito tempo. Na cidade não há lugar para sinos nem seus toques, a cidade não tem tempo para essas ancestralidades arcaicas. Ao longo dos tempos mais recentes houve quem se queixasse dos toques e apresentasse queixas na GNR, em várias aldeias de Portugal, gente de modernices sem sentimentos pelas tradições, a que chamam poluição sonora.

Dizem-me que o toque de finados (toque de dobragem) é diferente para homem e mulher, com uma sequência diferente, mas eu nunca a cheguei a aprender. Nunca ouvi o toque de fogo e durante a pandemia os sinos davam as horas e os toques de por quem os sinos dobram. Contaram-me que os sinos chamam para o “Angelus” ou Ave-Maria ao meio dia, as Trindades ao anoitecer, a Eucaristia e outros momentos religiosos. Sabia-se que a missa se aproximava do fim com o toque de “levantar a Deus” e ia-se ver quem saía, como estavam vestidos, quem tinha ficado à porta da igreja, quem tinha entrado, quem saía da tasca apressadamente rumo à porta da igreja.

Curiosamente há já quem estude o valor artístico e cultural dos sinos quem grave esses sons cujo significado se começa a perder para os mais novos que com os seus “smartphones” não precisam do toque de sinos para saberem as horas. Sábados e domingos há sons repetitivos e urgentes e esses, eu sei, são os da chamamento para a missa, e representam a ancestral voz do povo que por eles sempre se regeu ao longo dos séculos para funções civis, religiosas ou até mágicas.

As que primeiro começaram a desaparecer foram os toques de rebate em caso de incêndio ou outra calamidade, e há muito que não há toques para juntar o gado como era costume em terras transmontanas. Já não se usa o toque para a escola e perdura sobremodo o toque das horas, a evocar os tempos em que as pessoas não tinham relógio e se guiavam pelo sol e pelas estrelas, os sinos eram parte integrante da vida das pessoas e foram celebrados como no poema “Ó Sino da minha aldeia” de Fernando Pessoa.

Ó sino da minha aldeia,⁴
Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.
(s. d.)

Mas o que motivou este escrito é que nesta minha aldeia da Lomba da Maia (chame-lhe freguesia senhor, aqui não chamamos aldeias, são freguesias, senhor) os sinos emudeceram esta semana, e uma armação de madeira segura um deles e deixaram todos de tocar. Não sei qual o motivo mas sinto a falta dos seus toques que ritmicamente me acompanhavam ao longo do dia entre as sete da manhã e as dez da noite. Era uma espécie de noticiário da aldeia, e hoje não passa de uma metáfora de tempos idos. Volta sino que me fazes falta pois é ao teu ritmo que escrevo e leio

CRÓNICA 354, FIQUEI OUTRA VEZ ÓRFÃO DE PAI, RIP PAI NENÉ BATALHA, 10.8.2020

Em 2016 escrevi uma prece para o Leonel A Jorge Batalha (19 maio 1927-10 ago 2020) a quem desde 1979 chamei sempre pai, mesmo depois do a separação e divórcio da sua filha em 1992, hoje foi a vez dele se libertar desta vida e subir lá, onde quer que seja. Continuarei a falar com ele, partilhando desaires e vitórias, preocupações e escritos, como faço com o meu pai biológico desde 1992, sabendo que ele e Mãe Lala sempre estarão a olhar e a cuidar de mim, dos filhos e netos.

687. PRECE DE ATEU, AO PAI NENÉ, 24 julho 2016

pedem-me hoje que ore
como se um ateu rezasse
pedem-me hoje as minhas preces
como se vozes de ateu chegassem aos céus
mas nem sei nem posso
tentarei enviar energias positivas
pensamentos são
lembrar os momentos bons
as discussões que nunca tivemos
o apoio e amor que recebi
a partilha de parte da minha vida
apesar de sogro
foi um pai sempre presente
confidente e amigo
cúmplice
não sei se isto serve de prece
quero crer que sim
apesar dos continentes que nos separam
estivemos sempre perto
na china, na europa e na austrália
e nunca deixou de ser pai
desde que me aceitou há 37 anos
seremos sempre família
estará sempre comigo
nas preces que não sei
nas memórias que evoco
nos sorrisos que recordo
na sua bondade e tolerância
na sua ingenuidade sem malícia
para ti pai nené batalha
para onde quer que vás
estarei sempre contigo

É difícil quando se perde uma pessoa amiga, a quem se chama pai e que fez parte da nossa vida ao longo de 41 anos, desde que em 1979 me meti num avião de Macau a Perth para raptar a filha e dela fazer minha mulher em 1980. Sinto-me como se nesta fase da vida, eu fosse uma construção Lego e me comessem a retirar peças do puzzle que sempre fui para ficar apenas um desenho incompleto de tudo o que ainda sou. Quando essa peça sempre esteve comigo nos momentos bons e nos maus a dor é maior, e daí o título deste escrito. Quando casei em junho 1980 não podia ausentar-se (sob pena de perder o emprego) e ir a Macau e apenas foi a Lala.

Quando definitivamente fui para a Austrália em janeiro 1983 por não poder atrasar mais a minha efetiva residência, sob pena de perder o meu visto de residente, acabamos por ir viver numa “unit” em Macherson St. Waverley mesmo por cima da deles. Era uma casa geminada em quatro, com duas garagens e um quintal relvado. Ajudou-me a pintar a casa, a fazer trabalhos de marcenaria e carpintaria (que nisso tinha uma habilidade e uma paciência extremas). Tiram os camadas após camadas de papel de parede, retiramos as carpetes octogenárias da casa, e tornamo-la habitável em menos de um mês. Pouco depois tive de lhe dar a notícia das preferências alternativas de uma filha (que continua ser a cunhada com quem mais contacto ainda mantenho hoje), preparei-lhe um gin tónico duplo e dei a notícia de chofre e ele nem pestanejou, enquanto a Lala aceitava com a sua naturalidade possível. Depois mudaram para uma vivenda em Maroubra e eu mudei para Centennial Park e depois, para Randwick, mantendo sempre a nossa tradição de Yum Cha ao domingo em Chinatown ou então um barbecue com amigos nossos e deles, sempre muita gente num convívio dominical que jamais esquecerei de camarões tigre, bacalhau assado ou bifes, em que toda a família ajudava.

Jamais esquecerei que, depois de se ter mudado para a China onde fixou residência há mais de dez anos depois da morte da Lala, com 84 anos guiou duas horas até Macau para estar na Livraria Portuguesa a partilhar o lançamento do meu segundo volume de Crónica Açores em pleno 15º colóquio da lusófona, junto com duas filhas e uma amiga de Macau dos meus tempos.

Lembro o apoio que me deu quando me arranjou emprego supranumerário no Consulado Geral de Portugal em Sydney entre março ou abril 1983 e janeiro 1984, no tempo do cônsul Dr Sarmiento (a quem ajudamos a montar uma exposição de pintura). Fiquei encarregue de várias funções, oficiosamente, pois não podia ser contratado oficialmente, e o vice-cônsul V. Farinha pagava-me diretamente das suas ajudas de custo para eu desempenhar as funções de Adido Comercial, de Imprensa e das Comunidades. Isto antes de o meu amigo Eduardo Guedes de Oliveira ser nomeado pela Secretaria de Estado da Emigração como cônsul dos assuntos da emigração.

Foram meses intensos a tratar dos livros que enchem uma arrecadação do 1º andar do consulado em Edgecliff e que nunca tinham sido distribuídos às escolas nem às bibliotecas. Fui a escolas, representei o Consulado em assuntos comunitários, de emigração, atuei como adido de imprensa, mantive contactos com a comunidade emigrada fugida de Timor sob ocupação indonésia. Todos os dias o pessoal almoçava junto, com o Viana macaense, que era secretário do consulado, a Modesta (que agora vive no seu Timor natal), e os restantes e havia sempre pitéus macaenses a degustar nesses almoços. Nunca havia horário de serviço e as horas do dia nunca chegavam e todos trazíamos serviço para completar em casa fora das horas de expediente.

Antes disso e depois de emigrar em 1977 para Perth passaram tempos difíceis em Perth com dificuldades económicas e a adaptação a meio da vida num país estranho onde estavam já os dois filhos mais velhos, a Angie e o Lito. Ele, que sempre foi de trabalhos manuais (como se chamava na época) trabalhou num supermercado, tomou conta da manutenção de um barco, até fazer o “overland” épico Perth - Sydney com a mulher e a sogra, a saudosa avó Maria (que, sem saber ler ou escrever foi sozinha de Sepins, Mealhada a Perth).

O Nené era a pessoa com menos sentido de orientação que já conheci e em Perth perdia-se sempre que se deslocava da cidade para o arrabalde afastado onde viviam, mas conseguiu chegar a Sydney ao fim de cinco dias na sua carripana Ford Station Wagon atulhada de móveis. Mais tarde, com a vida mais orientada trocou-a por um Mazda 626 que sempre teve essa mania macaense de trocar de carro como eu troco de camisa. Perdia-se tantas vezes que nós gozávamos dizendo que até era capaz de se perder numa aldeia só com duas ruas.

Não esqueço a alegria que tinha sempre que lhe pedi para me ir buscar a pequena Vanessa Ingrid à creche em Bondi Junction, por eu não poder chegar a horas cumulava-a de mimos, pois sempre teve um fraquinho especial por essa neta que está hoje prestes a completar 34 anos.

Quando fui casar a Sydney com a minha mulher em abril 1996, ainda fomos convidados a ir lá jantar a casa (então ainda em Maroubra) e fomos recebidos como se fôssemos da dinastia Qing.

Mais tarde, depois de 1995 e durante alguns anos, passavam seis meses em Portugal, com a sogra dele em Sepins, e sempre tratou o meu filho João nascido em 1996 como se fosse outro neto, cumulando-o de prendas e mimos como tinha com a Vanessa na mesma idade. Íamos sempre almoçar e passar tempo com eles nesses meses de estadia expatriada em Portugal. Algumas vezes vinham duas das filhas, depois, a avó Maria morreu e desfizeram-se do casarão que foi comprado pelos rendeiros, quebrando seu vínculo a Portugal onde havia ainda irmãos e irmãs dele a viver no Porto, Lisboa e Algarve.

É difícil tentar em meia dúzia de linhas recordar tantos momentos compartilhados, que apenas sofreram um pequeno hiato aquando da separação e divórcio em 1992. O que aqui deixo são os que evoco neste momento e que mais profundamente ficaram gravados na memória, entre tantos e tantos ao longo de 41 anos. Pude sempre contar com ele, senti-me sempre tanto filho dele como os restantes, ou mais até.

Nesta data triste de hoje, as palavras-poema que acima escrevi em 2016 sumariam o que sempre senti. RIP, PAI NENÉ BATALHA

CRÓNICA 355 ESTÓRIAS DE SUPERSTIÇÕES E MALDIÇÕES (TIMOR, MACAU, PORTO)...13.8.2020

Nos anos de 1960 os meus tios e primos Almeida D'Eça tinham uma quinta para os lados de Avintes, a Quinta da Graceira, que fora um pequeno convento com capela privativa, ao lado da sala de jantar, casa de caseiro, vinhedos, um pequeno porto para barcos e uma grande área, como se pode ver nas imagens hoje disponíveis na internet com os melhoramentos que tornaram em espaço de turismo rural. Os meus primos e a minha irmã ficavam lá no verão e contavam que de noite havia um fantasma de um antigo padre. Nunca presenciei e gozei sempre com isso, mas o certo é que eles estavam convictos (tinham todos menos de 18 anos na altura) da existência iam sempre ficar lá em grupos grandes. Não sei se os novos donos esconjuraram esse fantasma.

Em 1974, nas longas noites timorenses em Díli, houve, durante algum tempo, o costume de se juntarem alguns médicos, e outros amigos em minha casa ou noutras e fazermos sessões de mesa de 3 pés, a brincar às magias negras ou brancas, numa brincadeira pegada que nos ajudava a passar o tempo... tantas vezes o fizemos à luz de velas, que o gerador ia abaixo frequentemente em Díli nesses idos. E isso conferia mais realismo ao ato. Um dia porém, tínhamos a presença de dois jovens, filhos do diretor da veterinária Dr. Horácio Soares que tomara posse há pouco. O Luís Mota, nº 2 da veterinária, tinha-lhes falado e eles quiseram ir. Ou por terem alguma doença do foro psiquiátrico, ou por serem altamente influenciáveis, ou por qualquer outra razão, quando saíram de lá de casa, um deles foi ao gabinete do pai pegou numa arma e suicidou-se. Ficamos paralisados coa notícia e nunca mais fizemos sessões e o Luís ficou profundamente afetado pelo incidente. Nunca mais soube dele.

Nos anos de 1980 o meu cunhado português (que morreria novo em 1989) tinha mania de dizer que a casa dos pais onde vivia estava assombrada, e comprazia-se a fazer truques que sempre me causaram calafrios, um deles era com tudo fechado, fazer vergar a chama de uma vela a uma distância grande, livre de qualquer sopro ou de corrente de ar. Outro era a porta desse compartimento que se fechava no trinco e ela sozinha voltava a abrir-se sem ninguém lhe tocar, entre mais umas cenas fantasmagóricas que ainda me causam pele de galinha, passadas tantas décadas. Esse fantasma caseiro tinha um nome, Francisco, e por inacreditável que pareça perseguiu-me até macau. No apartamento onde vivi, na Av., Coronel Mesquita, ed. Fei Tchoi lun, a porta escolhida era a da casa de banho. Muitas vezes, visitas que eu recebia me perguntavam se estava mais alguém em casa por causa daquela porta. Ainda estão vivas duas pessoas que lá viveram comigo uns meses, que o podem testemunhar. Depois mudei para outro apartamento na Praia Grande e o Francisco sumiu-se, até hoje... felizmente. Aqui nos Açores onde vivo há 16 anos nada de sobrenatural ou paranormal surgiu, e todo este tema foi despoletado ao ler num post dum colega jornalista em macau a dúvida sobre uma bela peça de porcelana deitada fora na rua e que ele apanhou. Daí ter-me lembrado destes incidentes para o avisar dos perigos que podem daí advir.

Em 1992 quando estava prestes a desfazer-me da casa em Randwick, Sydney, após o divórcio, um amigo chinês dono do restaurante Choys onde ia almoçar religiosamente todos os dias, viu uma peça que tinha na parede e ficou horrorizado pois disse que aquilo trazia mau olhado e azar... aparentemente era uma dedicatória de um homem à sua concubina e - de

acordo com a tradição – apenas se poderia expor aquelas 3 tábuas....resultado foram direitas para a fogueira, que, ilegal-



mente, acendemos no quintal nessa mesma noite.

Quando cheguei a Portugal em 1995 veio um contentor com algumas relíquias de Macau, Timor e Austrália entre as quais duas deusas. Uma delas fora um problema pois era naquela época, ilegal, trazer da Tailândia objetos de arte em madeira sem documentação esclarecendo que não se tratava de obras de arte genuína museológica. Mas o certo é que em junho de 1980 a havíamos conseguido trazer, bem embrulhada, numa mala que não despertou as atenções das autoridades, mais preocupadas com um faqueiro de cobre de 120 peças que vinha fora da mala.

A outra era uma fina estatueta de porcelana sem grande valor, uma deusa chinesa Kuan Yin. Bela e antiga estatueta chinesa. Como uma Deusa da compreensão e da ajuda, Kuan Yin auxilia a todos que chamam por ela: esta peça em louça traz a deusa sem uma das mãos, que deve ser colocada na estátua quando o pedido feito for concretizado.



Chinesa



tailandesa

A tailandesa, creio que a Deusa hindu Deva, era uma peça rara, estranha e intrigante...os olhos da estátua seguiam quem a mirasse...a minha mulher apanhou uma tal fobia que não descansou enquanto não as remeteu todas, bem como a outras antiguidades orientais aos confins da arrecadação na cave da nossa casa no Porto, onde ainda estão mergulhadas na mais profunda escuridão para não trazerem maus agouros.

Todos os paramentos chineses que há anos me acompanhavam foram igualmente desterrados assim como outras coisas, que, alegadamente traziam mau olhado...



Para terminar a genealogia materna remete-me para a aldeia da Eucísia em Alfândega da Fé (distrito de Bragança). Esta era a aldeia da avó materna e da mãe, cognominada “a terra das feiticeiras”. . Era eu ainda um infante quando imaginava

(ninguém me explicara o oposto) que as feiticeiras fossem a avó e as tias-avós. Não sabia porquê, nem o conseguia explicar nos atos delas, mas imaginava que se aquela aldeia era das feiticeiras, elas o poderiam ser, mesmo sem me causarem calafrios ou medo a mim e a outras crianças. Podia acontecer que só fizessem feitiços aos que não pertenciam à família ou aos que não pertencessem à aldeia, que não era mais que um destino sem saída, um mero desvio de 1,5 km em terra, na estrada de macadame de Alfândega da Fé à Junqueira. Mas a verdade é que é mesmo a terra das feiticeiras que me enfeitaram para todo o sempre e me tornaram nativo da Eucísia sem lá ter nascido. Hoje já não há pessoas, nem fiéis, nem altifalantes, nem padre que só ocasionalmente aparece para uma missa de defuntos nalguns meses do ano, ou nem isso. Os sacerdotes já não se deslocam às paróquias a pé ou de burro. Apesar da facilidade e modernice do automóvel, dispõem de menos vontade para se moverem. Até os clérigos se aburguesaram e acomodaram, como a restante sociedade. Dantes, chovesse, nevasse, fizesse sol escaldante ou frio, nunca faltavam a uma celebração dominical, era essa a sua sagrada missão. Agora andam demasiado ocupados em tarefas menos importantes que a salvação das almas. Depois dos padres, até as bruxas e feiticeiras se foram. Nem almas há para arrebatam. A emigração para França, Luxemburgo e Suíça (década de 1960) desertificou-a. O progresso civilizacional de migração costeira atraindo jovens para as cidades acabou o trabalho. Perderam-se mais de 700 pessoas em cerca de 40 anos. Hoje, a média das idades supera os 70 anos. Pouca gente, ou já mesmo ninguém, se recorda de mim e já não há vizinhos. A terra os levou a todos para o cemitério da aldeia ou outro qualquer.

Os tempos de antigamente permanecem gravados na memória, tal como as lendas que associam a localidade a "terra de feiticeiras". *"Ouvi contar a lenda das feiticeiras aos antigos. Diziam que veio para cá um padre que se embebedou, e, no dia seguinte, acordou na loja de um cavalo. Então espalhou que foram as bruxas que o levaram para lá", explicou Adélia Monteiro, de 67 anos. A partir daí, quem passava temia o poder das feiticeiras e alguns até traziam trovisco para as afugentar. "Contava-se que passou aqui um homem a cavalo num burro com um ramo de trovisco. As mulheres sentiram-se ofendidas e juntaram-se todas para bater ao forasteiro", recorda Maria Alice (habitante pouco mais velha do que eu, antiga vizinha bem conhecida da família). O tempo passa devagar. É um local de sossego e calma transmitida pela natureza imutável há séculos.*

Mas a verdadeira Lenda das Feiticeiras é esta narrada no meu Cancioneiro Transmontano de 2005:

Reza a lenda que quando esta freguesia integrava o arcebispado de Braga era, amiúde, visitada por um padre do Minho. O sacerdote vinha visitar a Igreja e verificar se tudo corria bem pela paróquia. O abade era também pessoa de boa mesa e boa pinga, fazendo jus a uma característica que esteve associada a estas figuras. Certa noite, depois de um jantar muito bem comido e ainda melhor bebido na casa onde ficava hospedado na Eucísia, o padre foi-se deitar. A meio da noite e para fazer as necessidades fisiológicas sentidas dirigiu-se às cavalariças. No entanto, embalado pelo sono ou pela bebida, aí se deixou ficar até de manhãzinha, altura em que deram com ele a dormir neste local. Em desculpa disse não se recordar como tinha ido ali parar e atribuiu tal feito às Feiticeiras. Foi assim que a Eucísia ficou conhecida como terra das feiticeiras. Desde então quem passava pela localidade temia o poder das feiticeiras e até havia quem trouxesse trovisco para as afastar.

E pronto são estas as memórias de superstições e maldições que me acompanharam desde 1960 a 1995.

CRÓNICA 356, DESGOSTOSO DESTE PAÍS, 17.8.2020

Ao longo dos anos sempre declarei o meu ilimitado amor a este país, pela sua história, língua e paisagens deslumbrantes, mas entendo que chegou a hora de me divorciar litigiosamente de um país que credita milhões em bancos e deixa que os depósitos e poupanças de milhares de pessoas não sejam devolvidos a quem os trabalhou e aforrou em manigâncias de falências fraudulentas BPP, BPN, BES, Banif. Dizem que o Estado já injetou mais de 20 mil milhões € nestas bancarrotas



Surgem, esporadicamente umas imagens na TV, de dezenas de espoliados a protestarem, os governantes aparecem a fazer promessas balofas e ocas para o dia-de-são-nunca-pela-tardinha e esperam que tudo volte ao normal.

E o mais grave disto tudo é que os anos passam e o silêncio ensurdecedor dos protestos permanece, como se fosse lógico meter continuamente, dinheiro num doloso Novo Banco de negócios escuros e manobras mais obscuras, com fundos abutres e vendas de propriedades ao desbarato, sem ressarcir os depositantes que confiaram nesses bancos todos antes de se verem espoliados, expropriados, desapossados, esbulhados, defraudados, extorquidos, pilhados ou roubados, dos seus depósitos e de suas poupanças. Obviamente que um governo, um Estado que permite isto e continua a assobiar para o lado, eleição após eleição, não é um Estado de bem nem de Direito. O famigerado Zé do Telhado do século XIX era mais honesto.

Ficava, decerto, muito mais barato devolver aos lesados tudo o que perderam do que manter o Novo Banco aberto.

Não sei se Portugal é o quinto país mais corrupto, ou o primeiro ou o décimo, nem me importa, o Relatório da Transparency International dá ao país 62 pontos, menos dois do que no ano passado. Organização fala em derrapagem e em "falta de coragem política" para combater a corrupção em Portugal. Disto se aproveitam movimentos e partidos populistas e demagogos vogando na crista da onda de revolta de alguma população que nele sveem a salvação, tal como prometeram Trump e Bolsonaro aos insatisfeitos pela corrupção nos seus países.

Sei que não acredito na justiça, nem nos parlamentares, nem nas negociatas de advogados no governo e na Assembleia, nem no nepotismo partidário e governamental que está, de tal forma entranhado na sociedade, que deve ser mais fácil corromper os que ainda não foram corrompidos do que tentar erradicar a corrupção.

Que posso fazer? Nada, a não ser perorar nestas colunas e votar com a maioria que aderiu ao maior partido português, o absentismo eleitoral. Já não tenho idade nem forças para tentar mobilizar sejam quem for

Tal como Portugal também a Islândia teve casos de créditos ao desbarato, e empréstimos sem garantias. Todos estavam ricos e a situação atingiu o ponto de rutura. A diferença é que a Islândia deixou cair os bancos e prendeu os banqueiros. O ex-primeiro-ministro islandês foi julgado por negligência, uma dezena de banqueiros, uns poucos empresários e um punhado de políticos formaram um grupo que levou o país inteiro à ruína: 10 parlamentares islandeses, incluindo os líderes do partido que governou desde 1944, tinham empréstimos pessoais concedidos de quase 10 milhões de euros cada. Hoje estão quase todos na cadeia, a economia do país que entrara em colapso deu um salto e saudável de crescimento económico mesmo com a pandemia.

CRÓNICA 357, TIMOR 45 ANOS DEPOIS 20.8.2020

Era agosto 1975, passava uns meses de férias em São Martinho do Porto em Portugal quando ouvi na rádio, primeiro, a notícia do golpe de estado da UDT a 11 e depois a sublevação da Fretilin dia 20 e o começo da guerra civil que iria mudar a vida a milhões de pessoas em vários países. Um terço da população (200 mil) foi aniquilada pela invasão e colonização indonésia de 24 anos, milhares de mortos e estropiados, a destruição quase total em 1999 até a ONU patrocinar o referendo que deu a independência em maio 2002.

Eu deixei Timor e Bali em maio 1975 e planeava regressar passados uns meses de descanso e férias, provavelmente depois do meu aniversário em outubro, aproveitando a viagem a que tinha direito num avião das FAP (Força aérea portuguesa, como todos os oficiais milicianos que tinham estado no exército colonial português e que queriam regressar à província ultramarina onde tinham estado em serviço).

Em outubro as forças avançadas e infiltradas da Indonésia antecipando a Operação Komodo assassinaram os 5 de Balibó (os colegas jornalistas australianos, britânicos e neozelandeses o repórter Greg Shackleton, 29, o operador de som Tony Stewart, 21; o Kiwi, Gary Cunningham, 27, cameraman do canal 7 HSV-7 em Melbourne; dois britânicos, cameraman Brian Peters, 24, e o repórter Malcolm Rennie, 29, do canal 9 TCN-9 em Sydney). Havia um sexto, Roger East de 53 anos, (jornalista australiano da AAP Reuters) que seria executado pelos indonésios no cais de Díli na invasão de 7 de dezembro... desesperadamente a Fretilin proclamara unilateralmente a independência a 28 de novembro e a sua liderança seria tragicamente abatida pelos indonésios nessa guerra sem quartel que se prolongou por 24 anos. O resto é história e todos a conhecem. Hoje, Timor tem 40% da população abaixo do limiar da pobreza (menos de USD 1,25 ao dia), 50% de analfabetos, 97% de católicos, milhões de dólares em fundos da exploração de petróleo, muitas estradas novas foram construídas e dessas quando chove há derrocadas e ficam intransitáveis como aconteceu recentemente no Suai onde existe um inútil e enorme aeroporto internacional sem movimento. Em menos de 20 anos, Timor já teve sete governos, estando atualmente no 8º, mas raramente atingem o fim dos mandatos devido a lutas intestinas, conflitos internos alianças feitas e desfeitas (como no tempo tribal), muita corrupção, nepotismo, laivos ditatoriais de personalidades de destaque. Atentados, sublevações da polícia, do exército, de ex-guerrilheiros resumem os anos de independência. Costumo ironizar que além da língua portuguesa, a velha guarda aprendeu os truques da cunha corrupta portuguesa, mas doutoraram-se em corrupção com os indonésios. Tanto poderia ter sido feito e não foi, à exceção de Díli que cresceu desmesuradamente (éramos 25 mil, hoje são mais de 250 mil habitantes) se modernizou, mas continua a inundar-se sempre que chove. Os membros do governo e uma certa elite vivem em boas casas com carros de topo de gama, mas no resto do país a miséria assemelha-se à dos anos 70 sobre a qual tanto escrevi ao longo dos anos.

Tanto podia ter sido feito e não foi mas eles são soberanos nas suas escolhas políticas e nas suas opções, eu não, eu nem a opção de regressar tive, nem a de voltar a visitar a terra que o sol em nascendo vê primeiro, a mim restam as memórias que o tempo ajudou a mitificar, as recordações da beleza das terras e das gentes, e imaginar como tudo teria sido diferente se as datas de 11 e 20 agosto de 1975 não tivessem alterado o nosso futuro para sempre. Resta-me o amor incondicional pela terra e pelas gentes.

CRÓNICA 358. NEM CRISTO E APÓSTOLOS AGUENTAM.. MAIS UMA CAMPANHA ELEITORAL E SERÃO 3 EM DOZE MESES....26.8.20



Haverá eleições nos Açores em finais de outubro, se tivermos máscaras que cheguem para tanto comício nas redes sociais, sem arruadas, nem passeios pelas freguesias, nem distribuição de pins, bandeiras, canetas e outra parafernália habitual.

Para quem não segue estas realidades e como elas não constam do guião das telenovelas sempre vos direi, que imaginava que a campanha tinha começado há vários meses, com tanto anúncio, inauguração, promessas de obras, melhoramentos, investimentos e de tudo que se vai fazer porque não se fez.

Entretanto as escolas vão abrir com tudo mascarado, desde infantes a professores e auxiliares, até que surja uma crise e aí voltamos ao programa anterior do vamos brincar às telescolas.

A economia vai continuar lentamente a afundar-se e as medidas paliativas tomadas não se poderão distender muito mais no tempo, e a fatura virá, com mais impostos, congelamentos, cortes nos direitos dos trabalhadores que ainda tenham a sorte de ter emprego fora do serviço público.

A SATA vai continuar a voar para aqui e para ali, sempre à espera de milhões e mais milhões que nunca chegam para aquele sorvedouro, primo direito do Novo banco, ao que me dizem. Os lesados do BES, Banif e outros, ciclicamente vão mostrar o seu descontentamento sem desagravo pelo que lhes foi espoliado. Pode ser que depois de morrerem todos se decidam a pagar-lhes alguma coisa a eles mas não aos herdeiros.

O clima continuará a agravar-se incêndios no verão, tempestades, furacões, derrocadas e enxurradas no inverno, como sempre aconteceu, só que agora em maior escala e mais frequentemente.

Os lares de idosos continuarão a ser depósitos de vivos sem valor para a sociedade, sem inspeções nem fiscalizações, mas serão construídos mais e melhores hospitais para animais.

Os juizes continuarão a libertar pedófilos e acusados de violência doméstica, carteiristas, e outros pequenos criminosos, e os processos por corrupção entupirão de vez os tribunais.

O racismo, fascismo, e outros “ismos” continuarão a progredir, da mesma forma que se sucederão os planos para criar colónias na Lua, Marte e o diabo a quatro. Continuarão as guerras, a fome, a poluição de mares, ar e terra, aumentarão os despossuados, sem-abrigo, desempregados, o trabalho infantil, tráfico de seres humanos, os ricos serão (cada vez) mais ricos, os pobres (cada vez) mais pobres, a sanitização da língua continuará, serão apeadas estátuas e continuarão a lavar-nos o cérebro em mensagens subliminares e outras. Tudo será obrigatório, até as vacinas, o dinheiro substituído por moeda virtual e o reconhecimento facial distinguirá os bons dos maus, na ótica deles, claro.

O absentismo continuará a ser o vencedor das eleições que ainda não estão falsificadas nem com resultados previamente forjados, até um dia em que já seja preciso votar. Eles votam por nós, como aliás já decidem quase tudo por nós, também nos retirarão essa canseira.

CRÓNICA 359 DESCOLONIZAÇÃO, COLONIALISMO, COMBATENTES E FALTA DE RESPEITO, 2.9.2020 CRÓNICA 289

Há temas que alguns chamam fraturantes e eu designo como demasiado incómodos para discutir, e desde há muito tempo não discuto com ninguém: futebol descolonização ou religião. São experiências pessoais que em muito transcendem a lógica argumentativa e duma discussão dessas nunca sairiam resultados úteis.

Dito isto e respeitando as opiniões contrárias (eu não disse concordando), dei-me ao trabalho de contrapor a afirmação de que a descolonização das “províncias portuguesas” foi catastrófica e não uma descolonização exemplar como outros nos querem fazer crer.

Nem uma coisa nem outra, foi a descolonização possível, fora de tempo, forçada pelos grandes interesses das potências mundiais num enorme jogo de dominó em que se manipularam os inexperientes portugueses saídos do 25 de abril para a dura tarefa de descolonizar.

Não foi nem melhor nem pior do que as restantes feitas por países mais poderosos como o Reino Unido, Alemanha, França, Austrália, etc. foi, certamente, má mas nem pior nem melhor do que as restantes.

Má, atabalhoada e manipulada de fora. Os desgraçados que lá viviam foram a moeda de troca, enxovalhados ao serem chamados de “retornados” e espoliados do seu trabalho, nem todos eram racistas, nem todos eram negreiros, nem todos eram salazaristas (embora muitos o fossem). Tiveram de recomeçar do nada e ficaram para sempre ressabiados, com razão, mas a vida continua e temos de andar para a frente.

Também fiquei impedido de regressar a Timor pela invasão colonial da Indonésia a 7 dezembro 1975 e se bem que toda a minha vida planeada tenha sido posta à prova, recomecei de novo em Macau e na Austrália e, mais recentemente, Portugal.

De uma enorme devastação que os anos de guerra colonial (mesmo em Timor) me causaram e subsequente reajustamento a novas sociedades e culturas, fiz disso uma mais-valia multicultural enriquecedora. Não consta que me ande a queixar eternamente do infortúnio. E se admito que a minha noção de patriotismo nada tenha a ver com a minha deserção quando fui amnistiado por Spínola e fui a Bali e Austrália, não entendo como o povo português continue calado e tolere a existência de mais de mil corpos de combatentes abandonados em campas rasas em Angola.

Intolerável isto só comprova a minha teoria, que nós, especialmente os oficiais milicianos, não éramos senão carne para canhão. É a falta de respeito pela memória dos mortos e estropiados que é intolerável, mas sobre ela raramente se fala.

Pior estão os ex-combatente dos EUA que morrem que nem tordos nas ruas onde nem sobrevivem como sem-abrigo, com doenças e SPT (stress pós-traumático), abandonados pela sociedade que os espoliou dos melhores anos de vida em troca de uma mancha de nada.

Não segui a corrente campanha eleitoral pois de promessas fartas incumpridas anda este eleitor cheio, mas não devo errar se disser que nem um se deve ter lembrado dos desgraçados dos ex-combatentes, em avançada idade como eu, ou mais velhos ainda, sem uma pensão condigna, sem acompanhamento eficaz do SPT e outras maleitas além da idade.

É essa indiferença, esse esquecimento, esse desprezo por aqueles que deram os melhores anos da sua juventude que magoa e me afasta de promessas políticas de quatro em quatro anos. Assim será sempre, até ao dia em que o sol não nasceu, a chuva não caiu, a maligna carne de vaca não se comeu e em que eu (que não vendo livros) deixe de os escrever.

CRÓNICA 359 II ODEIO ROTUNDAS

Como as pessoas não aprendem, tenho uma solução simples e relativamente económica, tinta e um pouco de cimento para resolver



MARCA UM AMIGO

QUE NÃO SABE CIRCULAR EM ROTUNDAS



Primeiro faria marcações no solo indicando cada faixa para onde ir, a faixa da direita só pode virar na primeira à direita, a faixa esquerda pode seguir em frente ou virar à esquerda na 2ª ou 3ª saída



MARCA UM AMIGO

QUE NÃO SABE CIRCULAR EM ROTUNDAS



Depois prolongava para o eixo da via o separador central de cada via de forma a que quem viesse já na rotunda não pudesse continuar a circular e virasse na entrada que lhe competia. Bastava que a faixa mais à direita só desse para sair na próxima saída...



MARCA UM AMIGO

QUE NÃO SABE CIRCULAR EM ROTUNDAS



CRÓNICA 360, ACREDITE EM NÓS, LIBERDADES QUE O VÍRUS APAGA, 12.9.2020

A PSP deteve 362 pessoas entre março e setembro por incumprimentos das regras da Direção Geral de Saúde. Uma das medidas excecionais legalmente aprovadas para alavancar o esforço de contenção do alastramento pandémico foi o confinamento domiciliário obrigatório, determinado pela autoridade de saúde, medida sanitária que ainda se encontra em vigor.

Na Coreia do Norte, o Grande Líder mandou atirar a matar sobre o vírus.

Em Perth, Austrália Ocidental, uma mulher de 33 anos que se deslocara de Nova Gales do Sul e a quem foi mandado ficar em quarentena de 14 dias, foi descoberta a receber duas visitas em sua casa quando uma inspeção de rotina o detetou. Foi-

lhe aplicada uma pulseira de monitorização, uma multa de mil dólares e foi retirada para um hotel para cumprir o resto da quarentena.

A primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinta Arden (amiga de Bill e Melinda Gates), deu uma conferência de imprensa em que afirmou "podem confiar em nós [governo] como única fonte de informação verdadeira. Se ouvir algum rumor comunique connosco para o clarificarmos. Não esqueça, a menos que o tenha ouvido diretamente de nós, não é verdade.

Por cada morto Covid há 4 mortos de outras causas, as cirurgias continuam a ser adiadas, as listas de espera aumentam e as consultas acumulam-se. E ninguém acredita nas estatísticas dos mortos.

E em todo o mundo, em quase todos os países, com a desculpa do vírus foram retirando liberdades em nome da saúde pública. Nuns, mais que noutros, desde confinamento a recolher obrigatório, a proibição de público em espetáculos, futebol, cafés, restaurantes, uso de máscara, e tanta proibição que uma pessoa nem consegue desobedecer a todas. Quando acordarmos deste pesadelo, as liberdadezinhas que tínhamos terão desaparecido, e sempre no supremo interesse da saúde, todos os nossos passos serão escrutinados e controlados até ficarmos como na China onde o reconhecimento facial permite saber o comportamento social de cada cidadão e isso determina a liberdade de movimentos de cada um. Já ando há anos a escrever sobre isto, e acusam-me de ser um seguidista das teorias da conspiração.

Termino com a constatação de que esta pandemia do medo veio traz à tona o que há de pior em todos nós: egoísmo, intransigência, aiatolismo, ignorância, espalhar falsas notícias desenfreadamente sem verificar (desde que correspondam aos nossos arquétipos de medo), fez nascer o tiranete que existe em cada, incentiva a prática da santa Inquisição e da PIDE: a delação. Não restem dúvidas tudo isso vai a médio e longo prazo afetar a sociedade no seu todo e a saúde mental de cada um de nós.

CRÓNICA 361 ESTE MUNDO DECLAROU GUERRA AOS VELHOS 21.9.20



Nada se aprendeu nestes meses de pandemia, nos lares de Portugal os velhos continuam a morrer como tordos, e pouco, ou mesmo nada está a ser feito para os proteger. Não quero acreditar mas parece propositado e recorde uma crónica minha de 3.12.2013:

"Na Lituânia uma ministra alvitra a eutanásia para os pobres.... Errou o alvo, eu usava-a nos políticos como ela. Já há tempos um ministro japonês e a senhora FMI (Christine Lagarde) diziam que se tinha de acabar com os velhos...mais precisamente as suas palavras foram: "os idosos vivem demasiado e isso é um risco para a economia global! Há que tomar medidas urgentes." Podem dar o exemplo e desaparecerem já da face da terra...

Não só me preocupa por serem velhos, eu também o sou, mas com eles vai-se perder uma geração única de lutadores, pessoas que – na maior parte dos casos - sem estudos, conseguiu educar os filhos e dar-lhes uma educação e cursos; que, nascidos na guerra ou após a mesma, souberam ajudar a reconstruir os países e a sociedade; passaram necessidades, fome e frio, mas sobreviveram numa era sem inovações tecnológicas para os ajudar, essas chegariam muito mais tarde. Foi essa geração que além de ajudar e apoiar os filhos (para serem rejeitados por eles em idade avançada e metidos num lar, ou atirados para a rua, como se de trapos velhos se tratasse, em muitos casos sem terem os netos a quem tanto queriam. Perde-se assim o elo intergeracional que existia há séculos nalguns casos, estão a morrer por detrás dum vidro, numa janela, donde apenas podem assomar para enviar um adeus, um afago a outros entes queridos e muitas das vezes, nem isso. Deram os melhores anos da sua vida em sacrifícios sem fim ao trabalho, à família, ao país, e agora morrem sós e assustados.

O Estado não parece muito preocupado, fica mais barato deixá-los morrer do que mandar lá enfermeiros e médicos tratá-los. Além do mais quando morrem, o Estado deixa de pagar as suas pensões de miséria e sempre poupa mais uns tostões. E o Estado que nos desgoverna sempre pensou assim: é do conhecimento geral que os velhos só acarretam despesas com a sua manutenção, doenças, asilos, tratamentos caros e é uma falácia pensar que os descontos que fizeram na sua vida produtiva dão para os manter nos longos anos de vida que ainda têm hoje. Dantes quando se finavam novos, pelos 60 ou 70 talvez fossem sustentáveis, agora chegando aos 80 e 90 anos, é incomportável manter tanta gente improdutivo e ninguém liga ao que os velhos dizem, pois estão desajustados deste novo mundo tecnológico e de progresso em que vivemos. .

Dizia em março a Mariana Machado "Nem todas as pessoas mais velhas que morreram ou irão morrer estavam dementadas e incapacitadas de comunicar (e mesmo que estivessem esta bestialidade não se justificava), muitas ainda teriam carinho para dar aos netos, filhos, cônjuge, amigos e muitas ainda teriam capacidade de nos transmitir conhecimento, muito dele de uma ordem especial, a que só o tempo permite aceder"

Pertenço a essa peste grisalha que todos parecem querer isolar agora até ao momento da despedida final, mas ainda não estou nem senil nem demente, e prezo demasiado a minha liberdade individual, pela qual lutei afincadamente toda a vida, para que outros decidam por mim, nisto de democracias guiadas e outras situações semelhantes lamento mas nem o Suharto na Indonésia conseguiu... e essa de deixar morrer os velhos para salvar a economia só os totós acreditam nela.

Querem que nós acreditemos que não se trata de eugenia, mas apenas da aplicação das leis de Darwin em que só os mais fortes sobrevivem e todos sabemos bem que os mais fortes, são os mais poderosos, os mais ricos, cuja inteligência os alcançou aos lugares de prestígio que hoje ocupam na sociedade. Gostava de acreditar que haverá neste mundo uma mão cheia de idealistas, novos e velhos, capazes de evitar o cenário descrito. Claro que seremos na maioria poetas, utópicos cuja única arma são as palavras.

CRÓNICA 362 RECUPERAR UMA MEMÓRIA DE INFÂNCIA É UMA BENÇÃO , - 1.10.2020

Normalmente seria crítico do Mark Zuckerberg, embora me conte entre os milhões que usam a sua plataforma Facebook mas não a uso para “selfies” nem para contar o que sinto ao acordar, o que comi ao almoço, quem encontrei, com quem sonhei e quejandos. De qualquer modo não é a primeira vez que permite viagens no tempo e já me proporcionou boas surpresas. O que eu não esperava era que reavivasse memórias perdidas de infância. Hoje quase a perfazer 71 outonos, resolvi fazer uma pergunta a um senhor com quem interagi esporadicamente na página do Carlos Fino e na dos Beatles do Luís Pinheiro d’Almeida, entre outras. O que me despertou a memória foi o apelido ARÊDE, que só vi uma vez, e guardei aos meus 15, 16 anos. Era um jovem como eu que tocava discos na cabine de som da Avenida 8 em Espinho nos anos de 1966-1970. Logo me veio à memória “Our House”, “Marrakesh Express” desse disco sagrado Crosby, Stills, Nash & Young “Deja vu”, entre tantos outros de Dylan, Baez, James Taylor, Cat Stevens.

A cabine de som do “Netinho” que a explorava (bem como a da piscina de Espinho) funcionava, creio que das 11 às 13 e das 15 ou 16 até ao jantar, maioritariamente ocupada pela leitura de centenas de pequenos anúncios pirosos dos comerciantes do sítio, que eram entrecortados por música. Havia ainda os pequenos imprevistos das crianças que se perdiam dos pais, as chaves que apareciam no chão, e outros perdidos e achados que ali nos iam levar.

O meu pai que gostava de se sentar na esplanada Avenida a fumar o seu SG-Ventil, beber um Martini, a ler o jornal ou um livro, não apreciava muito a intrusão sonora, mesmo que a voz de fundo fosse do filho. Mas suportava a poluição sonora, pois nas manhãs o movimento no “picadeiro” era reduzido. Quando eu e o jovem Artur Arêde começamos a ser as vozes desses anos, sentíamos-nos importantes e capazes de despertar a atenção das núbéis donzelas que ali se “promenavam” e os amores fugazes de verão alimentavam o ego durante um ano inteiro. Nós levávamos os nossos discos (eu obtinha discos raros via Radio Luxembourg e Radio Caroline, as rádios piratas mais célebres na época) para substituir as pirosas músicas que lá existiam, dando um ar mais contemporâneo à música de que os jovens gostavam. Num café em frente tinham surgido, uns anos antes, as primeiras “juke box” onde se ouvia Françoise Hardy (“Tous les garçons et les filles 1962, Sylvie Vartan (“La plus belle pour aller danser 1964” and “Si je chante 1964” “Jolie Poupé 1968, Johnny Halliday,...que repetidamente víamos e ouvíamos, até as moedas de 5\$00 (0.025 cêntimos €) acabarem. A música “yé-yé” era atraente para os jovens dessa época numa sociedade ainda afrancesada e onde os Beatles iam fazer incursões com os Rolling Stones, Animals, Hollies, e milhares de grupos que nunca esquecerei.

Pois foi graças a este fortuito encontro de uma memória privilegiada que tento manter, que recuperei este episódio das minhas lides radialistas em tenros anos, e que obnubilado estivera até agora, das minhas memórias escritas. Fiquei contente com este reencontro virtual a milhares de quilómetros de distância e mais de 50 anos de intervalo, que me permitiu reviver momentos que, na época, eram muito importantes e viriam a marcar indelevelmente a minha carreira

Faltou mencionar a experiência radiofónica entre 1966 e 1967 para a RAD (Rádio Alto Douro, que era do avô do meu primo João Pinto Leite de Oliveira). Em casa dele, o pai (na época o Sr. Grundig) montou um estúdio improvisado, com insonorização total a esferovite e começámos a gravar programas com a ajuda do António Figueiredo (atual professor universitário e economista). Eu pedira a estações piratas como a Radio Caroline e a Radio Luxembourg discos que não havia cá. Escrevíamos os textos e fazíamos a gravação, montagem e os arranjos para um programa semanal de uma hora que ia para o ar (se a memória me não falha aos sábados). Transmitíamos músicas que raramente se ouviam nas rádios portuguesas, com textos sobre as grandes correntes musicais (isto antes de Woodstock e profundamente influenciados pela cultura musical norte-americana e inglesa. Nunca cheguei a ir à Régua ver os estúdios do programa que se chamava “Estúdio-2”. Era patrocinado pela estação sem intervalos publicitários e com bastante audição. Existe ainda uma fita em mau estado de um dos programas de maio 1967 que guardo religiosamente em cassette.

Uma interessante experiência que jamais esqueci e a que se juntavam artigos para a juventude que tinham sido escritos na revista jovem em Lisboa, a “Musidisco” e mais tarde na “Flama”. Esta faceta literária da juventude vinha na sequência da publicação entre 1963 e 1964 do jornal “Centaurio” dos alunos do Liceu Alexandre Herculano, em oposição ao velho jornal “oficial Prelúdio” que considerávamos conservador, estático e formal. Escrevia-se sobre tudo e todos desde xadrez a poesia. Outra memória radialista, é a dos anos em que fiz rádio em Macau (1977-1982) na Emissora de Radiofusão de Macau (ERM, depois Rádio Macau da RTP) e que jamais esquecerei.



ao fundo a cabine de som (anos 60)



CRÓNICA 363 QUE FUTURO 12.10.2020

Ao contrário de um célebre político que raramente se enganava, eu, por vezes, antecipo bem outras mal aquilo que os meus algoritmos mentais compilam de tudo o que vejo e leio.

Ante vejo que o número de casos positivos (ditos infetados) continue a subir em flecha em todos os países, que se anuncie a rutura dos sistemas hospitalares (falta de camas, médicos, enfermeiros), a partir de agora à medida que a gripe normal e as pneumonias outonais aumentam sendo testadas e dando positivo para o SARS-COV2.

Que, pontualmente umas atividades sejam suspensas ou interditas, em troca de outra,, sem nexos ou coerência, como aliás tem sido norma desde o início da pandemia.

Nos lares e demais depósitos de velhos a mortalidade continuará alta, mas a proibição de contacto incidirá apenas nos membros de família que não poderão visitar os familiares (a maioria já não o faria antes).

As escolas continuarão na macacada atual, umas fecharão outras não, neste circo mascarado que impuseram a professores e alunos. Se estivessem preocupados com a doença, mandavam todos para casa e cancelavam o ano.

Os eventos políticos, touradas e outros de humor ou entretenimento podem continuar pois provou-se que o Covid ali não ataca, apenas nos estádios de futebol, locais de culto e outros previamente selecionados.

Os serviços públicos e hospitais continuarão a deixar as pessoas à chuva, ao vento e ao frio, à espera de vez, para serem atendidos, e qualquer AVC não pode ser tratado sem o teste ao Covid (pode ser que morram antes de vir o resultado do teste como já foi reportado).

O Presidente já avisou e a senhora da saúde já afirmou perentoriamente (como já disse e desdisse outras coisas noutras ocasiões) que o contágio se faz em família pelo que o melhor é cancelar todas as festividades de natal, o que interessa é despersonalizar os indivíduos, quebrar os elos sociais de amigos e família mantendo o regime de medo, delação e intimidação, e à socapa vão-se introduzindo medidas de controlo social e outras tudo em nome da saúde pública (curiosa semelhança com as medidas antiterrorismo depois do 9/11), e o povo medroso, amedrontado e submisso, a tudo anuirá. Em vez de se proteger e fortalecer o seu sistema imunitário continuará a desinfetar-se tanto que chegará o dia em que a mais pequena bactéria o prostrará por não ter defesas.

Todos os que se opuserem a esta nova ordem mundial, serão apodados de defensores das teorias de conspiração, desacreditados e marginalizados, enquanto os meios de controlo total não entram em vigor (no aeroporto de Lyon já introduziram “experimentalmente” os métodos de reconhecimento usados na China).

E não faltará muito para todos nos termos de sujeitar (já nos tiram a temperatura à entrada de algumas entidades) à verificação. Por meio de um aplicativo, o governo da China iniciou o monitoramento da saúde dos seus cidadãos - classificados com bandeira verde, amarela ou vermelha - para controlar onde e quando cada pessoa esteve. O software (alegadamente) ajuda a combater a propagação do novo corona vírus, mas também abastece as forças policiais com informações pessoais e permite isolar quem estas decidam terem risco de contágio, com o aplicativo a poder monitorizar a localização dos cidadãos. Tudo, claro em nome da saúde pública e para evitar a propagação Covid. Os chineses que levarem multas de trânsito, desrespeitarem ordens judiciais, fumarem em locais proibidos, acumularem dívidas, ou postarem notícias falsas online, entre tantos outros critérios, podem ter seus créditos reduzidos. Nesses casos, as punições vão de restrições na compra de passagens de avião e comboio ao bloqueio de acesso a linhas de crédito, passando pela proibição da matrícula dos filhos nas escolas e pelo veto a um posto de trabalho em órgãos públicos. Ora bem, não digam que não vos avisei quando isto suceder na vossa comunidade

CRÓNICA 364 COVID FASE 3 NO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DE 25.10.2020

DIA 1 DE JANEIRO 2021, COMEÇA HOJE UMA NOVA ERA, a União Europeia decretou e deu poderes plenos aos estados membros para implementarem, de imediato, na medida das suas disponibilidades técnicas, as novas medidas de saúde pública, necessárias para se lidar com a pandemia SARS-COV2 que alastrou, de forma descontrolada, por todo o mundo.

Assim, a partir de hoje, o Estado decide quem pode sair de casa, quem se pode dirigir ao emprego e a qual emprego, quem pode ir aos super e hipermercados fazer compras, decidindo também o que cada um pode comprar se o Estado considerar tais compras essenciais e de primeira necessidade. Nem todos os itens expostos podem ser adquiridos por qualquer pessoa.

Os levantamentos bancários continuam suspensos enquanto se introduzem as novas moedas virtuais e se faz a conversão de débitos e créditos em bitcoins e outras moedas.



Os programas de reconhecimento facial serão lentamente introduzidos em todos os países para permitirem um maior controlo de ameaças terroristas e de grupos que visam desestabilizar a sociedade, contrariando as medidas de controlo da pandemia e de bem estar e saúde de todos os cidadãos.

Todas as viagens para fora dos concelhos de residência e do país, terão de ser previamente autorizadas através do novo cartão de cidadão e de seus créditos sociais.

As viaturas privadas só podem circular se previamente os seus proprietários tiverem obtido os créditos sociais necessários para circular e apenas nas áreas autorizadas.

O novo sistema da EU permitirá aos cidadãos e empresas uma recompensa ou punição pelo respetivo comportamento social, como forma única de se debelar a grave crise de saúde que a Europa atravessa.

Este novo sistema de créditos sociais inclui toda as ações que possam afetar a honestidade e idoneidade de cada pessoa (exemplos: não atravessar a rua nas passadeiras e zebras, escrever falsidades nas redes sociais, difamar, propagar boatos ou notícias falsas relativamente ao Estado e seus membros, não reciclar os resíduos urbanos, ter dívidas não pagas, ter comportamentos de alcoólatra, excesso de tempo gasto em jogos online, etc..

Só assim será possível alcançar "harmonia social" nos campos da saúde, higiene e planeamento familiar; segurança social, cuidados com os mais velhos e caridade; trabalho e emprego; educação e investigação científica; cultura, desporto e turismo; proteção ambiental e poupança energética; aplicações e serviços de Internet; vida económica e social.

Tudo o que for publicado online será rastreado e incluído na pontuação de cada cidadão, o que significa que quem postar mensagens positivas sobre o país, o governo, o sistema social, a economia, etc., terá uma classificação mais elevada (e vice-versa, é claro).

Mas o que é ainda maior garante da justiça deste novo sistema, e a fim de evitar fraudes, é que os cidadãos não terão controlo total sobre a sua própria pontuação, pois a mesma depende também do que amigos e familiares disserem e fizerem online. Ou seja, se o cidadão X tiver o azar de ser amigo ou familiar de alguém que faça um comentário negativo online, ou que incorra em algum tipo de comportamento "desadequado", o resultado é que o mesmo terá consequências negativas na sua classificação baixando-o e mesmo que X não tenha absolutamente nada a ver com o assunto.

Por outro lado, se cometer um ato heroico, fizer doações, participar em programas de voluntariado poderá ter mais pontos na sua classificação pessoal, uma espécie de Euromilhões que lhe permitirá ter mais benefícios como internet mais rápida, mais viagens, mais compras, inscrever os filhos nas escolas de topo, obter empréstimos bancários, candidatar-se a benefícios da segurança social, concorrerem à função pública, poderem trabalhar no setor da restauração e hotelaria, na indústria da medicina, bem como na transação de certo tipo de ativos; conduzirem comboios ou aviões; visitarem certos restaurantes, hotéis, clubes, adquirirem seguros de natureza variada; renovarem a própria casa e, finalmente, e como já referido, sofrerem imposições à velocidade da Internet, que ficará mais lenta..

Tudo vai depender do seu nível de confiança e credibilidade.

Para muitos analistas, há muito que os vários governos vinham solicitando autorização para este novo sistema de monitorização e classificação individual. E já vivemos há anos num mundo onde algoritmos preditivos determinam se somos uma ameaça, um risco, um bom cidadão ou se somos de confiança, pelo que a ameaça COVID veio permitir finalmente criar uma sociedade mais harmoniosa e funcional.

No entanto, como nota discordante, surgiu em Portugal um movimento contestatário intitulado "Cidadãos pela liberdade" (já devidamente identificados e assinalados como perigosos desordeiros atentando contra a ordem pública) que pretende declarar a inconstitucionalidade das novas normas através de uma providência cautelar.

A publicação deste artigo de minha autoria, comprovada que foi a sua originalidade e não plágio, dará um crédito de 5 pontos ao seu autor!

365, NÃO FAÇA PLANOS, ELES JÁ OS FIZERAM POR SI, 2 NOV 2020

É oportuno recordar um conselho de Confúcio: "se tiveres planos para um ano, planta arroz; para dez anos planta árvores; para cem anos, educa as crianças." Em democracia, isto seria muito difícil pois os políticos desta sábia visão não seriam reeleitos.

Com esta história do Covid se não morremos da doença, morremos da cura, mas entretanto os nossos direitos constitucionais podem ainda ter utilidade e ser usados como papel de parede. Aproveite para usar sempre a máscara, já não precisa disfarçar o sorriso. Aceite o que os governos e a OMS lhe mandam, é para seu bem e no fim, ainda lhe oferecem a vacina (a da gripe existe há décadas e a gripe continua como há séculos mas podia ser pior, dizem-me). Fazem bem os que não ouvem os cientistas (enganam-se tantas vezes...) e os que antecipam cataclismos, tudo pode acontecer, um meteoro destruidor (como já sucedeu); um tsunami avassalador, a erupção de Yellowstone ou Cracatoa. Nesta indiferença suicida, aproveitem os dias que restam antes do fim, continuando a poluir os oceanos com os plásticos, que já comemos na alimentação diária, que já respiramos e absorvemos nos pulmões, beba a água que falta em muitos cantos do mundo enquanto não paga por

ela e enquanto a torneira estiver aberta. Quem sabe, se a IA (inteligência artificial), que povoa fábricas e escritórios, finalmente decide que não temos inteligência suficiente para continuar a viver e nos condena ao extermínio, como fizemos a tanta civilização que descobrimos quando explorávamos os oceanos (lembro-me de Pizarro e Cortéz nas Américas).

Por isso, continue a proferir palavras e desejos ocultos; mas cheios de boas intenções; deixe-se absorver pelo consumismo exacerbado a que a massificação da propaganda o impele; compre, mais, sempre mais; endivide-se a si, aos filhos e aos netos para “possuir” bens materiais de que não necessita (embrulhados em plástico brilhante para poluir visivelmente) mas que lhe dão imenso gozo possuir mesmo que não os use (por exemplo um catamarã para navegar no Saara, um avião para estacionar na ilha do Corvo; um submarino para a Lagoa do Fogo; acredite que tem muitos amigos no Facebook; sinta que é um bom católico e vá à missa, aos enterros e outras funções (quando não espezinha os que se cruzam consigo ou se esquece dos ensinamentos dos livros sagrados); pense que é um bom patrão (só por ser condescendente com os súditos, perdão, agora chamam-se “colaboradores”); estacione no lugar dos “deficientes (só demora um minuto) sempre que não encontre lugar à porta do supermercado; continue a ignorar como se circula numa rotunda; use a faixa do meio ou a da esquerda quando há mais do que uma nas autoestradas e vias rápidas; atire lixo ou beatas de cigarro do veículo em andamento ou se for a andar atire para o chão que a papeleira está a 50 metros; e terá, à sua frente, um futuro tão brilhante quanto o de Marco Túlio Cícero, advogado, político, escritor e filósofo. A sua influência na história da prosa subsequente é enorme. A ele se deve a introdução e o desenvolvimento da filosofia grega no mundo romano, bem como a criação de um vocabulário filosófico novo que incluiu termos como *evidentia*, *humanitas*, *qualitas*, *quantitas* e *essentia*. Morreu em 43 a.C. de morte matada. As suas mãos e a cabeça foram publicamente exibidas por ordem de Marco António. Se ainda não deu destino aos seus bens, pense nisso, pode não os ter amanhã ou não os poder utilizar. Quando os empregos acabarem vai viver de quê?

Há tanta civilização, conhecida e desconhecida, que desapareceu da face da terra. Algumas deixaram rastros visíveis, outras sumiram e nem conseguimos interpretar os vestígios para avaliar as causas do desaparecimento, é conjeturável que o mesmo suceda à nossa. Tudo começará do zero, com os sobreviventes, se os houver, e como a História nos ensina, serão os tecnologicamente menos atualizados, como os aborígenes australianos em contexto tribal. Demorará milhares de anos a evolução tecnológica e até lá ficarão a pairar nos céus satélites obsoletos, perecerão as torres de comunicações indispensáveis à civilização atual, a natureza ocupará os edifícios abandonados, as areias enterrarão os exageros dos Emirados Árabes, e, alguém descobrirá os vestígios desta civilização como descobriram Borobudur⁵ ou como descobrimos cidades Maias, em plena selva, soterradas por séculos de abandono.

E termino parafraseando um mago da música, Roger Waters: “This species has amused itself to death” que é como quem diz “esta espécie (humana) divertiu-se imenso até à morte”. Seja feliz enquanto pode.



5 (Indonésia, Java, construído no séc. IX e ressurgido em 1814 ou em 1860 parte de Angkor Vat, Camboja, que ainda não foi totalmente redescoberto)

CRÓNICA 366, QUE ANÚBIS NOS PROTEJA 10.11.2020



Que Anúbis nos proteja como protegeu Tutankhamon em Tebas, quando Amon (Amon Ra) era o deus criador todo poderoso, já venerado por seu avô Imhotep III (Amenhotep) e por sua mãe Nefertite, que renegou o deus sol (Atón) idolatrado pelo marido. o faraó Amenófis IV, aliás Aqueenáton (séc. XIV a.C.) e a sua cidade sagrada de Amarna (Akhetaton). E faço esta invocação faraónica a propósito de quê? Dos faraós que nos Açores em 24 anos quiseram mudar os deuses tradicionais e se centraram num deus-sol em volta do qual tudo girava. Só que no arquipélago, assim como no Antigo Egito, o povo não queria abdicar dos velhos deuses e recusou o deus-sol. Foi destronado, a sua capital dedicada a Atón arrasada, e as pedras trasladadas para outras cidades.

É o que acontece quando se querem mudar as divindades. Agora os novos faraós terão de erigir uma nova Gizé com pirâmides de Quéops (Khufu), Quéfren e Miquerinos (Menkaure) em plena pandemia e tempo de vacas magras, depois de terem prometido tudo e mais alguma coisa (exceto um tunel submarino a ligar o Faial e o Pico).

São tantas as promessas e exigências dos parceiros, que não sei quantas vidas levaria cumpri-las isto se os parceiros não se divorciassem litigiosamente antes do termo. Como sempre fiz, darei cem dias para ver em que direção vamos, mas já ouço queixas de que isto afinal, está muito pior do que se previa e que o governo anterior nos deixou um campo minado. Só a dívida das empresas públicas e parapúblicas levará toda a ajuda económica pandémica e pode não chegar. Depois, é preciso dar tempo ao tempo (que é aquilo de que não dispomos) para as pessoas se inteirarem dos dossiês e adotarem medidas, enquanto a economia mergulha profundamente, o desemprego alastra, as empresas a fechar, o turismo estagna e tão cedo não irá recuperar, a miséria e a pobreza aumentarão sem resposta capaz.

Adivinham-se dias negros, como já se adivinhavam se nada tivesse mudado, e como sempre escrevi, continua a faltar nos Açores muita massa crítica e cinzenta para pensar o presente e futuro, enquanto os jovens (e enfermeiros) continuarão a fugir para outras paragens onde lhes seja dado valor e recompensa digna pelo seu trabalho, as ilhas menos povoadas continuarão a envelhecer e a empobrecer, e a enorme jangada continuará à deriva neste Grande Mar Oceano. E eu, que nem sou deus nem bruxo não tenho soluções nem propostas, tudo o que devia ter sido feito não o foi enquanto era tempo e agora teremos de ser reativos em vez de pró-ativos. Que Anúbis nos proteja.

CRÓNICA 367, UM PEQUENO CONTO SURREAL 20.11.20

Uma mulher fez-se explodir no centro de Tunes, capital da Tunísia. A explosão ocorreu na movimentada avenida Habib Bourguiba. Oito dos feridos são agentes da polícia.

A mulher usou uma granada de fabrico caseiro com pequenas quantidades de explosivos. Fotografias entretanto publicadas pela rádio nas redes sociais mostram uma mulher no chão, aparentemente morta, com ferimentos na anca esquerda, vestida com calças e blusão escuro, com véu.

Desde a revolução que fez cair a ditadura de Ben Ali, em Janeiro de 2011, a Tunísia foi palco de centenas de atentados que quase acabaram com o turismo, setor responsável por 7% do PIB.

Era jovem e sonhava com revoluções, uma alma perdida nos labirintos do Daesh que sonhava com as suas 72 virgens nos céus e o fim dos infiéis cristãos que dominam o mundo e conspiram contra a memória de Alá.

Quando viu o Pedro Paulo Câmara após este a fotografar nas pedras do cais em Lisboa, trocara com ele um breve e tímido sorriso e dele ouviu estas palavras.

Quando, no cais das minhas colunas, uma imagem fala por si, fala pelo mundo. Voa, gaviota, voa de asas milenares, mais velhas e usadas do que esta nação ou esta Europa casa-mãe e casa-mar. Voa e recebe nos teus ninhos todos quantos de amparo precisam.

Não entendeu então que a Ibéria em tempos fizera parte desse sonho do Al-Andalus e ainda éramos todos aparentados, herdeiros dessa vivência intemporal que unia credos distintos séculos antes das fogueiras da Inquisição.

Nada tinha a temer, nem era ucraniana para morrer torturada numa sala do SEF no aeroporto de Lisboa no séc. XXI.

Subiu aos céus na Tunísia sem saber da pandemia de Covid-19 ignorando que como descendente renegada de sefardita podia requerer a nacionalidade portuguesa e ser feliz aqui em frente ao Tejo



foto do Pedro Paulo Câmara

CRÓNICA 368 DO IBERISMO AO 1º DE DEZEMBRO

Quando esta crónica for publicada, a data terá passado sem grandes manifestações públicas nacionais ou regionais sobre a sua importância, e um povo que não cuida da sua história está condenado ao idêntico olvido

Gostava de ter algumas réstias do meu sempiterno otimismo, mas a reserva desoladamente está no nível mínimo desde há décadas. Quando, ano após ano, a chuva cai e não molha corações pois esses secaram para sempre, quando dia após dia nos lavam o cérebro com uma pandemia que eliminou as mortes por gripe mas fez aumentar outras mortes temos de assumir que esta casa em que vivemos, a sociedade, é de péssima qualidade e estes “mestres” de construção não passam de biscateiros incapazes de fazerem uma obra como deve ser. Mas vamos todos cantando e rindo para o matadouro das vacinas que nos obrigam a tomar. Raras vezes as pessoas param para pensar, mesmo os que ainda não desaprenderam tal exercício. Menos ainda as vezes que estudam a história e dela retiram ensinamentos. É esta a tradição e não é de hoje, vem de há muitos anos como constatei ao traduzir este parágrafo:

Enquanto a Terceira e as ilhas próximas resistiam ao assalto dos espanhóis à Coroa portuguesa, S. Miguel franqueou-lhes a entrada. Isto deveu-se ao facto de o Corregedor Ciprião de Figueiredo estar sediado em Angra. Fiel apoiante do Prior de Crato, terá proferido a frase “antes morrer livres que em paz sujeitos”. ... a capitania de S. Miguel estava na mão da influente família Gonçalves da Câmara. Além disso, residia em S. Miguel o Bispo dos Açores, D. Pedro de Castilho, fiel a Filipe II. Viria a ser Vice-Rei de Portugal em paga da fidelidade à causa castelhana. Mais tarde, o Capitão do Donatário de S. Miguel recebeu o título de Conde de Vila Franca. Abundam ainda agora os que esquecem o terror do domínio castelhano e pressurosos querem entregar o país ao vizinho ibérico.

Miguel Urbano Rodrigues escrevia em 2006^o:

Os iberistas, ao esboçarem uma Espanha plerórica de energias, de progresso e criatividade, simulam esquecer a mais alta taxa de desemprego da União Europeia. Não aludem ao racismo e à xenofobia que fazem hoje da pátria de Cervantes um dos países europeus onde os imigrantes, sobretudo os magrebinos, equatorianos e colombianos, são mais discriminados. Preferem discorrer sobre a localização da capital, a estrutura institucional do Estado, Federação ou simples transformação de Portugal em mais uma Região Autónoma, e, o papel do Rei. Fala-se do bacalhau, do fado, do flamenco, de marialvas e senhoritos, dos dois idiomas, ... longe de serem «muito parecidos», portugueses e espanhóis distanciaram-se progressivamente, exibindo atitudes quase antagónicas. Trabalham e comem a horas diferentes, transformam o culto do aperitivo num instrumento de convívio.

Outra omissão é a falta de referências à colonização económica de Portugal pela Espanha. O processo em curso é avassalador. Há três décadas a Espanha não existia como parceiro comercial. Hoje ocupa o primeiro lugar nas importações por-

tuguesas. A banca espanhola conquistou parcela importante do mercado português. O mesmo ocorre com a hotelaria e as grandes transnacionais como El Corte Inglés e Zara. As imobiliárias espanholas invadem as cidades. O processo de colonização pacífica assume facetas particularmente alarmantes no Alentejo onde capitalistas espanhóis compraram as melhores terras no Alqueva. Adquiriram milhares de hectares para criação de porcos, instalação de lagares e plantação de oliveiras e vinhas. A invasão é festejada pelo Governo e pela grande burguesia. Agradecemos.

Saúdam os espanhóis como agentes do progresso. Com a espontaneidade da nobreza de 1383 a saudar D João De Castela e a nobreza de 1580 a alinhar com Filipe II. Essa forma de dominação económica encobre uma modalidade de intervenção imperial. Hoje, ninguém se surpreenderia se Portugal passasse a dependência espanhola, como se de um banco se tratasse. Como se falássemos em abrir um escritório no litoral já que o interior está desertificado de gentes e de economias de mercado viáveis. Por outro lado, despontam iniciativas de união ibérica, nem sempre dissimuladas, que causam engulhos.

Por ser um estudioso que condensou o que penso, sigamos Carlos Fontes:

O iberismo é típico do séc. XIX. ... As pequenas nações condenadas a serem absorvidas pelas grandes (teoria darwinista). É uma manifestação patológica de indivíduos que sofreram influência espanhola ou se assumiram como agentes de interesses espanhóis. Quando a situação é melhor no outro lado da fronteira, a integração surge como a solução para resolver a crise, sem trabalho. Alguns assassinatos de iberistas ficaram célebres, como defesa de valores fundamentais - dignidade, identidade cultural e liberdade -, mas também respeito por si próprios. Um povo que não se respeita a si próprio, nunca será respeitado por outros. Ora, o iberista sempre manifestou um profundo desprezo pela dignidade e liberdade do português, agindo de modo a destruir a comunidade que o viu nascer... As mortes de dois iberistas assumiram uma enorme carga simbólica na história

A morte do Conde de Andeiro, fidalgo galego, foi o símbolo de liberdade de um povo que recusa as ingerências externas e os jogos palacianos. Este traidor castelhano participou em conspirações ao serviço de Portugal e de Inglaterra. Em Lisboa, ascendeu a uma elevada posição na corte, tendo recebido de D. Fernando o título de Conde de Ourém, e na crise de 1383-85, esteve ao serviço de Castela. Foi assassinado, em 1383, por D. João, mestre de Avis e futuro rei. A sua nefasta ação traduziu-se numa violenta guerra civil que só terminou quando os portugueses exterminaram os aliados de Castela.

Já a morte de Miguel de Vasconcelos exprime simbolicamente a afirmação da identidade cultural de um povo, cuja forte individualidade saiu reforçada após uma opressão de 60 anos. Ficou tristemente célebre pelo ódio que nutria pelos seus concidadãos. Em 1634 tentaram-no matar. Se o tivessem feito, muitas vidas teriam sido provavelmente poupadas. Na manhã de 1 de dezembro de 1640, quando os portugueses restauraram a independência foi o primeiro a ser morto... depois, o povo português travou, durante 28 anos, uma sangrenta guerra na Europa e na América do Sul pela defesa da sua liberdade e dignidade.

Ora bem, como ninguém estuda História, episódios como este perdem a força e não são transmitidos de geração para geração, perdendo-se a memória coletiva do povo. Continuemos com as palavras de Carlos Fontes.

Nas últimas décadas, órgãos de comunicação social, usando da liberdade de expressão, têm procurado abrir fraturas na sociedade. O objetivo é:

1. Mostrar através de "sondagens" encomendadas ou "discussões" públicas que na sociedade portuguesa existe um grupo cujo objetivo é a dissolução do Estado português;
2. Dar "voz" à hipotética minoria iberista portuguesa. Ao mesmo tempo, a imprensa espanhola mostra a aceitação à integração.
3. Os supostos iberistas não constituem uma corrente de opinião nem um movimento organizado.

A razão por que escolhi este tema é a data que ora se celebra, o dia da Restauração da Independência de 1 de dezembro de 1640. Para que os mais jovens nunca o esqueçam e deixem de a tratar como um dia sem aulas. Infelizmente, é para a maioria, um dia como qualquer outro nos Açores, sem que o povo se dê conta do seu significado:

"...arrebatados do generoso impulso, saíram todos das carroças e avançaram ao paço. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida, venerável e brioso, com a espada na mão gritando: — Liberdade, portugueses! Viva El-Rei D. João, o Quarto!"

A ideia de nacionalidade esteve por trás da restauração da independência plena após 60 anos de monarquia dualista. Cinco séculos de governo próprio haviam forjado a nação, rejeitando a união com o país vizinho. A independência fora sempre um desafio a Castela. Entre os dois estados houve sucessivas e acerbadas guerras, as únicas que Portugal travou na Europa. Para os Portugueses, os Habsburgo eram usurpadores, os Espanhóis inimigos e os partidários, traidores. Avançara depressa a castelhanização do País de 1580 a 1640. Autores e artistas gravitavam na corte espanhola, fixavam residência, aceitavam padrões espanhóis e escreviam em castelhano, enriquecendo o teatro, a música ou a arte pictórica espanholas. A perda da individualidade cultural era sentida por portugueses, a favor da língua pátria e da sua expressão em prosa e poesia. Contudo, os intelectuais sabiam perfeitamente que os esforços seriam vãos sem a recuperação da independência política. Muitas razões que justificavam a união das coroas ficaram ultrapassadas. O Império Português atravessava uma crise com a entrada em jogo de holandeses e ingleses. Perdera o monopólio comercial (Ásia, África e Brasil) e a Coroa, a nobreza, o clero e a burguesia haviam sofrido severos cortes de receitas.

Os Espanhóis reagiam contra a presença portuguesa nos seus territórios, mediante vários processos, entre os quais a Inquisição. Isso suscitou grande animosidade nacionalista em Portugal aprofundando o fosso entre os dois países. Margarida, duquesa de Mântua, neta de Filipe II, exerceu o governo de Portugal de 1634 a 1640, como vice-rei e capitão-general. Economicamente, a situação piorara desde 1620 e estava longe de brilhante. Os produtores sofriam com a queda dos preços do trigo, azeite e carvão. A crise afetava as classes baixas, cuja pobreza aumentou. O agravamento dos impostos tornava a situação pior. Para explicar os tempos difíceis, a solução apresentava-se fácil e óbvia: a Espanha, causa de todos os males.

7 Oliveira Martins (1845-1894) é o melhor exemplo dos esbirros iberistas. É difícil de determinar a causa do profundo ódio que manifestava. Foi um típico viracasa: anarquista, socialista, republicano, monárquico, liberal, antiliberal. Defendeu a liberdade, mas também a ditadura. Atacou os ditadores, mas apoiou João Franco, sendo apontado como um dos introdutores das ideias socialistas e como um profascista. Muitas das ideias foram aplicadas por ditadores (Sidónio Pais ou Oliveira Salazar). Antero de Quental (1869) era um confesso iberista, dois anos depois já nem fala no assunto, e mais tarde abomina a ideia. Algo idêntico ocorreu com Teófilo Braga.

A conspiração independentista era heterogénea [nobres, funcionários da Casa de Bragança e do clero]. Em novembro conseguiram o apoio do duque de Bragança. Na manhã do 1º de dezembro, um grupo de nobres atacou a sede do governo, prendeu a duquesa de Mântua, matou e feriu membros da guarnição militar e funcionários, como o Secretário de Estado, Miguel de Vasconcelos. Já dizia Camões: “Também dos Portugueses alguns traidores houve, algumas vezes...” (Os Lusíadas, C. IV, 33). Seguidamente, os revoltosos percorreram a cidade, aclamando o novo estado, secundados pelo entusiasmo popular, a mudança do regime foi recebida e obedecida sem dúvida. Só Ceuta permaneceu fiel à causa de Filipe IV.

D. João IV entrou em Lisboa a 6 de dezembro. Proclamar a separação fora fácil, difícil seria mantê-la. Tal como em 1580, em 1640 os portugueses estavam desunidos. As classes inferiores mantinham a fé nacionalista em D. João IV, mas o clero e a nobreza, com laços em Espanha, hesitavam. O novo monarca estava numa posição pouco invejável.

Do ponto de vista teórico, tornava-se necessário justificar a secessão não como usurpador, mas a reaver o que por direito legítimo lhe pertencia⁹. Do lado espanhol, a Guerra dos Trinta Anos (até 1659) e a questão da Catalunha (até 1652) atrasavam ofensivas de vulto. A guerra, que se prolongou por 28 anos, teve altos e baixos até se assinar o Tratado de Lisboa, em 1668, entre Afonso VI de Portugal e Carlos II de Espanha, em que este reconhece a independência do nosso País.

Hoje, gente com passaporte português celebra o 1º de dezembro como desastre ou deplorável evento. Esquecem que se tratou da reconquista da liberdade do povo e da nação subjugada pela dinastia dos Filipes de Castela. Mais vale um povo pobre e livre do que rico na gaiola dourada com as cores do reino de Espanha. Assim o dizem os galegos que se aproximam das origens portuguesas preservando a língua e cultura comuns: a memória dos homens é curta.

São interessantes os “pequenos detalhes” que determinam a História e que legalizaram de pleno direito a sucessão de Filipe II ao trono de Portugal em 1580 por morte sem descendência do herdeiro varão cardeal D. Henrique (68 anos) 9º filho do rei D. Manuel I. A candidatura de Filipe era fortíssima e indiscutível pelo casamento da filha terceira de D. Manuel I, com Carlos V, pais de Filipe I (II de Espanha).

Paradoxalmente, antes da candidatura de Filipe, a situação poderia ter sido invertida, unificando as coroas ibéricas “para o lado português”. Em 1499, foi proclamado herdeiro das coroas de Portugal e de Espanha, Miguel da Paz10, primeiro filho de D. Manuel I com Isabel, filha dos Reis Católicos. Azar dos portugueses ou conspiração castelhana, morreu com 2 anos de idade.

Os portugueses serão sempre saudosistas, dos espanhóis, de Salazar e do sonho chamado 25 de abril.

– Quem diria que Portugal estaria melhor como província espanhola do que independente? (Os galegos dizem que não).

- Quem garante que não seria Portugal uma célula independentista, tipo ETA, (aliada ou não à Galiza)?

- E se fosse ao contrário? Se o Reino de Espanha fosse hoje uma província de Portugal?

Que aconteceria aos Bourbon?

Só tinham utilidade nos EUA. Lá emborcam todos os Bourbon que encontram.

Infelizmente, aqui ao lado, entronizam-nos e chamam-lhes Reis.

CRÓNICA 369 OS TRÊS CÍRCULOS – REVISITANDO MACAU E UM AUTOR AÇORIANO ESQUECIDO LEAL DE CARVALHO 5.12.2020

A vida em Macau era à época em que lá vivi (1976-82), um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático. Resumia-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, força sem identidade nacional (arreigados à herança cultural lusófona falando e lendo fluentemente a língua de Camões, os mais cosmopolitas falavam chinês e inglês, e outro segmento nas bordas linguísticas do cantonense). Leal de Carvalho escreve

«a cidade que no passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas, e alguns, poucos, pelas ideias políticas. Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura da guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios próprios de cada um» (in Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5). A construção desta identidade fora «instalada, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de

8 (Paço da Ribeira)

9 Abundante bibliografia (em Portugal e fora dele) procurou demonstrar os direitos reais do duque de Bragança. Se o trono jamais estivera vago de direito, em 1580 ou 1640, não havia razões para eleição em cortes, o que retirava ao povo a importância que teria, fosse o trono declarado vago.

10 in Oliveira Marques, “A Restauração e suas Consequências”, in História de Portugal, vol. II, Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, ed. Presença, 1998, pp. 176-201). Todo o reinado (1640-56) foi orientado por prioridades. Primeiro, a reorganização militar, reparação de fortalezas, linhas defensivas fronteiriças, fortalecimento das guarnições e obtenção de material e reforços. Paralelamente, a intensa atividade diplomática nas cortes da Europa, para obter apoio militar e financeiro, negociar tratados de paz ou de tréguas, conseguir o reconhecimento da Restauração, e a reconquista do império ultramarino. A nível interno, a estabilidade dependeu, do aniquilamento da dissensão a favor de Espanha. A guerra da Restauração mobilizou todos os esforços e absorveu enormes somas. Pior, impediu o governo de conceder ajuda às atacadas possessões ultramarinas. Mas, se o Império, na Ásia, foi sacrificado, salvou a Metrópole da ocupação pelos espanhóis. Portugal não dispunha de exército moderno, as forças terrestres escassas, as coudelarias extintas e os melhores generais lutavam pela Espanha, e a guerra se limitou a operações fronteiriças de pouca envergadura.

autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela força dos números, os ameaçava submergir» (in Leal de Carvalho, *Ao Serviço de Sua Majestade*, p. 377).

O autor fala ainda do convívio interracial que tinha reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, da comunidade macaense e mais da chinesa, consentia a liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região... fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai. Alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, sábia, realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero Império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas,” solução cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia.» (in Leal de Carvalho in *Os construtores do Império*, p. 137)

Depois, havia um círculo menor, exterior, constituído pelos portugueses. Durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído pelos que iam e vinham com cada equipa governamental a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou para a polícia e por lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando integrados na família lusófona, como é amplamente descrito na obra literária do atrás citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho que ali viveu 40 anos entre 1959 e 1999.

Por último, um enorme círculo, exterior a tudo, com motor próprio na economia, constituído pelos chineses, liderados pela pequena elite, dependente de Pequim aonde viajavam frequentemente, a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do delegado português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como, porquê, onde e quando. Davam a entender ao governo português a insatisfação quando a administração exorbitava ou tinha uma “ideia brilhante” sem os consultar. Sempre mandaram no território e determinavam como os súbditos que representavam mais de 96% da população se comportariam. A clique que geria a “Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal” ocultava o facto de descender dos mandarins chineses que, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau.

Voltemos aos aspetos culturais.

Não esqueçamos que para as comunidades chinesas, a mulher que namorasse um kwai-lo estava um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que casasse ficava o estigma de que havia algo de errado com elas. Os pais da jovem podem nem mostrar insatisfação, mas o conceito é preponderante no meio social e refletido na linguagem, a todos os níveis. A família, altamente hierarquizada, é tradicionalmente dominada pelo macho. A mulher que se case com o kwai-lo, e o marido, estão abaixo da escala social e da estima dos parentes. Tecnicamente, deixou de pertencer à família e passou à dele, perdendo os laços consanguíneos. O mesmo sucede com os filhos que não farão parte do seio social e cultural da família de onde descendem. No caso da mulher casada com um não-chinês, ela está apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a outra família, do marido. Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que ora, a filha da família chinesa é um risco maior do que quando vivia em casa. A mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e todos querem ter um filho e não uma filha, onde se manteve a regra do filho único (a lei do filho único (preferencialmente varão) foi mantida até novembro de 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos). Se a sogra chinesa tratar o genro como um ser humano isso só prova a sua amabilidade, ao evitar mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha. Obviamente que se o incluírem numa festividade ou celebração será um privilégio, tal como dar boleia aos que precisam... a sogra chinesa jamais entenderá a injusta e má sorte de ter um branco para genro.

O campo matrimonial na família é da mais alta responsabilidade e critério dos pais, sendo conhecidos casos de deserdados por não casarem com as escolhidas. Essa falta de obediência será a culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por quantas mortes ocorram, e problemas de saúde dos pais e parentes. Este tipo de normas repercute-se nos países de destino das famílias emigradas e representa a arreigada preservação das normas rurais das zonas de origem.

Nos países de acolhimento (como vi na Austrália) falam (por ex.º) Taishanês em vez de Cantonense pois Toisaan (Toishan - Taishan cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau, pertence a Jiangmen (140 km W de Hong Kong), parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior, Shangchuan Island (S. João) é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.

Lembrava-me que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o meu caso - jamais seria considerado como “um deles.” Sempre me limitei a ver, de fora para dentro, a sociedade que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes me limitando a apreender o máximo. Nunca namorei - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia que tal me estaria vedado ab initio. Nem todas estas características se impuseram como norma nas famílias macaenses, mas, a mero título de curiosidade, posso confirmar que se telefonasse para uma macaense, cujos pais não conhecesse, seria submetido ao interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

“Quem sou? Como conheci a filha dela? De onde era a minha família?

Se era casado? Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?

Qual a profissão do meu pai? O que estudava (se andava a estudar)? Ou em que trabalhava (se andava a trabalhar)?

Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa...”

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas sem tempo para réplica, previamente desnecessária, as respostas nunca seriam satisfatórias porque eu seria sempre um kwai-lo. É neste imbróglio de agendas separadas que ali aterro em 1976, sem saber nada disto, além de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações, à época, não me levavam a interessar pela sociologia ou linguística (a que me viria a dedicar depois de 1984). Achava curiosa a existência do patuá similar ao de Malaca, crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos falantes. A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa sensual, no prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem. Os olhos raramente se desviavam das cabaiais de seda ou Cheong-sam, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem

torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir. A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

Cito Leal de Carvalho:

«A interpenetração dos valores culturais das múltiplas comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaísta dos usos e costumes chineses que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias... O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos tinham adoçado a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusiada e conferido à sociedade macaísta, uma tolerância e sofisticação que comportava. Admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios» (in O Senhor Conde, p. 214).

«Devia a mulher ser sempre «nova, esguia, bem torneada, na cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52)...

«Outros homens sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres. É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculpturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53)...



«É ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele... «as senhoras chinesas tinham uma complexion de pétala de rosa» (in Ao Serviço de Sua Majestade p. 602) característica que as macaenses herdariam. Ou «a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323).

Fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses. Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local. Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular.

Tentar à distância de décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e pode carecer de fidelidade. Surgem sempre enevoadas memórias mais róseas do que talvez, na época, fossem. Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar habitual, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepunham-se então à mera excitação pelas descobertas que preenchiam dias e noites. Era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil. Muitas forças contraditórias me impeliam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta ordem. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm hoje. Não são uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, que permitem a liberdade de crença em qualquer sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal. Curiosamente, este paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. À época faltavam-me muitos anos para entender, na globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista “Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade” que se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

CRÓNICA 370 VOTOS SAZONAIS DEZ 2020

Desde o início do ministério público de Jesus, fariseus e adeptos de Herodes, sacerdotes e escribas, mancomunaram-se para matá-lo. Por causa da expulsão de demónios, perdão dos pecados, curas ao sábado, interpretação dos preceitos de pureza da Lei, familiaridade com publicanos e pecadores públicos, Jesus pareceu a uns mal-intencionados, suspeito de posseção demoníaca. É acusado de blasfémia e de falso profetismo, crimes que a Lei punia com a pena de morte por apedrejamento. Nos templos, cheios de vendilhões, diz o poeta António Aleixo in "Este Livro que Vos Deixo..."):

Os Vendilhões do Templo
Deus disse: faz todo o bem
Neste mundo, e, se puderes,
Acode a toda a desgraça
E não faças a ninguém
Aquilo que tu não queres
Que, por mal, alguém te faça.
Fazer bem não é só dar
Pão aos que dele carecem
E à caridade o imploram,
É também aliviar
As mágoas dos que padecem,
Dos que sofrem, dos que choram.
E o mundo só pode ser
Menos mau, menos atroz,
Se conseguirmos fazer

Mais p'los outros que por nós.
Quem desmente, por exemplo,
Tudo o que Cristo ensinou.
São os vendilhões do templo
Que do templo ele expulsou.
E o povo nada conhece...
Obedece ao seu vigário,
Porque julga que obedece
A Cristo - o bom doutrinário.

Hoje há muitos que mereciam serem apedrejados e continuam à solta com as mordomias que o povo ignorante e manipulável lhes concede em troca do voto quadrienal com que os enganam, enquanto distribuem futebol, fado e falácias em ambiente circense de telenovela em tempo real, para que se preocupem com as inutilidades dos outros sem cuidarem da sua.

Aos iluminados desejo esperança, são a elite minoritária que teima em não se calar, em WikiLeaks ou outros, a desmascarar a globalizada corrupção que detém os cordelinhos dos dirigentes em folias mandatadas pela banca, embora se arrisquem a ter um processo e serem desacreditados perante os ingénuos e analfabetos.

Cada vez mais, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: espécie de objetividade emocional, que através da percepção positiva nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e a construir uma vida melhor: "Os otimistas são os que acham que a vida vale a pena ser vivida".

A todos desejo, nesta estação como no resto dos anos que virão, por entre crises, guerras, fomes, catástrofes naturais e humanas, os melhores votos, na certeza de que cada um constrói o berço de palhinhas em que se deita e não adianta ficar à espera, porque os Reis Magos não andam de camelo e o GPS deles não vos localiza. Por outro lado, à volta estão Pilatos e Herodes e na cruz já não estão o bom e o mau ladrão, que andam ocupados em coisas da governação e não têm paciência para fazer companhia ao Cristo.

Dito isto e face à crise que vem por anos (ou décadas), sorria, sinta-se melhor e lembre-se dos milhões que estão pior, os que não têm (ou já não têm) liberdade de escrever o que pensam e sentem, os que não têm água ou comida, ou não têm teto, ou não têm saúde ou trabalho, os escravizados e que estão bem pior do que nós.

Dizem que a idade amolece os espíritos, mesmo os empedernidos como o meu, e os faz reviver momentos passados. Sinto nostalgia pelo que passou e energia e tempo desperdiçados na voragem da vida, com sonhos e desilusões, acalentando a esperança infinitamente vã de ser mais feliz ou menos infeliz. Assim repito votos inúteis de paz, felicidade e amor, por entre ruínas das guerras e catástrofes que o homem causa mas que não o incomodam enquanto afivela o sorriso de Boas-Festas.

Quanto mais os anos passam, mais o esqueleto se recusa ver a imagem que o cérebro gravou e que não é a mesma que se reflete no espelho. É sempre difícil aceitar a degenerescência e envelhecimento, por mais graciosos que os queiramos. Cumprir o balanço do deve e do haver de cada um, sabendo dar graças, a quem quer que seja, por termos resistido a tudo que se nos colocou como obstáculo e que conseguimos ultrapassar. Alguns assemelham-se a brincadeira de criança, embora, na época em que ocorreram, mais se assemelhassem a catástrofes gigantescas. Não sei envelhecer sentimentos e desejos, continuo um eterno adolescente cheio de fulgor mental, de sonhos, ambições, insatisfeito por não almejar mais. Não nego que me interrogo sobre a razão pela qual temos de andar neste vale de lágrimas, como diriam os mais crentes, mas dou graças por ter conseguido o que já alcancei.

O ano foi pleno de crises, dificuldades e doenças com a pandemia do medo e a do SARS-COV2, confinamentos, restrições à liberdade, desrespeito à constituição em nome da saúde, e o ano a findar com uma mudança de liderança nos Açores ao fim de 24 anos de PS no poder, desgastado, sem ideias, com tiques autoritários e arrogantes, substituído por uma caranguejola (mistura de caranguejo e santola) antinatura a prometer mudanças enquanto o arquipélago se afunda nas estatísticas do ensino, da economia, da violência doméstica e outros indicadores. O desemprego ao virar da esquina, a economia lânguida sem turismo e a enorme incógnita sobre como serão os anos que se seguem, em que nem eu me arrisco a fazer previsões ou votos, sejam quais forem. O otimismo irei mantê-lo custe o que custar, pois sei que poderíamos estar bem pior do que estamos

Com efeito, nunca me canso de agradecer não ser do Afeganistão, Coreia do Norte, Nigéria, Mali, Paquistão, Bangladeche, Irian Jaya (Papua Ocidental sob ocupação indonésia desde 1962), Iémen, Iraque, Irão, Caxemira, (na ainda ilegal) República Sarauí, República do Congo, Chade, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Ruanda, Burundi, Quênia, Uganda, Somália, Etiópia, Sudão, Líbia, Síria, Egito, Eritreia, Camboja, Birmânia (Myanmar), Chechénia, ou na maioria dos países da América Central, Latina ou do Sul, México, Albânia, Hungria, países balcânicos e da ex-União Soviética, Ucrânia, Crimeia e países terminados em "tão" (Turquemenistão, Tajiquistão, etc.) num total de 151 atualmente em guerra...

O otimismo irei mantê-lo custe o que custar, pois sei que poderíamos estar bem pior do que estamos e para mim estar nos Açores é viver no Éden apesar das traiçoeiras maçãs e serpentes que aqui plantaram junto com as Evas



CRÓNICA 371 QUANDO OS AMIGOS MUDAM DE DIMENSÃO 13.12.20 IN MEMORIAM PEDRO FREITAS (PETER PARA OS AMIGOS)

Ao longo de toda a vida nunca fui pessoa de muitos amigos, conhecidos aos montes, mas amigos foi sempre uma classificação restrita. Alguns desses amigos são-no, há décadas, herdados da diáspora em Timor, Macau, Austrália e outras paragens, e podem passar anos, dezenas deles, que a amizade nunca se esvai e os contactos se mantêm, mais ou menos fugazes consoante a vida de cada um.

Este ano, entre muitos outros que se foram, fui particularmente tocado pela passagem a outra dimensão do meu mentor Malaca Casteleiro, do Leonel Batalha ex-secretário do Consulado-Geral em Sydney mais pai que ex-sogro e agora o Peter.

Tenho perante a morte uma atitude filosófica muito oriental



A passagem terrena é curta e o melhor a fazer é aproveitá-la bem, enquanto cá se anda. Nunca se sabe quando chega o prazo de validade de cada um. A quantidade de horas desperdiçadas em guerras, desentendimentos, amuos é enorme, considerando o já imenso tempo malbaratado a dormir e noutras atividades sem impacto na marca terrena que cada um pensa deixar. Disto é feita a matéria humana. Quem era eu, para endireitar o mundo? Já deixara de o fazer há mais de uma década. A morte, como já escrevi, por diversas ocasiões e formas, é uma noção tabu na sociedade ocidental. Não se prepara para ela nem se aceita livremente quando chega. Preferia uma maneira de ser e de estar mais em conformidade com os ritos orientais. Toda a vida é experimentada tendo em mente que a morte é o passo seguinte, o fim, o objetivo primário. A vida é a fase transiente e passageira, e não um desfecho em si. Apenas a curta etapa da passagem por este orbe que diariamente os humanos destroem.

O Peter foi um dos meus primeiros chefes na Emigração, Serviço de Intérpretes pelo Telefone (TIS) nos idos de 1984, nativo da Madeira crescido em Moçambique falava fluentemente dez línguas entre as quais russo e grego e apoiou-me na entrada para a função pública australiana onde me radiquei no Ministério do Emprego e Relações Industriais, como se chamava então.

Mantivemos sempre contacto e foi parceiro de incontáveis jogos de pingue-pongue, que detestava perder contra mim e o meu amigo angolano Jacko (então acabado de chegar à Austrália). Foi durante alguns anos, Conselheiro das Comunidades Portuguesas, mas muito crítico do papel que essa entidade tinha e que ele acusava de nada servir, pois os governantes nunca seguiam as indicações dos emigrantes.

Tal como eu tinha alguns casamentos falhados e pelo menos dois filhos que me lembre, que eram a sua maior alegria. Esta amizade de 40 anos manteve-se, e era um dos poucos e fieis leitores destas minhas crónicas, sempre me incentivando, comentando "acertaste na mouche", "que nunca te doam as palavras" e comentários semelhantes. Quando fui casar a Sydney em 1996 foi-se despedir de mim ao aeroporto à área reservada dado seu estatuto de funcionário muito sénior da Emigração e não nos tornámos a ver. Há dias enviei-lhe votos natalícias e hoje, em resposta sei que se passou para o lado de lá, onde estou certo continuará a ler as minhas crónicas. Obrigado Peter pela tua amizade

CRÓNICA 372 ILHAMÉRICA DE ALMEIDA MAIA

COMECEI E ACABEI O LIVRO DE ALMEIDA MAIA EM MENOS DE 48 HORAS.

Não sou crítico literário nem sei escrever exegeses literárias, circunscrevendo-me no meu analfabetismo crítico a duas tonalidades: GOSTO ou NÃO GOSTO. Este livro tal como aconteceu com os anteriores que li do mesmo autor, tem um defeito

que adoro, o preciosismo das descrições, o estudo detalhado das épocas que percorre, citações sempre bem contextualizadas e uma imagética rica que espera um realizador para a tornar em documentário cinematográfico.

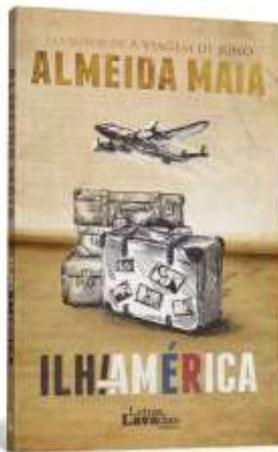
A história que, felizmente conhecia há décadas, foi extremamente bem trabalhada com todos os detalhes, denotando uma investigação cuidada e profunda, até nos intermezzo musicais da Venezuela a Santa Maria. Igualmente aprimorada a cena da PIDE, tanto mais difícil quanto se sabe que o autor não viveu esses horrores.

Também não teve medo de falar da pobreza, da miséria, da fome que se viveu nessa década de 1960 nas ilhas e no continente metropolitano. Um belo retrato de como os açorianos sempre se mostraram dispostos a votar com os pés quando as adversidades eram demasiadas, o que ainda hoje explica a redução demográfica que todas as ilhas sentem.

A ficcionalização do evento sem ter obtido apoio do “herói” que prefere viver lá nas Américas do seu sonho é deveras fidedigna nos seus minuciosos factos, a que acresce (como acontecia em obras anteriores deste autor) a introdução de eventos quotidianos importantes como foi o naufrágio do Arnel e algumas quedas de aviões.

Resta-me esperar que alguém com tarelo na RTP Açores ou mesmo na RTP ibérica tenha a visão de converter este excelente livro numa série ou numa curta-metragem e estou certo de que seria uma obra premiada como merecida este IlhAmérica com que Pedro Almeida maia promete iluminar este natal e este ano sombrio e covidesco.

Pena tenho de não ser crítico para poder expressar tudo que me fascinou neste volume que devorei. Temática e estilisticamente o autor deu um enorme salto qualitativo nesta sua mais recente obra, e aguardo impaciente que consiga descobrir os dados da vida do Mané na América e nos dar uma sequência.



CRÓNICA 373. O QUE MUDOU AGORA QUE JÁ SE FOI O NATAL DEZ 2020

Agora que o natal acabou com troca de compotas nas escadas ao pequeno-almoço ou no pátio como sugeriu a DGS, ainda não podemos tirar a máscara covidisca nem confraternizar, nem levar a vida normal que se levava em 2019, todos a fingir que isto vai ficar bem um dia. Com vacina ou sem vacina nunca se sabe se esse dia chegará, se não virão mais mutações deste ou novos vírus, novos ataques às liberdadezinhas que à pala do COVID nos foram retirando sem muitos queixumes, pois era tudo por causa de um bem maior e à pala de cuidarem da saúde trataram mesmo da saúde mental que nos afetará daqui para a frente. E virá a fome, a miséria, o desemprego e com a pouca saúde que restar, sociedades desmanchadas, economias destruídas, países destroçados, famílias desfeitas, proibidos os afetos e celebrações religiosas, rejubilemos pois, felizmente, a Constituição da República permite a vida partidária, congressos e outras reuniões políticas mesmo em pandemia. Até pensei chamar ao meu dia de anos Congresso Partidário...

O único ponto positivo é que já podemos voltar a andar à lambada, pois passou a época dos beijos, abraços e prendinhas e não é preciso fingir ser simpático para a tia Gertrudes que sempre foi uma grande parva, ou para a vizinha Desidéria que é uma cusca sempre à janela a dizer mal dos outros. Não preciso fingir que somos amigos, nem mesmo daquele grandessíssimo filho da mãe que me prejudicou e eu, durante anos, a pensar que era o melhor amigo... Não preciso fingir que gosto de toda a gente, pois obviamente não gosto, mas também não disfarçem que são amigos de peito quando somos “amigos” no Facebook, e aí a palavra amigo significa “conhecido”, embora eu não conheça pessoalmente nem de vista a grande maioria nem esteja interessado.

Isto faz lembrar a história daquele senhor que era tão popular que nem podia ter mais amigos nas redes sociais, mas no enterro só estava o coveiro e o senhor da casa funerária.

Pois bem agora que deitamos fora a máscara da hipocrisia e só ficamos com a máscara do Covid-19 que tal uma promessa de ano novo, daquelas que todos os anos repetimos para nunca serem cumpridas, mais ou menos como a promessa de “para o ano vou deixar de fumar”... Eu há muito que decidi cumprir a minha promessa de não fazer fretes a ninguém, nada faço que me incomode ou amofine mas com a cortesia suficiente para viver em sociedade, nada mais. Cresci em ambientes de fingimento e de faz de conta que, como sabemos, constituem a espinha dorsal da hipocrisia da sociedade contemporânea portuguesa. Ao abdicar dessas regras passei a ser “persona non-grata” ou meramente antipática, se bem que bastante mais coerente do que fora em tempos idos. Assim, evitei mal-entendidos dizendo, quando necessário, o que devia ser dito.

Agora que o natal acabou, posso continuar a ser solidário todo o ano sem os holofotes natalícios sobre mim. Continuo a poder ansiar por mais um ano sem guerras nem violência, da qual sempre fugi jamais me tendo envolvido em confrontações

físicas. Não entendo a sociedade atual, nem a sua falta de princípios, de educação, de cortesia e respeito pelo próximo, vivemos dias de egoísmo exacerbado, de verdades únicas e indiscutíveis do pensamento dominante, de cinzentismo que impõe normas e padrões obrigatórios em nome de uma pseudo-purificação das nossas imperfeições e nos conduz como carneiros obedientes ao matadouro que nos reservaram.



Virão mais desastres por alterações climáticas, normais ou induzidas pelo homem e pelos próprios ciclos da natureza. Haverá mais refugiados, mais racismo, mais discriminação, mais fascismo, menos respeito pelos direitos humanos, mas pode ser que sobrevivamos. E como disse Antoine de Saint-Exupéry *“Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos”*. Espero, se a tanto me ajudar o engenho e arte, o novo ano assista à produção de mais poesia pois é *“uma arma carregada de futuro”*, como escreveu Gabriel Celaya¹¹ e ela que comanda a minha vida ainda entremeada de utopias que teimo em fazer acontecer.

Em 2021 celebrarei 20 anos de colóquios da lusofonia, com 32 edições realizadas e duas adiadas pela pandemia e espero que os dois médicos que cuidam da minha cara-metade consigam mantê-la sobreviva por mais tempo. Grato ao Dr Carlos Pavão e Dr Roberto Bento de Sousa. Numa altura em que todos se queixam do SNS eu agradeço a esses clínicos que permitem que a esperança ainda viva em nós.

CRÓNICA 374, NÓS, OS VELHOS EM 2021



NÓS OS VELHOS estamos em fila neste 2021 para um lar que não nos mate, para um país que não nos dê morfina para calar as dores, para uma vacina que ninguém sabe bem se morremos da doença ou da cura, para uma sociedade que se quer ver livre de nós a qualquer preço, para uma família que não quer saber dos sacrifícios que fizemos para que ela existisse, uma academia que não se interessa e prefere desperdiçar a nossa experiência e conhecimentos.

Como dizia a apache Edna Syn *“um dia a gente aprende que nada é meu, teu, ou nosso, tudo é emprestado. A única certeza, é que um dia, a vida vem e leva tudo de volta. Quando a última árvore tiver caído, o último rio secado, o último peixe pescado, entenderão que o dinheiro não se come”*.

Dizia Isabel Stilwell *“Síndrome das Festas”*, termo cunhado, em 1955, pelo psiquiatra e psicanalista, James Cattell, para descrever a sintomatologia que muita (e muita) gente revela nas semanas entre o Thanksgiving, o dia de Ação de Graças, e os primeiros dias de Janeiro. Reconhece os sintomas? Ansiedade difusa, sentimento de desilusão, irritabilidade, nostalgia, ruminação amarga sobre experiências negativas do passado, depressão e, ainda, um estranho e frustrante desejo de que todos os problemas se resolvam como que por magia.”

Todos os dias do ano num qualquer lugar do mundo de 80 milhões de refugiados, o presépio está vivo.

¹¹ Gabriel Celaya – *“La Poesía Es un Arma Cargada de Futuro”*, com tradução ao português pelo lusitano José Bento –, que veio a lume em 1955, inserida que estava na obra *“Cantos Iberos”*.

O importante é resistir à solidão, às doenças e ao medo, diria eu, nesta época de consumismo desenfreado em que nós velhos apenas somos cortejados para aparelhos auditivos, cadeiras elevador de escadas ou fraldas descartáveis, como elementos descartáveis que somos dessa mesma sociedade consumista que nos consome a todos.

Há milhares de anos que somos escravizados e mantidos em prisões mentais por elites e sociedades secretas. Keanu Reeves diz que "a Matriz é um Universo Holográfico e que aqueles que desejam nos controlar nos projetam. A humanidade foi reprimida e controlada dessa forma por milénios. Achamos que é real mas na realidade é apenas um filme que se joga na consciência coletiva apresentando-se como "Realidade". Keanu Reeves não é o único a acreditar que a humanidade vive numa matriz há milhares de anos. Algumas das pessoas mais ricas e influentes do mundo estão convencidas de que vivemos numa simulação de computador. Pelo menos dois dos bilionários em tecnologia do Vale do Silício estão esbanjando dinheiro em esforços para tirar os humanos da simulação em que pensam que vivemos. Elon Musk acredita que as chances de não vivermos em uma simulação de computador do tipo Matriz são de "bilhões para um".

A libertação e demonstração de que, afinal, estamos vivos depende de nós, lutando contra as franjas da Humanidade que se entretêm com as Kardashians e os Big Brothers do entorpecimento mental que a todos aniquila.

Não podemos aceitar continuar a ser tratados como dispensáveis, descartáveis, trapos velhos, como a sociedade nos quer tratar. Temos sentimentos, temos vida, temos sonhos, independentemente da idade e merecemos respeito por lutar contra a tecnologia e a IA (inteligência artificial) que quer fazer de nós rodas dentadas incompatíveis com a nova engrenagem do mundo.

Resistamos ao vírus e ao medo que se apodera de todos, vivamos a vida que nos resta com dignidade, sejamos açorianos com orgulho, independentemente de aqui termos nascido ou vivido. Velhos seremos todos, mas só é açoriano quem o sente.



Chrys Chrystello, Jornalista,

Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association MEEA]

Diário dos Açores (desde 2018)

Diário de Trás-os-Montes (desde 2005)

Tribuna das Ilhas (desde 2019)

Jornal LusoPress Québec, Canadá (desde 2020)

não citar draft sem cores